

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE – UNIVILLE  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PRPPG  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PATRIMÔNIO CULTURAL E SOCIEDADE

A MULTIPLICIDADE CULTURAL E A CRÍTICA  
SOCIOPOLÍTICA NAS NARRATIVAS DE DAVID GONÇALVES:  
*PÉS-VERMELHOS, PÓ E SOMBRA, O SOL DOS TRÓPICOS E SANGUE VERDE*

CLADIR GAVA

JOINVILLE

2022

CLADIR GAVA

A MULTIPLICIDADE CULTURAL E A CRÍTICA  
SOCIOPOLÍTICA NAS NARRATIVAS DE DAVID GONÇALVES:  
*PÉS-VERMELHOS, PÓ E SOMBRA, O SOL DOS TRÓPICOS E SANGUE VERDE*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade, Linha de Pesquisa Patrimônio, Memória e Linguagens, da Universidade da Região de Joinville – Univille, como requisito para obtenção do título de Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade, sob orientação da professora Dra Taiza Mara Rauen Moraes.

Joinville

2022

Catálogo na publicação pela Biblioteca Universitária da Univille

G279m Gava, Cladir  
A multiplicidade cultural e a crítica sociopolítica nas narrativas de David Gonçalves: Pés-vermelhos, Pó e Sombra, O sol dos trópicos e Sangue verde/ Cladir Gava, orientadora Dra. Taiza Mara Rauem Moraes. – Joinville: UNIVILLE, 2022.

84 p.

Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural – Universidade da Região de Joinville)

1. Gonçalves, David. 2. Literatura – História e crítica. 3. Multiculturalismo na literatura. 4. Exclusão social na literatura. I. Moraes, Taiza Mara Rauem (orient.). II. Título.

CDD 801.95

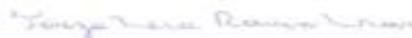
### Termo de Aprovação

"A Multiplicidade Cultural e a Crítica Sociopolítica nas Narrativas de David Gonçalves:  
Pés-Vermelhos, Pô e Sombra, O Sol dos Trópicos e Sangue Verde"

por

Cladir Gava

Dissertação julgada para a obtenção do título de Mestra em Patrimônio Cultural e Sociedade,  
área de concentração Patrimônio Cultural, Identidade e Cidadania e aprovado em sua forma  
final pelo Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade.



Profª. Dra. Taiza Mara Rauen Moraes  
Orientadora (UNIVILLE)

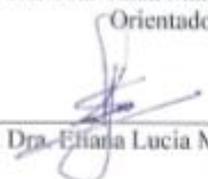


Profª. Dra. Raquel Alvarenga Sena Venera  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade

#### Banca Examinadora:



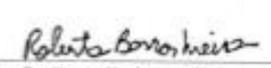
Profª. Dra. Taiza Mara Rauen Moraes  
Orientadora (UNIVILLE)



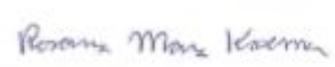
Profª. Dra. Eliana Lucia Madureira Yunes  
(PUC/RJ)



Profª. Dra. Nadja de Carvalho Lamas  
(UNIVILLE)



Profª. Dra. Roberta Barros Meira  
(UNIVILLE)



Profª. Dra. Rosana Mara Koerner  
(UNIVILLE)

Joinville, 16 de fevereiro de 2022.

“Esta trapaça salutar, esta esquiva, este logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: literatura”.

Roland Barthes (1978, p. 16)

## AGRADECIMENTOS

Há uma energia em cada partícula do cosmos, que conecta os seres vivos em um movimento contínuo. Ainda que não consigamos compreender os mistérios da vida, podemos sentir essa força, que eu chamo de Deus, em todos os elementos da natureza: na terra, na água, no sol, no ar, na fauna, na flora e em tudo o que existe no universo do qual fazemos parte. Essa força nos aproxima de pessoas que nos dão as mãos e passam a fazer parte da nossa caminhada em busca de novos horizontes. Sou grata a Deus pelas experiências que tenho vivenciado.

Gratidão aos meus queridos familiares, pelo incentivo e por compreenderem o meu desejo de sempre aprender mais.

Agradeço às professoras e aos professores que tive ao longo do meu percurso acadêmico e que são referências para minhas práticas, pelas suas ações, não somente como profissionais, mas também como pessoas sensíveis e dedicadas. Aprendi que não é possível pensar a educação e nem o patrimônio cultural sem sensibilidade, comprometimento, desejo de aprender e compartilhar saberes. Em especial, nesta jornada do mestrado, agradeço a minha orientadora, professora Taiza Mara Rauen Moraes, pelos valiosos apontamentos na elaboração da pesquisa; desde a minha graduação em Letras, inspira-me no estudo da literatura; desenvolve um trabalho maravilhoso no estudo das linguagens junto à comunidade acadêmica e à sociedade. O grupo de pesquisa Imbricamentos de Linguagens, coordenado pela Professora Taiza, tem sido um espaço de leitura, diálogo e reflexões que contribuíram significativamente em minha pesquisa. Agradeço também aos colegas do grupo, pelas trocas de ideias e pelas nossas vivências.

À professora Rosana Mara Koerner, docente do curso de Letras no período em que cursei a graduação e que coordenou o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) em seu início, período do qual fiz parte e foi enriquecedor para minha atuação na educação básica. É uma alegria (re)encontrar as professoras que sempre estiveram presentes em minhas memórias.

À professora Cláudia Valéria Lopes Gabardo, coordenadora do Curso de Letras da Univille e aos alunos da turma do segundo ano de Letras, pela receptividade e atenção com que me acolheram por ocasião da realização do meu estágio de docência e pelas ideias que compartilhamos nas atividades desenvolvidas.

Aos muitos estudantes que fizeram parte da minha experiência como professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira e com os quais vivenciei momentos inesquecíveis,

lições que guardarei por toda vida.

Às professoras, professores e colegas da Turma XIII do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade. Apesar das limitações do ambiente virtual, nesses dois anos de mestrado compartilhamos experiências, expectativas, dividimos angústias e enfrentamos desafios; tempos de pandemia em que nos confrontamos com situações muitas vezes dolorosas, nas quais precisamos buscar nossas forças interiores.

Às professoras Nadja de Carvalho Lamas e Roberta Barros Meira, que participaram da minha banca de qualificação, grata pelas sugestões que agregaram muito para o aperfeiçoamento da pesquisa. Estendo os agradecimentos à professora Eliana Lucia Madureira Yunes, pelo aceite do nosso convite para integrar a banca de avaliação da dissertação.

Ao escritor David Gonçalves, grande criador da nossa literatura, apreciador da cultura brasileira e incentivador da leitura; tem sido uma honra estudar seus escritos. Cito a letra da canção “O cântico da terra” de Cora Coralina para homenageá-lo:

“Eu sou a terra, eu sou a vida.  
Do meu barro primeiro veio o homem.  
De mim veio a mulher e veio o amor.  
Veio a árvore, veio a fonte.  
Vem o fruto e vem a flor.  
Eu sou a fonte original de toda vida.  
Sou o chão que se prende à tua casa.  
Sou a telha da cobertura de teu lar.  
A mina constante de teu poço.  
Sou a espiga generosa de teu gado  
e certeza tranquila ao teu esforço.  
Sou a razão de tua vida.  
De mim vieste pela mão do Criador,  
e a mim tu voltarás no fim da lida.  
Só em mim acharás descanso e Paz.  
Eu sou a grande Mãe Universal.  
Tua filha, tua noiva e desposada.  
A mulher e o ventre que fecundas.  
Sou a gleba, a gestação, eu sou o amor.  
A ti, ó lavrador, tudo quanto é meu.  
Teu arado, tua foice, teu machado.  
O berço pequenino de teu filho.  
O algodão de tua veste  
e o pão de tua casa.  
E um dia bem distante  
a mim tu voltarás.  
E no canteiro materno de meu seio  
tranquilo dormirás.  
Plantemos a roça.  
Lavremos a gleba.  
Cuidemos do ninho,  
do gado e da tulha.  
Fatura teremos  
e donos de sítio  
felizes seremos”.

(Cora Coralina, 1997)

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	<b>9</b>
<b>ABSTRACT</b> .....	<b>10</b>
<b>1 ASPECTOS INTRODUTÓRIOS E CONCEITUAIS</b> .....	<b>11</b>
<b>1.1 Eixos conceituais norteadores da pesquisa</b> .....	<b>13</b>
1.1.1 Significados dos escritos literários .....	14
1.1.2 Cultura e memória .....	21
1.1.3 Reconstruções pós-modernas .....	23
1.1.4 Biopolítica e resistência.....	25
<b>1.2 Caminhos metodológicos</b> .....	<b>26</b>
<b>2 REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA DO SER HUMANO, A TERRA E A TECNOLOGIA NA NARRATIVA <i>PÉS-VERMELHOS</i></b> .....	<b>29</b>
<b>2.1 O ser humano: traços culturais e relação com a terra</b> .....	<b>33</b>
<b>2.2 As tecnologias e o êxodo rural</b> .....	<b>41</b>
<b>3 EXPERIÊNCIAS SIMBÓLICAS DE PRÁTICAS CULTURAIS DE TRABALHADORES ORIUNDOS DO ÊXODO RURAL EM SITUAÇÃO DE MARGINALIDADE NAS NARRATIVAS <i>O SOL DOS TRÓPICOS</i> E <i>PÓ E SOMBRA</i></b> 45	
<b>3.1 O <i>Sol dos Trópicos</i>: rupturas dos vínculos dos trabalhadores do campo com a terra como meio de vida</b> .....	<b>50</b>
3.1.1 As periferias dos centros urbanos, a marginalização do trabalhador e as implicações na cultura .....	51
<b>3.2 Os cenários da imigração e da desigualdade social em <i>Pó e Sombra</i></b> .....	<b>56</b>
3.2.1 A migração e os conflitos culturais .....	60
<b>4 O DISCURSO SIMBÓLICO DA OCUPAÇÃO DOS ESPAÇOS DA AMAZÔNIA NA NARRATIVA SANGUE VERDE</b> .....	<b>64</b>
<b>4.1 Ambição, destruição e marginalização das populações tradicionais da Amazônia</b> ....	<b>69</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>78</b>
<b>REFERÊNCIAS GERAIS</b> .....	<b>81</b>

## RESUMO

As narrativas ficcionais de David Gonçalves textualizam experiências simbólicas de indivíduos e grupos sociais desvelando sua cultura. Esta dissertação, fundamentada na Análise Crítica do discurso de Fairclough (2001), foi organizada em três artigos que se articulam entre si objetivando analisar as representações discursivas de conjunturas simbólicas da multiplicidade cultural e da crítica sociopolítica veiculadas pela palavra literária nos escritos *Pés-Vermelhos*, *Pó e Sombra*, *O Sol dos Trópicos* e *Sangue Verde*. O primeiro artigo analisa o discurso simbólico das relações entre o ser humano, a natureza e os avanços tecnológicos no romance *Pés-Vermelhos*. Os sentidos construídos nessas textualidades apontam para a força motriz das narrativas de David Gonçalves, a organização triangular que se forma a partir da tríade ser humano-terra-tecnologia, designando as lutas dos trabalhadores do campo nas terras roxas do norte do Paraná, os sonhos e as adversidades climáticas, a mecanização da lavoura e o aniquilamento dos vínculos de muitos deles com o meio onde viviam, em decorrência do êxodo rural. A abordagem dessa temática assume liames diversos no segundo artigo, com um recorte de análise voltado às experiências simbólicas de práticas culturais dos personagens que migraram para as periferias das cidades e figuram nos escritos *O Sol dos Trópicos* e *Pó e Sombra*. O terceiro artigo problematiza a ocupação dos espaços da Amazônia pela migração, momento analítico focado na narrativa *Sangue Verde*, visando ressignificar as representações discursivas acerca da ambição desmedida, a destruição da biodiversidade e o jogo político opressor à manutenção das populações tradicionais e suas culturas. O discurso simbólico denunciador é direcionado ao desmatamento, à poluição dos rios e do solo no garimpo e às agressões aos povos nativos da região. A abordagem conceitual foi composta em quatro eixos temáticos: as reflexões dirigidas à literatura foram referenciadas em Cândido (1975, 2000, 2004), Barthes (1971, 1978, 1995, 2012, 2013), Bakhtin (1997, 2003, 2010, 2012) e Benjamin (1994); as reconstruções pós-modernas foram pautadas nas proposições teóricas de Bauman (1998), Hall (2000, 2006) e Sarlo (2007); as abordagens acerca da cultura e da memória remetem aos estudos de Certeau (2001) e Menezes (2012); as questões de biopolítica em Foucault (1999), Mbembe (2018); sobre resistência buscou-se referência em Simas e Rufino (2020) e Krenak (2019, 2021). Os escritos analisados são entrelaçados pela abordagem da diversidade cultural, pois neles figuram personagens de todas as partes do país e do mundo, em condição de exclusão, em cenários de avanços tecnológicos, corrupção e problemas sociopolíticos impulsionados pela ambição humana desmedida. A crítica subjacente a essas produções literárias é dirigida à desigualdade social e à marginalização de indivíduos e grupos sociais, decorrentes da ruptura dos seus laços com a terra, delineando uma sequência narrativa, uma saga que conta as suas histórias e seus dramas. Denota as mudanças nas paisagens culturais das cidades, assinalando os conflitos e os impactos no modo de viver desses personagens migrantes. Em contrapartida, indica possibilidades de resiliência deles diante de conjunturas adversas e sugere formas de re(criação) dos seus traços culturais ligados à raiz da cultura brasileira.

**Palavras-chave:** David Gonçalves. Literatura. Cultura. Crítica sociopolítica. Grupos sociais marginalizados.

## ABSTRACT

David Gonçalves' fictional narratives textualize the symbolic experiences of individuals and social groups revealing their culture. This dissertation, based on Fairclough's Critical Discourse Analysis (2001), was organized in three articles that are articulated with each other, aiming to analyze the discursive representations of symbolic conjunctures of cultural multiplicity and sociopolitical criticism conveyed by the literary word in literary writings *Red Feet*, *Dust and Shadow*, *The Sun of the Tropics* and *Green Blood*. The first article analyzes the symbolic discourse of the relationships between human beings, the earth and technological advances in the novel *Red Feet*. The meanings constructed in these textualities point to the driving force of David Gonçalves' narratives, the triangular organization that is formed from the human being-land-technology triad, designating the subjective representation of the struggles of rural workers in the purple lands of northern Paraná, dreams and climatic adversities, the mechanization of farming and the breaking of the bonds of many of them with the natural environment where they lived. The approach to this theme assumes different links in the second article, with an analytical approach focused on the symbolic experiences of cultural practices of marginalized individuals and social groups that appear in the writings *Dust and Shadow* and *The Sun of the Tropics*, associated with rural exodus, migration and to the increase in the population of the outskirts of urban centers. The third article discusses the occupation of spaces in the Amazon, an analytical moment focused on the *Green Blood* narrative, aiming to reframe the discursive representations about excessive ambition, the destruction of biodiversity and the oppressive political game to maintain traditional populations and their cultures. The denouncing symbolic discourse is directed towards deforestation, the pollution of rivers and soil in the mines, and aggression against the region's native peoples. The reflections aimed at the literature were based on concepts by Cândido (1975, 2000, 2004), Barthes (1971, 1978, 1995, 2004, 2013), Bakhtin (1997, 2003, 2010, 2012), Benjamin (1994); postmodern reconstructions were referenced in Bauman (1998), Hall (2011) and Sarlo (2007); approaches to culture and memory refer to studies by Certeau (2001) and Menezes (2012); the issues of biopolitics in Foucault (1999), Mbembe (2018); on resistance, reference was sought in Simas and Rufino (2020) and Krenak (2019, 2021). The writings analyzed are connected by the approach of cultural diversity, as they feature characters from all over the country and the world, in a condition of exclusion, in scenarios of technological advances, corruption and sociopolitical problems driven by excessive human ambition. The criticism underlying these literary productions is directed at social inequality and the marginalization of individuals and social groups, resulting from the rupture of their ties with the land, outlining a narrative sequence, a saga that tells their stories and their dramas. It denotes the changes in the cultural landscapes of cities, highlighting the conflicts and impacts on the way of life of these migrant characters. On the other hand, it indicates possibilities of their resilience in the face of adverse circumstances and suggests ways of re(creation) of their cultural traits linked to the roots of Brazilian culture.

**Keywords:** David Gonçalves. Literature. Culture. Sociopolitical criticism. Marginalized social groups.

## 1 ASPECTOS INTRODUTÓRIOS E CONCEITUAIS

Nos anos finais da década de 1960, quem estivesse na praça de Jandaia do Sul (PR) após o término das aulas do período noturno, poderia ver um jovem sentado no banco embaixo do poste de luz, absorto em suas leituras. Circunstâncias que fizeram parte da trajetória de formação do narrador David Gonçalves. Nasceu em 10 de agosto de 1952, filho de pequenos agricultores; trabalhou na lavoura até os vinte anos. Em 1974 graduou-se em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jandaia do Sul – FFCLJS e em 1976 concluiu o Mestrado em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Desenvolveu um estudo com o tema *Atualização das Formas Simples* pelo qual recebeu o prêmio *Hugo de Carvalho Ramos* do Estado de Goiás. Reside em Joinville (SC) há mais de 45 anos. Dedicou-se à literatura desde os quinze anos, quando escreveu o seu primeiro conto *O Pote de Ouro* e entre os dezesseis e dezoito anos escreveu o primeiro romance *Bagaços de Gente*, ambos nunca publicados. A sua primeira publicação foi aos vinte anos de idade, com o romance *As Flores que o Chapadão não Deu* (1972), um dos pioneiros a tratar da questão racial no Brasil, por isso foi censurado e permaneceu retido por 16 anos<sup>1</sup>; após liberação teve sucessivas edições. É escritor, professor, palestrante, consultor de empresas, tem mais de 30 livros publicados entre romances e contos, vários deles traduzidos para outras línguas<sup>2</sup>. Em 2008 recebeu o Prêmio *Othon Gama D'Eça*, da Academia Catarinense de Letras, pelo conjunto de obras. É membro da Academia Joinvilense de Letras e da Academia Catarinense de Letras (GONÇALVES, 2020).

Apreciador da cultura brasileira, David Gonçalves tem na literatura uma das suas paixões incondicionais e fonte de inspiração para suas narrativas, que re(criam) mundos pela resignificação de histórias da tradição oral, desvelando traços da raiz cultural brasileira. Utiliza a metáfora *Quadrínculo* para nomear diversos cenários nos quais são desenvolvidos os enredos dos seus escritos literários, o seu laboratório étnico, espaço de multiplicidade cultural, em um contexto de corrupção política, destruição dos ambientes naturais, progresso impulsionado pelos avanços tecnológicos e problemas socioeconômicos que, aliados às condições climáticas, apresentam-se como fatores de dissolução dos liames entre o ser

---

<sup>1</sup> Essa censura deu-se no período do regime militar no Brasil, que foi estabelecido em 1 de abril de 1964 e mantido até 15 de março de 1985. Abrangeu os governos militares que se sucederam no poder. Para Fausto (1990), foram décadas marcadas, dentre outras questões, pela supressão de direitos, censura aos órgãos de informação e o medo de arbitrariedades e da tortura.

<sup>2</sup> Foram traduzidos para o inglês o romance *Acima do chão: Above the ground* e dois livros de seleções de contos: *Tales of blood and shadows* e *Come in, you are welcome*. O romance *Os caçadores de aranhas* foi traduzido para o alemão: *Die Spinnenjäger* (GONÇALVES, 2020).

humano e a terra<sup>3</sup>. A partir da desconstrução desses vínculos, essas problematizações denotam mudanças no modo de vida de indivíduos e grupos sociais marginalizados, em enredos que propõem reflexões sobre o contexto sociopolítico, por meio de abordagens temáticas que partem do regional ao universal. É adepto a um “[...] estilo direto, pejado de denúncias, linguagem que não tolera obscuridade, trocadilhos e falsos brilhos linguísticos”, em textualidades que unem “a realidade e o estranho”, pela associação entre o realismo e o fantástico (GONÇALVES, 2021, p. 01).

Esta dissertação versa sobre a literatura de David Gonçalves, com recorte para as narrativas *Pés Vermelhos*, *O Sol dos Trópicos*, *Pó e Sombra* e *Sangue Verde* e suas articulações em relação ao contexto sociopolítico. A investigação é dirigida às representações subjetivas das expressões culturais que veiculam significados construídos pelos grupos sociais nas suas relações com os bens culturais, revelando circunstâncias em que esses escritos literários foram produzidos, a partir do problema de pesquisa: Como são articuladas as representações de conjunturas simbólicas do contexto social na construção da multiplicidade cultural e da crítica sociopolítica veiculadas pela palavra literária nas narrativas ficcionais de David Gonçalves? Dessa questão, decorreram outras indagações que delimitam os escritos analisados: Como se estabelece a relação entre os trabalhadores do campo e a natureza na produção literária *Pés Vermelhos*? Como se manifestam as experiências simbólicas de práticas culturais dos indivíduos e grupos sociais marginalizados ficcionados nas narrativas *O Sol dos Trópicos* e *Pó e Sombra*? Como as textualidades projetam a ocupação dos espaços da Amazônia e as agressões às populações nativas da região na narrativa *Sangue Verde*?

A abordagem é desenvolvida a partir da força matriz dos escritos literários de David Gonçalves, a relação que se estabelece entre o ser humano, a terra e as tecnologias. Essa triangulação é delineada desde o romance *Pés-Vermelhos* e perpassa as demais obras analisadas. Parte da colonização de *Quadrínculo*, denota o final do Ciclo do Café e início do processo do êxodo rural, no qual diversos personagens do romance *O Sol dos Trópicos*, antes sitiantes, meeiros ou peões, migram para as cidades e tornaram-se boias-frias, explorados pelo sistema agrário brasileiro; assinala a desigualdade social que também se revela pela condição de migrantes que chegam a Joinville em *Pó e Sombra* e à Amazônia em *Sangue Verde*. Juntas, essas narrativas perfazem uma sequência, que conta histórias desses figurantes, compondo uma saga. Esse universo em constante movimento, onde circulam personagens oriundos das

---

<sup>3</sup> O conceito de terra abordado nesta pesquisa designa o espaço em que os trabalhadores do campo vivem e de onde emana sua cultura. Myskiw (2011) indica o conceito de território a partir dos estudos dos antropólogos e dos historiadores, assinalando que esse pode ser visto como uma unidade repleta de diversidades étnicas, culturais e sociais, inscrito em um campo de forças e relações de poder (econômico, político e cultural).

camadas populares, designa experiências simbólicas que problematizam a dinâmica sociopolítica da sociedade brasileira.

Esta proposta se insere nas áreas de Linguística e Artes, Ciências Humanas, Sociologia e História, no sentido de abordar a arte literária pelos discursos da sua multiplicidade cultural e crítica sociopolítica, a partir das teorias literárias, culturais e identitárias no contexto da pós-modernidade. Visa contribuir para a cultura imaterial e a construção da memória literária joinvilense, catarinense e brasileira, que se insere na abordagem de temas ligados a questões sociais da América Latina e aborda experiências do ser humano presentes em conjunturas sociais diversas. A linha de pesquisa da dissertação é Patrimônio, Memória e Linguagens, na qual se integra o grupo de pesquisa Imbricamentos de Linguagens.

### **1.1 Eixos conceituais norteadores da pesquisa**

A abordagem dos escritos literários *Pés Vermelhos*, *O Sol dos Trópicos*, *Pó e Sombra* e *Sangue Verde* foi fundamentada em quatro eixos conceituais que norteiam as problematizações propostas na pesquisa e são retomados no decorrer das análises: no primeiro eixo, os significados construídos pelos escritos literários foram estudados pelo viés das forças que perpassam a literatura e que se manifestam pela relação escritor-obra-leitor, referenciadas no núcleo teórico de Barthes (1971, 1978, 1995, 2012, 2013). Esses sentidos são objeto dos estudos de Cândido (1975, 2000, 2004), que estabelece relações entre a literatura e a sociedade e Bakhtin (1997, 2003, 2010, 2012), que fundamenta as várias vozes que emergem no texto literário, caracterizando o dialogismo; em Benjamin (1994) foram buscadas as características do narrador, indicando aproximações com David Gonçalves. O segundo eixo foca as reflexões acerca das reconstruções que se apresentam na sociedade pós-moderna, pautadas nos pressupostos teóricos de Bauman (1998) e sinalizam transformações sociais que desestabilizam o ser humano nesse contexto; questões que afetam a identidade cultural, conforme indica Hall (2000, 2006); experiências que, segundo Sarlo (2007), são ressignificadas pela literatura enquanto espaço de subjetividades. O terceiro eixo volta-se às acepções acerca da memória e da pluralização da cultura nos estudos de Certeau (2001) e Menezes (2012) e foca os usos dos bens culturais pelos grupos sociais. No quarto eixo, as questões acerca das relações de poder que marcam a pós-modernidade foram abordadas a partir dos estudos de Foucault (1999) e a biopolítica foi referenciada em Mbembe (2018). Em decorrência, foram assinaladas formas de resistência desenvolvidas pelos grupos sociais

marginalizados diante das investidas da cultura dominante, com base nas discussões propostas por Simas e Rufino (2020) e Krenak (2019, 2021).

### 1.1.1 Significados dos escritos literários

O estudo parte do pressuposto de que a linguagem literária constitui um espaço de subjetividades e de atribuição de novos sentidos às experiências humanas. As análises são direcionadas à compreensão da literatura como um meio de criação de significados, pelo capital simbólico que incita o leitor a refletir e descobrir novas possibilidades de pensar a conjuntura sociopolítica. Por abranger múltiplos significados, atribuir-lhe um conceito único tende a implicar certo reducionismo, tornando-se mais fecundo apresentar especificidades que a caracterizam, o que remete aos estudos de Cândido (2004, p. 174) de que a literatura pode designar: “[...] criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis de produção escrita das grandes civilizações”.

Como as demais formas de arte, a literatura é um bem cultural que se constrói no encontro entre quem a produz e seus interlocutores. Barthes (2012, p. 159) propõe mudanças na investigação literária e discursiva ao questionar o estudo do texto de forma binária, centrado no autor e sua obra. Sugere um olhar tridimensional, envolvendo escritor, obra e leitor, partindo da ideia de que a literatura é múltipla; articula-se sob códigos que não se esgotam: “[...] combinação superposta de películas (de níveis, de sistemas), cujo volume não comporta nenhum miolo, nenhum caroço, nenhum segredo, nenhum princípio irreduzível, senão o próprio infinito de seus invólucros – que nada envolvem a não ser o próprio conjunto de suas superfícies”. Barthes (2013) atribui à linguagem literária um papel diverso e plural, indicando que a leitura em todos os sentidos envolve o despertar de sensações, emoções, sensibilidades; ato amoroso que conecta as linguagens corporal e literária e carrega o potencial de desencadear experiências estéticas. Assinala que, no texto literário, a ênfase está na mensagem e a fruição favorece a identificação do leitor e mobiliza sentimentos, tendo na comoção despertada por essa leitura um ponto essencial para o inacabamento, a imprevisibilidade e a seletividade do texto. Leitura que oportuniza espaços de criação, em proveito do exercício da reflexão. Indica que a linguagem literária atua no campo do sensível; é esboçada pelo jogo simbólico e re(constrói) mundos a partir da subjetividade. Para Barthes (1978, p. 16), a literatura pode ser vista como uma revolução da linguagem:

Entendo por literatura não um corpo ou uma sequência de obras, nem mesmo um setor de comércio ou de ensino, mas o grafo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever. Nela viso portanto, essencialmente, o texto, isto é, o tecido dos significantes que constitui a obra, porque o texto é o próprio aflorar da língua, e porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é instrumento, mas pelo jogo de palavras de que ela é o teatro.

Atributos que conferem à linguagem literária a capacidade humanizadora inerente às suas características especiais. Barthes (1978) indica três forças principais provenientes dos conceitos gregos que se manifestam na literatura: *mathesis* (sabedoria), *mimesis* (representação) e *semiosis* (o simbólico que se constrói no jogo com os signos linguísticos ao invés de destruí-los). A primeira dessas forças se liga aos saberes que a literatura assume na medida em que todas as ciências estão na composição do monumento literário. Barthes (1978, p. 18) se refere à literatura como “fulgor do real”, que “sabe muito sobre os homens” e “faz girar os saberes” trabalhando nos “interstícios da ciência”, dialogando com os saberes históricos, geográficos, sociais, antropológicos e tantos outros, diferenciando-se das ciências pelo seu lugar de fala. A segunda força da literatura é a representação, porque o discurso literário não se rende à impossibilidade de deslocamento das palavras na escrita para representar o real, ainda que sempre tenha “o real como objeto de desejo” (BARTHES, 1978, p. 23). E para representar a realidade, a literatura faz circular o uso figurado da palavra, que permite que a linguagem escape ao seu próprio poder, libertando-se da servidão. Ou seja, o uso literário da palavra simbólica é gerador da terceira força: a propriedade semiológica, que se institui no próprio âmbito da linguagem, mas que não precisa submeter-se ao seu domínio. A literatura e a semiologia<sup>4</sup> “acabam assim por conjugar-se e por corrigir-se uma a outra”, inovando os conceitos da linguística<sup>5</sup> (BARTHES, 1978, p. 35). Isso porque a linguagem literária possibilita que a língua seja usada sem aquela carga de poder que a reveste fora do meio artístico. Ainda nas palavras de Barthes (1978, p. 39),

---

<sup>4</sup> Para Barthes (1978, p. 30) a semiologia é a “ciência do signo [...] a desconstrução da linguística”, ou seja, o estudo da significação no âmbito da vida social. Indica que “o objetivo da pesquisa semiológica é reconstituir o funcionamento dos sistemas de significação da língua segundo o próprio projeto de qualquer atividade estruturalista que é construir um simulacro [representação, imitação] de objetos observados” (BARTHES, 1971, p. 103).

<sup>5</sup> A linguística moderna surgiu com o linguista suíço Ferdinand de Saussure que afirma que ela “tem como único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma” (SAUSSURE, 1970, p. 271). Como desdobramento, Roland Barthes criou um programa semiológico que, ao contrário de Saussure, submeteu a semiologia a uma parte da linguística: “a semiologia deve ter seus vínculos com a linguística revisados” (BARTHES, 1971, p. 13). Barthes (1977, p. 32) entende que a semiologia é “aquele trabalho que recolhe o impuro da língua, o refugio da linguística, a corrupção imediata da mensagem: nada menos que os desejos, os temores, as caras, as intimidações, as aproximações, as ternuras, os protestos, as desculpas, as agressões, as músicas de que é feita a língua ativa”.

A semiologia não é uma chave. Ela não permite aprender diretamente o real, impondo-lhe um transparente geral que o tornaria inteligível; o real, ela busca antes soerguê-lo, em certos pontos e em certos momentos, e ela diz que estes efeitos de levantamento do real são possíveis sem chave. [...] Disso decorre que a semiologia não está no papel de substituição com relação a nenhuma disciplina [...] pelo contrário, ela as ajuda a todas, curinga do saber de hoje, como o próprio signo o é do discurso.

Ao criar interfaces com a subjetividade e o social, a semiologia barthesiana ultrapassa o campo dos signos linguísticos que antes eram percebidos linearmente, a partir da agregação do significado, ou seja, a representação mental que se tem do objeto e o significante, a forma que se cria quando se lê uma palavra. Nessa nova dinâmica de estudos linguísticos, os signos passam a ser compreendidos a partir dos sentidos dialéticos que os compõem. As apreciações de Barthes (2012) são voltadas à obra literária como mensagem verbal que partilha elementos de fabulação com outras criações artísticas. Assinala que o atributo inerente ao texto literário é a sua linguagem. Faz referência à escola russa, que denominou essa característica como *literariedade* e cita Jakobson (1963)<sup>6</sup>, que a chamou de *poética*. A proposta barthesiana de análise do discurso literário, por sua vez, indica a poética como análise que possibilita caracterizar uma mensagem verbal como uma obra de arte e volta-se à retórica, por se tratar de um plano de linguagem que abrange todos os gêneros, tanto os escritos em prosa quanto os escritos em verso. Nessa perspectiva, a escritura é o uso da língua no âmbito da vida social, que se conjuga à literatura por meio da conotação, recurso com potencial de burlar o poder ao qual a língua se submete quando utilizada em textos não-literários. Barthes (2012, p. 137) sugere que a linguagem é uma experiência cultural e a literatura, ao jogar com os signos, considera-os não mais como absolutos e sim relativos na representação da realidade: “Só a escritura pode misturar os falares, construir aquilo a que se chama heterologia do saber, dar à linguagem uma dimensão carnavalesca”. E complementa:

Só a escritura, enfim, pode desdobrar-se sem lugar de origem; só ela pode frustrar qualquer regra retórica, qualquer lei de gênero, qualquer arrogância do sistema: a escritura é atópica com relação à guerra das linguagens, que não suprime, mas desloca, ela antecipa um estado das práticas de leitura e de escrita, no qual é o desejo que circula, não a dominação (BARTHES, 2012, p. 138).

---

<sup>6</sup> Roman Osipovich Jakobson: linguista russo do século XX e pioneiro da análise estrutural da linguagem, da poesia e da arte. Estudou a função da língua na comunicação estabelecida entre o remetente (falante/codificador) e o destinatário (ouvinte/decodificador). Indica que “[...] quando a própria mensagem, a sua configuração, o lado palpável dos signos é que são ressaltados, o discurso é poético, no sentido amplo do termo: é evidentemente o caso da literatura [...]” (Jakobson 1963 *apud* BARTHES, 2004, p. 142). Assinala ainda que a linguagem poética aborda temas ligados a sentimentos profundos e essa riqueza da poesia faz com que essa linguagem esteja presente em obras literárias e em outras artes, no cinema, na música, dentre outros.

Decorre dessa prerrogativa, o seu atributo para despertar sentimentos em seu interlocutor, convertendo-se em um movimento mobilizador de emoções e capaz de suscitar reflexões que atuam na ressignificação das histórias e memórias circundantes no meio sociopolítico. Para Cândido (1975, p. 10), são escritos que “[...] revivem a nossa experiência, dando em compensação a inteligência e o sentimento das aventuras do espírito”. Evidencia-se, assim, a propriedade da linguagem literária de dialogar com os sentidos dos bens culturais percebidos no presente dos indivíduos e grupos sociais. Segundo Cândido (2004, p. 176):

A função da literatura está ligada à complexidade de sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório, mas humanizador (talvez humanizador porque contraditório). Analisando-a, podemos distinguir pelo menos três faces: (1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive, como incorporação difusa e consciente.

É nessa ação continuada de re(criação) que a literatura interage com o leitor utilizando-se de uma configuração específica de articular as palavras e ideias, propondo-lhe uma nova forma de pensar e agir. Conforme Barthes (1978, p. 21) “as palavras não são mais concebidas como simples instrumentos, são lançadas como projeções, explosões, vibrações, maquinarias, sabores: a escritura faz do saber uma festa”. O que denota a sua essencialidade à existência humana assinalada por Cândido (2004, p. 186):

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão de mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade.

Nessa dinâmica entre o ser humano e a literatura, o valor fundamental da palavra, que é a interação social processada a partir dela, é instigado pelo que Bakhtin (2010, p. 21) denomina como sendo uma “presença espiritual: [...] existe uma beleza livre, desligada, existe uma arte abstrata [...]”. Na perspectiva bakhtiniana, a arte (literária ou não) excede os limites do material, pois os significados que nela residem lhe conferem uma “constitutiva posição axiológica”, definida pelos sentidos resultantes da sua relação com valores culturais, éticos, sociais, históricos e historiográficos. A problematização acerca da literatura como um bem cultural que re(cria) mundos é favorecida pela sua inserção em proveito da formação de interfaces com diversas áreas do saber. É por meio da sua propriedade distintiva fundamental de interação, também apontada por Barthes (1978), que a literatura estabelece conexões com as Ciências da Natureza, a Filosofia, a Psicologia e tantas outras áreas de conhecimento,

caracterizando-se como um espaço de discussão com outros saberes e caminhando naturalmente para a participação na interdisciplinaridade<sup>7</sup> e na transdisciplinaridade<sup>8</sup>.

A investigação desta pesquisa é dirigida às questões sociais simbolicamente ressignificadas pela literatura, que não se restringem às linguagens artísticas, pois abrem possibilidades de discussões que agregam conhecimentos inter-relacionados, trazendo à tona problemas historicamente desencadeados pela marginalização de indivíduos e grupos sociais na ocupação dos espaços naturais e no uso dos recursos tecnológicos. Segundo Bakhtin (2010), o caráter interdisciplinar da arte literária abre caminhos para a interpretação do signo linguístico, que é social e ideológico porque estabelece a relação entre a consciência individual e a interação social. A palavra está sempre carregada de um sentido ideológico e o sujeito social se defronta com outros enunciados, em uma relação de interatividade com os discursos, estando em concordância ou não com cada um deles, complementando a interação com o enunciado e se construindo nessa relação. Nesse sentido, o homem não apenas responde às estimulações do meio, como também participa do jogo das trocas em que a linguagem tem uma função fundamental. A partir desta definição discursiva, é possível responder ao que foi dito, apresentando convergências e divergências e fazendo intervenções em relação ao que foi exposto.

Os estudos de Bakhtin (2003) evidenciam que a característica essencial da língua é a sua competência dialógica, pois essa possibilita a articulação dos enunciados por meio das vozes que nele se fazem presentes e favorecem para que o discurso de alguém participe de uma interação viva ao se encontrar com o discurso do outro. Para Bakhtin (2012, p. 117), “pode-se compreender a palavra ‘diálogo’ num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja”. Assim, o dialogismo se refere a todo enunciado e se manifesta em diferentes dimensões, sendo que as relações dialógicas se efetuam quando um material linguístico ou semiótico se insere na esfera do discurso, isto é, transforma-se em enunciado e define a posição de um sujeito social. Nessa perspectiva, o diálogo constitui uma estrutura enunciativa que forma a linguagem, pois para Bakhtin (1997, p. 257) “tudo é meio, o diálogo é o fim. Uma só voz nada termina e nada resolve. Duas vozes são o mínimo de vida, o mínimo de existência”.

---

<sup>7</sup> Lück (2000, p. 67) caracteriza a interdisciplinaridade como “um processo que envolve a integração e interação das áreas do conhecimento, de modo a superar a fragmentação do saber, mediante uma visão global de mundo que contribua para a análise dos problemas complexos, amplos e globais da realidade sociocultural”.

<sup>8</sup> Para Nogueira (2008, p. 24) “na transdisciplinaridade, as relações entre as áreas do saber vão além da integração, essas se aliam num sistema sem fronteiras, buscando um nível tão elevado que se torna difícil distinguir onde começam e onde terminam as áreas do conhecimento envolvidas”.

De acordo com as pesquisas de Fiorin (2006) os três principais eixos norteadores do pensamento bakhtiniano no que se refere ao dialogismo são: a unicidade do ser e do evento, que é a ideia de que todos os enunciados se formam a partir de outros; a relação entre o eu e o outro, que é a incorporação das vozes dos outros pelo enunciatador; e a dimensão axiológica, que diz respeito à subjetividade do sujeito, produzida pelas relações sociais das quais ele participa. Em decorrência, é delineada a ideia de um todo arquitetônico que se encontra em oposição a um todo mecânico e, a partir destas concepções, Bakhtin (2010, p. 23) afirma que é necessário analisar “[...] o objeto estético, o dado material extralinguístico da obra e a organização composicional do material, concebida teleologicamente”. Método que abrange a linguagem artística na perspectiva dialogada e vinculada ao sujeito, à história, à historiografia, à sociedade, à cultura, à ética, à estética, à situação de produção, circulação e recepção, na perspectiva epistemológica, metodológica, teórica e humana.

A linguagem literária carrega os valores culturais, conforme assinalam Barthes (1971), Bakhtin (2012) e Cândido (2000) e, ao agregar-se às discussões sobre as questões da sociedade, por meio do diálogo com diversas formas de conhecimento, é também permeada por interações sobre outros bens culturais presentes no contexto histórico e social.

Esta investigação foca o discurso simbólico convertido em textualidades a partir dos escritos analisados, buscando compreender como se configuram as alegorias sobre o contexto representado. Oriundo de uma família de pequenos agricultores, David Gonçalves conheceu a situação de sítiantes que tiveram suas famílias dizimadas pela grilagem de terras<sup>9</sup>. Testemunhou as consequências da geada negra<sup>10</sup> que, aliada a outros fatores, como a mecanização da lavoura, desencadeou a retirada do campo de agricultores, meeiros e peões, os quais passaram a laborar como boias-frias ou trabalhadores informais nos centros urbanos.

---

<sup>9</sup> O termo grilagem de terras surgiu com uma prática antiga de colocar um documento falso em uma gaveta junto com grilos para que esse papel, após algumas semanas, passasse a ter uma aparência envelhecida em razão dos dejetos daqueles insetos. O objetivo era comprovar a antiguidade da ocupação das terras. A grilagem é uma forma de agir dos grileiros para tomarem posse de terras alheias por meio de falsas escrituras de propriedade das terras (MOTTA, 2002, p. 79).

<sup>10</sup> A geada negra de 18 de junho de 1975 dizimou a área cultivada com café no Paraná. Juntamente com outros fatos, deu início a uma série de mudanças econômicas e demográficas no Estado que, na época, era o maior centro mundial nessa cultura, com uma produtividade superior à média nacional. No ano seguinte, a produção foi muito baixa, não houve exportação desse produto e a participação paranaense na produção brasileira caiu para 0,1%. Outras culturas, como o trigo, também sofreram perdas, mas era o café que sustentava a economia do Paraná naquela época – situação que mudaria, já que os cafeicultores nunca se recuperariam desse impacto. No mesmo período, uma sequência de geadas ocorreu em toda a Região Sul, além dos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso do Sul e no sul e oeste de Mato Grosso e sul de Rondônia. A crescente forma da economia brasileira em uma nova conjuntura não só afetou o Sul, mas o Brasil (PANOBIANCO, 2010).

As narrativas de David Gonçalves fluem da tradição oral e fazem parte da memória coletiva dos grupos sociais representados e são ressignificadas nos escritos literários em estudo. Especificidades demarcadoras de convergências entre as escrituras de David Gonçalves e as proposições de Benjamin (1994), que deteve seu olhar sobre a figura do narrador como aquele que interpreta, insere os fatos no fluxo insondável das coisas e preserva a natureza da crônica, atribuindo-lhe a marca da secularização. A literatura, nesta abordagem, converte-se em uma forma artesanal de comunicação uma vez que,

Ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada, como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim imprime-se na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (BENJAMIN, 1994, p.221).

Benjamin (1994, p. 198) considera o camponês sedentário e o marinheiro comerciante, que figuraram especialmente no contexto medieval, como sendo os tipos fundamentais de narrador: “[...] ‘Quem viaja tem muito o que contar’, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições”. A partir desse referencial, menciona duas ramificações de narradores vinculados aos estilos de vida, que conservaram através dos tempos os atributos da grandeza e da simplicidade, sendo que a compreensão da narrativa passa pela interpenetração destes dois tipos arcaicos. Os mestres sedentários haviam sido aprendizes ambulantes antes de se fixarem em seu ofício e empregavam aprendizes. Assim, foram agregados os saberes das terras distantes trazidos pelos migrantes ao saber do passado para compor a figura do artífice, aquele que encerra em si os dois tipos de narradores. Traços identificados por Benjamin (1994, p. 199) no escritor Nikolai Leskov porque “[...] está à vontade tanto na distância espacial como na distância temporal”. Ao transitar nesses dois mundos, Leskov associa as características dos dois narradores: o que tem o saber das terras distantes e o que tem suas raízes nas tradições camponesas e conhece as histórias do povo, agregando, portanto, o saber do passado: “Comum a todos os grandes narradores é a facilidade com que se movem para cima e para baixo nos degraus de sua experiência, como numa escala” (BENJAMIN, 1994, p. 215). Considera o verdadeiro narrador aquele que transita nas dimensões temporal e espacial, carregando a experiência absorvida do contexto sociocultural e articulando-a simbolicamente.

Para Benjamin (1994), as histórias que o povo conta foram transmitidas de geração a geração pelos moradores locais na tradição oral; têm raízes na cultura popular e buscam a

preservação dos elementos preteridos e esquecidos pela “historiografia burguesa”. E para que as narrativas sejam preservadas, é necessário contar e recontar as histórias, impedindo que se rompa o fio tecido pela comunicabilidade das experiências. Manifestou seu lamento diante do desaparecimento da figura do narrador, por meio da extinção da arte de narrar originária da tradição oral. Em suas reflexões sobre a mudez dos soldados que voltaram da guerra, argumentou que o fim das narrativas, devido ao aniquilamento da faculdade de intercambiar experiências, impediu que essas fossem comunicadas, quebrando assim o elo que encadeava as histórias e tradições enraizadas no povo. Essas proposições teóricas discorrem sobre as mudanças sociais que se desencadearam no final do século XIX e início do século XX, decorrentes da ascensão da burguesia e do avanço da informação, atribuindo-lhe valor somente no momento que é nova, enquanto que “[...] muito diferente é a narrativa. Ela não se esgota jamais. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de desdobramentos” (BENJAMIN, 1994, p. 204). Crítico à cultura de massa e à disseminação do romance moderno, Benjamin avaliou a renovação do gênero romanesco associada ao livro e à leitura escrita e, em decorrência, caracterizou uma ruptura com a cultura popular, que se manifesta nas memórias, costumes e comportamentos passados artesanalmente pelas narrativas.

As contribuições de Benjamin (1994) apontam um cenário de desolação, vivenciado no período posterior à Grande Guerra, que impulsionou a comunicação de massa. Suas reflexões se pautam num mundo no qual a narrativa de tradição oral vinha sendo sufocada pelos horrores dos combates bélicos, que significaram a impotência da voz do herói positivo dessas narrativas, evidenciando o herói problemático incorporado pelo romance. Lamenta o avanço do romance de massa em detrimento da narrativa inspirada nas camadas populares e impregnada pela sua comunicabilidade.

### 1.1.2 Cultura e memória

A abordagem analítica desta pesquisa é dirigida ao discurso subjacente às narrativas analisadas que designam os usos dos bens culturais que se instauram na memória coletiva, no intuito de compreender sua significação no âmbito da vida social. Benjamin (1994) defendeu a ideia de que a memória é a capacidade épica que cria os elos de passagem da narrativa de uma geração para outra, sendo construída pela experiência, a partir do entrelaçamento entre a oralidade e a escrita. Assim, a memória se converte em um tempo

cíclico da história, ao possibilitar o reencontro com o passado, oportunizando uma nova percepção sobre o presente e possibilitando a formulação de hipóteses para o futuro.

Nesse sentido, são problematizadas as ações dos personagens na ocupação dos espaços naturais, desvelando a relação de pertencimento que os trabalhadores do campo desenvolvem com a terra como meio de vida. Menezes (2012, p. 27) sinaliza as significações construídas nas relações entre a sociedade e os bens culturais, a partir do pertencimento entendido como um “[...] mecanismo nos processos de identidade que nos situa no espaço, assim como a memória<sup>11</sup> nos situa no tempo: são as duas coordenadas que balizam nossa existência”. Nessa perspectiva, a conexão entre um grupo social e o patrimônio cultural se dá pela forma como as pessoas vivenciam essa interação, como praticam o uso do bem cultural que, para Menezes (2012, p. 28) “é, antes de mais nada, um *bem*, quer dizer, coisa boa. Boa de conhecer, de ver, de sentir, de experimentar como um vínculo pessoal e comunitário e, finalmente, boa de usar, de praticar”.

O olhar desta pesquisa é voltado aos traços culturais dos personagens circundantes nas narrativas e nas relações conflituosas que se estabelecem entre os grupos sociais aos quais pertencem e os detentores do poder político e econômico nas disputas que se configuram pela apropriação da terra. Designam alegorias do uso agressivo que muitas vezes é feito do patrimônio natural, ocasionando a sua destruição e, em decorrência, a marginalização de grupos sociais que não estão inseridos na cultura dominante. A linguagem literária não implica em evitar os embates que se estabelecem pelo uso do patrimônio natural, servindo em muitas situações até para criá-los, ao problematizar as experiências que permeiam as circunstâncias de uso dos bens culturais. Essas conjunturas são apontadas por Menezes (2012, p. 38), considerando que “[...] o campo da cultura e, em consequência, o do patrimônio cultural, é um campo eminentemente político”. Teoriza que a construção de sentidos sobre a cultura que permeia o contexto social implica na produção dos bens culturais a partir dos principais componentes do valor cultural, que são cognitivos, formais, afetivos, pragmáticos e éticos. Compreende o valor cognitivo vinculado à fruição, sendo, portanto, intelectual; já o valor formal ou estético oportuniza a gratificação sensorial e assim favorece um contato mais

---

<sup>11</sup> Para Menezes (2012, p. 35) “memória e História nem coincidem, nem são duas faces da mesma moeda. Por isso, ao se tratar de História como produção crítica de conhecimento, estamos no domínio dos valores cognitivos (o primeiro mencionado). Quando se trata de carga simbólica e de vínculos subjetivos, como o sentimento de pertença ou identidade, o domínio é dos valores afetivos. [...] memória e História partilham de vários atributos comuns, inclusive de caráter subjetivo e cognitivo, sem, todavia, afetar a distinção proposta. Quanto aos valores afetivos [...] envolvem mecanismos complexos, como as representações sociais e o imaginário social, para os quais a psicologia social desenvolveu métodos de pesquisa adequados”.

profundo do eu com o mundo externo ou transcendente, pois “[...] a estética diz respeito a essa ponte fundamental que os sentidos fornecem para nos possibilitar sair de dentro de nós, construir e intercambiar significados para agir sobre o mundo” (MENEZES, 2009, p. 36); os valores afetivos são relacionados à memória e não ao conhecimento controlado, não sendo propriamente valores históricos, pois se referem à formulação de autoimagem e reforço de identidade, constando de vinculações subjetivas que se estabelecem com certos bens. Envolvem mecanismos complexos, como as representações sociais e o imaginário social; os valores pragmáticos superam os valores de uso de um bem cultural porque consideram as suas qualidades e características que potencializam esse uso; os valores éticos são associados não aos bens, mas às interações sociais em que eles são apropriados e postos a funcionar, tendo como referência o lugar do outro. Estes valores não existem isoladamente, pois se agrupam entre si de diversas formas, resultando em (re)combinações, superposições, hierarquias diversas, transformações e conflitos.

O cenário apresentado suscita discussões acerca dos traços culturais e identitários dos grupos sociais marginalizados representados nas narrativas de David Gonçalves, como os sitiantes, meeiros e peões em *Pés-Vermelhos*, os boias-frias e migrantes em *O Sol dos Trópicos* e *Pó e Sombra*, as populações tradicionais da Amazônia em *Sangue Verde*, suas histórias, suas lutas, seus dramas e suas formas de resistência diante dos sistemas opressores, em cenários de multiplicidade cultural e contradições políticas. Certeau (2001) assinala que a cultura precisa ser considerada sempre no plural. Ainda que a sociedade hierarquizada tenha critérios para manter a homogeneidade, os grupos sociais desenvolvem seus próprios traços culturais, resguardando aspectos de sua cultura originária e absorvendo elementos do meio em que se inserem, formando novas culturas em um processo contínuo.

### 1.1.3 Reconstruções na pós-modernidade

Os escritos literários expressam as manifestações humanas nos diversos contextos históricos e sociais, sendo que cada tempo e grupo social tem sua forma própria de produzir e de se relacionar com seus bens culturais. No mundo pós-moderno, segundo Bauman (1998), a arte é uma realidade alternativa, dentre outras que circundam em um cenário caracterizado pelas intermitências históricas e as inconstâncias econômicas, permeadas pelos movimentos da lógica do capital. Período que traz à tona transformações tecnológicas, impondo a necessidade de adaptações contínuas, sob pena de exclusão. Evidenciam-se as incertezas e as inseguranças, das quais decorre o mal-estar humano, em meio à busca de liberdade.

No cenário contemporâneo, segundo Sarlo (2007), a crise da subjetividade se expande para o campo filosófico e tem na história de vida e na literatura um campo fértil. Assinala que essas narrativas se convertem em experiência, fundando assim uma nova temporalidade, pois à medida em que se narra, também se abre espaço para a ressignificação. Essa reflexão se configura por meio da análise da articulação entre a história e a narrativa, evidenciando que o sujeito moderno tem experiência e, ao comunicá-la, afirma-se como sujeito quando encontra rupturas na desumanização causada pela violência do poder e pode resgatar o que foi perdido pelo sofrimento. Defende que a experiência relatada nas narrativas produzidas na contemporaneidade advém das memórias que se ressignificam e que a literatura favorece a exploração dos limites das memórias simbólicas.

Os aspectos culturais voltados às mudanças estruturais em parte impulsionadas pela globalização, remetem aos estudos de Hall (2006), a partir do pressuposto de que essas transformações vêm atuando na fragmentação das identidades culturais de classe, etnia, raça e nacionalidade. Analisa que, a partir do século XX, a concepção de sociedade moderna sólida com sólidas localizações do ser humano como indivíduo social sofreu uma profunda desestruturação, motivada em grande parte pelas modificações das paisagens culturais, transformando também as identidades pessoais. Com isso, a ideia de si mesmo como sujeito integrado foi deslocada pela perda de um sentido estável de si mesmo, ocasionando o deslocamento ou descentralização do sujeito, caracterizando uma crise de identidade para o indivíduo. Esses sentidos, por sua vez, constroem identidades, sendo que: “a identidade nacional é muitas vezes simbolicamente baseada na ideia de um povo puro (*folk*), original. Mas, nas realidades do desenvolvimento nacional, é raramente esse povo primordial que persiste ou que exercita o poder” (HALL, 2006, p. 56). As proposições de Hall (2006, p. 85) sobre como se articula o pensamento hegemônico no contexto sociocultural sugerem que “o fortalecimento de identidades locais pode ser visto na forte reação defensiva daqueles membros de grupos étnicos dominantes que se sentem ameaçados pela presença de outras culturas”.

Conforme Hall (2006), na pós-modernidade, o conceito de sujeito foi modificado de sujeito do Iluminismo, indivíduo centrado, unificado, que tem a capacidade da razão, da consciência e da ação para o conceito sociológico, consciente de que seu núcleo interior deixou de ser autônomo e autossuficiente, sendo alterado continuamente no diálogo com os mundos culturais. Posteriormente a noção de sujeito passou a ser a de pós-moderno, que assinala a não existência de uma identidade estável. Com esse movimento, evidenciou-se a concepção de culturas híbridas, que se situam entre a tradição e a tradução, como um dos

diversos exemplos de identidades presentes nestes tempos de modernidade tardia na qual a identidade se apresenta como sendo “[...] uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados e interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2006, p. 13).

Hall (2000) situa a discussão acerca da cultura no contexto sociopolítico da pós-modernidade. Defende que a identidade cultural se origina no pertencimento do ser humano a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e nacionais, constituindo um mecanismo representativo das interações entre as pessoas e abrangendo os usos que são feitos de patrimônios, como a língua, as artes, o trabalho, dentre outros. Assinala que a identidade constitui aquilo que se é, enquanto a diferença mostra o que o outro é, sendo que ambas são ideias inerentes à sociedade e à cultura. A identidade e a diferença são geradas no âmbito das interações culturais e sociais nas quais as pessoas produzem e consomem a cultura. A linguagem, que é carregada de poder, conecta-se à cultura pela representação. Decorre que o domínio cultural de representar designa o poder político de determinar a identidade.

#### 1.1.4 Biopolítica e resistência

As questões sociais problematizadas nos escritos literários de David Gonçalves acerca dos grupos sociais marginalizados remetem aos dispositivos de poder estudados por Foucault (1976), que situa o poder político articulado às estruturas sociais para disciplinar indivíduos com o propósito de que esses sirvam aos interesses dominantes, posicionando-se para decidir quem irá viver e de que forma irá viver. A esse respeito, Mbembe (2018) considera que a biopolítica se converte em necropolítica colocada em prática nos projetos coloniais. É direcionada pelo homem branco europeu e desconsidera a cultura local, agenciando a dessubjetivação dos sujeitos.

Esse contexto atua na fragilização das relações entre os seres humanos e, entre esses e a natureza, materializando-se em agressões ao patrimônio natural e às populações nativas. Krenak (2019) alerta acerca da ideia de humanidade que prioriza o lucro, em detrimento da interação com a natureza. Decorre que a busca incessante por ganhos materiais ocasiona a deterioração da terra, das florestas, dos rios e, conseqüentemente, a marginalização das populações nativas que são excluídas desses espaços.

Para Simas e Rufino (2020, p. 12), o processo colonizatório brasileiro, ao longo do seu curso, vem se utilizando de diversas formas de violência, a partir de um entendimento que prioriza a acumulação de riqueza material, o que implica o consumo desmesurado dos

recursos naturais e a obsessão pela linearidade, como o propósito de aprofundar “[...] a colonização dos corpos: [...] o corpo convertido, o corpo escravizado, o corpo feito objeto e o corpo como arma letal [...] um país de corpos doentes, condicionados e educados para o horror como empreendimento”. A política de escassez foca a desconstrução, por meio do silenciamento de diversas formas de vida que habitam esses espaços, aniquilando saberes, linguagens, comunidades e rituais e, em decorrência, faz emergir o desencanto pela vida. Condição que muitas vezes gera seres dependentes “sobras viventes” que, em alguns casos conseguem sobreviver. Mas há os que conseguem sair da condição de exclusão e se tornam “supraviventes” (SIMAS; RUFINO, 2020, p. 06).

Perante as investidas da cultura dominante, segundo Krenak (2017), a resiliência dos grupos sociais marginalizados é a sua capacidade de lutar contra a invisibilidade, resgatando sua história e mantendo vivos seus traços culturais. Simas e Rufino (2020, p. 06) indicam a importância de disputas politicamente organizadas, mas entendem que essas são insuficientes para a convivência que pluraliza o ser. Apontam a demanda por “um conjunto de estratégias e táticas para que saibamos atuar nas batalhas árduas e constantes da guerra pelo encantamento” como um “[...] ato de desobediência, transgressão, invenção e reconexão: afirmação da vida, em suma”; uma forma de resistência à lógica colonialista que ambiciona condicionar as diversas vivências ao seu modelo: “[...] viver é artimanha que se cultiva entre aquilo que se enxerga e aquilo que mora no invisível, seguimos o rastro da flecha que atravessa o tempo: o contrário da vida não é a morte, o contrário da vida é o desencanto” (SIMAS e RUFINO, 2020, p. 10).

## **1.2 Caminhos metodológicos**

A partir do referencial teórico pesquisado e organizado em eixos conceituais, este estudo buscou subsídios na Análise do Discurso de Fairclough (2001), numa dimensão transdisciplinar para o estudo dos textos, a partir do entendimento da linguagem como uma forma de prática social. Nesta abordagem, o contexto discursivo foi considerado de forma não limitada, incluindo a conjuntura política e econômica do uso da língua, ultrapassando o significado que essa tem dentro das estruturas gramaticais. A pesquisa visou compreender o discurso literário subjacente aos escritos estudados, a partir de fatores linguísticos (elementos da narrativa: enredo, a construção das personagens, marcas de tempo e espaço) e extralinguísticos como o contexto da fala, a relação do falante com o ouvinte e o momento

histórico e social pertinente às situações apresentadas nas tramas narrativas e suas relações com o contexto sociopolítico da pós-modernidade.

O objetivo geral foi analisar as representações discursivas de conjunturas simbólicas da multiplicidade cultural e da crítica sociopolítica veiculadas pela palavra literária nos escritos *Pés-Vermelhos*, *Pó e Sombra*, *O Sol dos Trópicos* e *Sangue Verde* de David Gonçalves. A dissertação composta por uma parte introdutória apresenta os aspectos teóricos e conceituais da pesquisa e três artigos entrelaçados entre si pela sequência que perpassa os escritos analisados e compõe uma saga, tendo sido delimitado para cada um deles o objetivo específico relacionado às narrativas selecionadas para o seu desenvolvimento.

O primeiro artigo analisa o discurso simbólico da relação entre o ser humano, a terra e a tecnologia na narrativa *Pés-Vermelhos*, que tem como cenário *Quadrínculo*: metáforas que designam os trabalhadores do campo do norte do Paraná e o espaço onde habitam. Versa sobre a colonização daquelas terras roxas, ressignificando as experiências dos personagens e suas interações com o espaço natural. Abrange a representação de circunstâncias históricas desencadeadas pela Segunda Guerra Mundial<sup>12</sup> e a Ditadura Militar no Brasil; a geada negra e o fim do ciclo do café, conhecido como o ciclo do ouro verde. Desvela as lutas dos pequenos sítiantes diante da grilagem de terras, os problemas socioeconômicos, as adversidades climáticas e a mecanização da lavoura, bem como o êxodo rural e a dissolução dos liames entre os que laboravam na agricultura familiar e a terra como meio de vida. A narrativa transita no tempo, entre as décadas de 1940 e 1980 e no espaço, revelando o sertão e os povoados transformados em cidades, onde figuram personagens oriundos de diversas partes do Brasil e do mundo, constituindo um laboratório étnico em ação. Ilustra mudanças no modo de vida das pessoas a partir dos avanços tecnológicos, a modernização nos meios de transporte, a construção da Ferrovia<sup>13</sup> que ligou o norte do Paraná ao restante do país e a chegada da energia elétrica. Aponta decorrências na condição humana dos pequenos

---

<sup>12</sup> A Segunda Guerra Mundial durou de 1939 a 1945. Foi o maior conflito da história e resultou em milhões de mortes de militares e civis. Teve de um lado as nações do eixo (Alemanha, Itália e Japão) e, de outro, um grupo de nações aliadas. No período pré-guerra o Brasil mantinha acordos econômicos com as duas maiores potências mundiais: Estados Unidos e Alemanha; esse segundo país era o maior importador do algodão e o segundo maior comprador de café brasileiro. Com a guerra, o governo de Getúlio Vargas rompeu as relações diplomáticas com o eixo e as relações comerciais com a Alemanha, aliando-se aos Estados Unidos, resultando no aumento das parcerias econômicas e militares e da influência cultural americana no Brasil (FAUSTO, 2013).

<sup>13</sup> No Brasil, as estradas de ferro começaram a ser construídas na década de 1850, diante da necessidade de um sistema de transporte adequado para a circulação dos produtos agrícolas, notadamente o café. Para promover a circulação da riqueza por meio do escoamento da produção paranaense de café, até a década de 1970, havia o Porto de Paranaguá no Paraná e o Porto de Santos no Estado de São Paulo, além de uma via principal, a ligação ferroviária Ponta Grossa - Ourinhos (SP), conectada com a ferrovia que alcançava Maringá, no norte paranaense. A ligação ferroviária entre Ponta Grossa e Apucarana somente foi concluída no início da década de 1970, conectando as demais cidades paranaenses ao Brasil (VENÁ, 2007, p. 34-37).

agricultores, meeiros e peões que, afastados do campo, foram inseridos em uma nova dinâmica social<sup>14</sup> e assinala implicações nas (re)construções dos valores patrimoniais.

O segundo artigo foi delineado com o objetivo de disseminar reflexões acerca das experiências simbólicas de práticas culturais de indivíduos e grupos sociais marginalizados ficcionados nas narrativas *O Sol dos Trópicos* e *Pó e Sombra*. Aborda as interações sociopolíticas, em um contexto de desigualdade social no qual se evidencia o aumento populacional nas periferias das cidades e sua relação com a migração desencadeada pelo êxodo rural. Centra-se nas situações de exclusão dos trabalhadores informais, submetidos ao autoritarismo, à violência e à segregação racial em determinadas questões articuladas por conjunturas de contradições socioeconômicas. A abordagem analítica é dirigida aos traços culturais dos migrantes trabalhadores e suas vivências que indicam relações com a raiz cultural brasileira e à organização coletiva como forma de resistência.

O terceiro artigo problematiza as denúncias subjacentes ao discurso da produção literária *Sangue Verde*. Projeta representações subjetivas sobre o universo da Amazônia e suscita reflexões sobre as agressões ao meio-ambiente desencadeadas na ocupação desse trecho do território nacional, notadamente a partir da década de 1970, quando a região foi tomada por especuladores oriundos de diversas partes do país e foi evidenciada como alvo de cobiça pelos estrangeiros. A trama se concentra no universo da floresta, onde figuram índios, quilombolas, caboclos, garimpeiros, jagunços, serralheiros, fazendeiros, integrantes do sistema político e judiciário, personagens representativos da sociedade brasileira, marcada pela corrupção e a desigualdade social. O discurso simbólico denunciador é direcionado à destruição do solo, dos rios, da floresta e da biodiversidade da região, pela ação dos garimpos e o crescimento das pastagens e das plantações nas grandes propriedades agrícolas, bem como agressões às populações nativas da região.

---

<sup>14</sup> No norte do Paraná, na década de 1970, à medida que a modernização agrícola e a substituição de culturas se afirmavam na paisagem regional, provocando uma série de transformações na organização e estrutura da produção, nos estabelecimentos agropecuários houve a decadência da cafeicultura como atividade produtiva principal, a expansão das pastagens, a mecanização acentuada das novas culturas como a de soja e de trigo, a concentração da propriedade e da posse da terra e a redução do número de empregos e de trabalho, tudo isso concorrendo para acentuar o êxodo rural (VENÁ, 2007, p. 39-40).

## 2 REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA DO SER HUMANO, A TERRA E A TECNOLOGIA NA NARRATIVA PÉS-VERMELHOS DE DAVID GONÇALVES

“O homem pensa que possui a terra, mas é a terra que possui o homem”.

David Gonçalves

### RESUMO

A narrativa *Pés-Vermelhos* de David Gonçalves desvela as lutas e dramas dos trabalhadores do campo do norte do Paraná entre as décadas de 1940 e 1980. O objetivo desta pesquisa é analisar o discurso simbólico da relação entre o ser humano, a terra e a tecnologia nesses escritos literários, por meio da análise crítica do discurso de Fairclough (2001). A investigação é dirigida às ressignificações das experiências subjetivas presentes na memória coletiva desse grupo social com as terras roxas, em um contexto de pluralidade cultural, progresso tecnológico, corrupção política e problemas socioeconômicos. Denota a desolação causada pela geada negra que marcou o fim do ciclo do café e a perda de propriedades de agricultura familiar pelo endividamento, fatores que, aliados à mecanização da lavoura e à consequente redução do trabalho agrícola manual resultaram no êxodo rural e no aumento da população marginalizada nas cidades. Em *Pés-vermelhos*, personagens, enredo e cenário são conectados à terra pelos sentidos figurados das textualidades, apontando para a simbiose entre eles. O discurso simbólico da tríade ser humano-terra-tecnologia se constitui na força motriz dos escritos literários analisados, ao tecer críticas sobre o desvinculamento abrupto do ser humano da terra como meio de vida, onde projeta suas expectativas e de onde emerge sua cultura.

**Palavras-chave:** Discurso simbólico. Ser humano. Terra. Tecnologia.

### ABSTRACT

David Gonçalves' literary writings designate allegorical relationships and reveal the way of life of rural workers from the rural exodus who migrated to the outskirts of cities in conditions of exclusion. The objective of this research is to disseminate reflections on the symbolic experiences of cultural practices of the characters fictionalized in the narratives *The Sun of the Tropics* and *Dust and Shadow*, through discursive analysis that activates the foundations of Fairclough's (2001) discourse analysis. The analyzed narrative points to political and economic mechanisms that act in the deconstruction of the bonds of migrant characters with the land and in their exclusion when they start to perform informal work. From the experiences of these marginalized groups, resignified by literature, links emerge with the Brazilian cultural root materialized in country music and in the cultural traits of oral tradition and evidence of collective organization, in a context of cultural multiplicity, socioeconomic contradictions and social inequality, which characterizes the urban centers from migration. It denotes the resilience of these groups in the face of adversity and the fixity of social structures that (in)visible those who are not included in the current social game.

**Keywords:** literature; culture; rural exodus; migration; social exclusion.

## INTRODUÇÃO

A escritura *Pés-Vermelhos* de David Gonçalves tem como cenário a cidade metafórica de *Quadrínculo*, figura de linguagem que designa o ensejo a que se refere Barthes (1978), de que a arte literária concede ao escritor para representar uma realidade observada no contexto social a partir do jogo com os signos linguísticos.

A narrativa inicia com o nascimento de uma criança, quando a família de Santônio e Isabel chega às terras do norte paranaense. O parto é improvisado nas instalações precárias de uma estrebaria próxima ao local onde construiriam uma tapera para morar, como muitas outras famílias que ali chegaram e trabalharam naquelas terras roxas do sertão, cultivando-as e projetando nelas suas expectativas de vida: “A selva se espalhava até o fim do horizonte rubro naquele final de tarde de 1940. [...] Nosso paraíso, nossa *Quadrínculo!*” (GONÇALVES, 2017, p. 05). Desses escritos, emana a voz do povo, permeada pela representação simbólica dos sonhos e das dores desses trabalhadores do campo e, em seu último relato, narram o falecimento de Santônio, sitiante que viveu e morreu ligado à terra.

Assim como a vida das pessoas, a colonização da região representada se desenvolveu em períodos sucessórios, designando a luta dos trabalhadores da lavoura em busca da subsistência, apontando o ápice do ciclo de cultivo do café, que se findou com a geada negra, dando início ao predomínio de outras plantações. O olhar desta pesquisa volta-se às relações de sentido expressas nas ligações das famílias dos sítiantes com a terra próspera, na busca pelo alimento e na luta para defendê-la dos grileiros, enfrentando ainda as intempéries do clima, em meio a um cenário sociopolítico conturbado. Assinala o acentuado progresso tecnológico, a implantação da energia elétrica, a construção da ferrovia que ligou a região norte-paranaense ao Brasil e impulsionou a mecanização da lavoura. Problematisa o êxodo rural incitado pela destruição das plantações cafeeiras e a redução do trabalho manual nas lavouras, implicando o rompimento dos liames entre os que laboravam como pequenos agricultores, meeiros ou peões e a terra como meio de vida. Trabalhadores rurais que passaram a labutar como boias-frias, explorados pelo sistema. Em decorrência, assinala o aumento populacional nas periferias das cidades, os novos usos dos bens culturais e as mudanças nas paisagens culturais desencadeadas pela migração.

Esta investigação é dirigida às representações alegóricas das experiências desses trabalhadores do campo, passadas de geração a geração e presentes de forma subjetiva nas histórias do povo, cristalizadas na memória coletiva desse grupo social e ressignificadas pela

literatura. O objetivo é analisar o discurso simbólico da relação entre o ser humano, a terra e a tecnologia no processo de colonização do norte do Paraná na narrativa *Pés-Vermelhos*.

As histórias que permeiam essa produção literária fluem do contexto social, o que remete às considerações de Benjamin (1994) de que o verdadeiro narrador tem suas raízes no povo, especialmente nas camadas artesanais pois “[...] trabalha na matéria-prima da experiência (a sua e a dos outros), transformando-a em um produto sólido, útil e único” (BENJAMIN, 1994, p. 221). Atribui importância às narrativas da tradição oral, que transitam nas dimensões temporal e espacial e tecem o fio da comunicabilidade, que carrega a memória socialmente construída.

A abordagem analítica desta pesquisa é direcionada inicialmente à relação dos pequenos proprietários rurais com a terra, os meeiros e os peões, em um cenário em que circulam empreiteiros, andarilhos, religiosos, viajantes, caçadores, fazendeiros, grileiros, corretores de terras, jagunços, madeireiros, posseiros, políticos, dentre outros, configurando um universo que se move e no qual as vozes se encontram e muitas vezes são conflitivas. Designa a multiplicidade cultural, pois “[...] havia gente de todas as raças, de todos os Estados, e de muitos países. O laboratório étnico ao ar livre, a lei de Darwin em ação. Aos poucos se misturavam, quebravam suas crenças e a cor da sela usada ia tomando conta” (GONÇALVES, 2017, p. 332), ao demarcar as diferenças socioeconômicas.

Dentre esses personagens, a investigação foca os que designam uma ligação intrínseca com o ambiente natural onde circundam, manifestada pelo uso das figuras de linguagem que exprimem alegorias acerca do modo de vida do grupo social representado. O discurso simbólico dessa relação entre o ser humano e a terra é analisado sob a perspectiva de Barthes (1978) e Cândido (2004). Para Barthes (1978), a literatura se constrói pelas forças que lhes são próprias e atuam no diálogo com os demais saberes, representando o real pelo simbólico, por meio da propriedade de jogar com os signos linguísticos. A linguagem literária se organiza por arranjos que articulam a ligação entre o alegórico e o real, a partir dos significados mobilizados na sua composição. Propriedades que, segundo Cândido (2004), inserem a literatura como uma necessidade humana universal, pois a linguagem literária tem o potencial de atuar no consciente e no inconsciente das pessoas, promovendo reflexões acerca dos seus impulsos e crenças. Designa uma construção da palavra para produzir sentidos; é uma forma de expressão, ao manifestar as emoções e percepções dos indivíduos e dos grupos sociais, bem como um meio de aquisição de conhecimentos. As manifestações ficcionais, portanto, contêm a capacidade de humanizar e articular propostas no sentido de ampliar a visão de mundo do leitor, iluminando olhares sobre o contexto sociopolítico.

A pesquisa investiga como as propriedades da linguagem literária assinaladas por Barthes (1978) e Cândido (2004) designam a relação de pertencimento que os personagens desenvolvem com o espaço onde vivem, tendo como referência os pressupostos teóricos de Menezes (2009), partindo da ideia de que o sentimento de pertença das pessoas em relação aos bens culturais é existencial, pois a cultura se constrói nas vivências e interações entre os grupos sociais e o contexto em que esses se inserem. Questiona o uso da cultura concentrada em segmentos à parte do cotidiano social e indica que os valores culturais, quando pensados a partir das práticas culturais e seus praticantes, implicam a fruição desses bens. Perspectiva que não compactua com o desvinculamento do ser humano do seu espaço natural e com a aniquilação dos seus saberes.

A partir da análise discursiva dos escritos literários, desencadeiam-se mecanismos para a compreensão dos cenários projetados na narrativa *Pés-Vermelhos*, que indicam o progresso impulsionado pelos avanços tecnológicos e as mudanças nas relações sociais. Bauman (1998) assinala que as contínuas transformações que se apresentam na sociedade pós-moderna impõem uma nova configuração da realidade, marcada por inconsistências, instabilidades econômicas, que fragilizam a ideia de controle e estabilidade do indivíduo no meio social, causando-lhe mal-estar. Defende que as forças de mercado conduzem a ordem do mundo na busca incessante pelo capital, por meio de movimentos impulsionados pelas novas tecnologias. Nesse contexto, os indivíduos que não se adaptam à lógica dominante, tendem a ser excluídos e marginalizados, indicando a insegurança e a incerteza como pontos que abalam o ser humano.

O olhar analítico da pesquisa volta-se à compreensão de como as experiências simbólicas dos grupos sociais representados nos escritos literários *Pés-Vermelhos* indicam transformações que se impõem nos diversos setores da sociedade e designam modificações no modo de vida e, conseqüentemente, na cultura. Para Certeau (2001) a cultura deve ser vista no plural, a partir da proposição de que os grupos sociais carregam seus traços culturais originários e assimilam outros elementos continuamente. Em decorrência, as culturas estão sempre se modificando, em um processo dinâmico que requer um olhar amplo sobre a conjuntura do contexto a ser analisado. Entretanto, segundo Simas e Rufino (2020, p. 06) o processo colonizatório brasileiro, se for analisado desde o seu início até os dias atuais, vem sendo caracterizado pelo predomínio de grupos dominantes na apropriação desses bens, fenômeno que até hoje tem reflexos “[...] para a maioria dos seres que não experimentam o mundo a partir dos alpendres da Casa Grande, das sacadas dos sobrados imperiais e das salas de reunião de edifícios de grandes corporações [...]”. Citam marcas da colonização como a

violência, o racismo, a ambição na posse dos territórios, a submissão ostensiva da mulher, a preparação dos homens para a virilidade, dentre outras, que atravessaram séculos indicando imposições do poder.

Referenciadas nas proposições teóricas apresentadas, estas reflexões analíticas se fundamentam na análise crítica do discurso de Fairclough (2001), que ultrapassa a análise das estruturas gramaticais e da articulação da linguagem, considerando a relação entre o texto e o contexto sociopolítico em que a narrativa é produzida. As discussões sobre os significados construídos pela narrativa *Pés-Vermelhos* identificam inicialmente a exploração dos espaços naturais no início da colonização da região norte do Paraná, a grilagem de terras pelos mandatários e o desmatamento em grande escala pela atuação de madeireiros. O foco inicial está na construção de personagens da narrativa que tem suas experiências ligadas ao espaço natural em que habitam. A partir das passagens que indicam contínuas nuances da ligação entre eles e a terra, a abordagem é dirigida ao discurso subjacente ao texto acerca do progresso tecnológico. Sinaliza as mudanças nos meios de transporte, com o uso de veículos motorizados e a construção da ferrovia para o deslocamento de pessoas e o escoamento da produção; o uso das novas tecnologias na lavoura, notadamente pelos grandes proprietários de terra, por meio da mecanização; a instalação da luz elétrica, que dinamizou o avanço da mídia e a disseminação da informação, dentre outros fatores que incitaram mudanças no modo de vida das pessoas. O propósito é compreender como essas textualidades ressignificam as experiências simbólicas desse grupo social e revelam transformações na conjuntura social que interferiram na ruptura dos vínculos entre os pequenos agricultores, meeiros e peões e a terra como meio de vida.

## **2.1 O ser humano: traços culturais e relação com a terra**

A narrativa *Pés-Vermelhos* remete aos colonizadores do sertão do norte paranaense, suas histórias de lutas, das quais emana o seu vínculo à terra. O discurso subjacente ao texto deixa transparecer as adversidades vivenciadas naquele período em que os trabalhadores agrícolas, ao mesmo tempo em que mantinham uma conexão com o espaço natural, que constituía seu meio de vida, tirando dele o sustento da família e nele projetando suas esperanças, também estavam à mercê das condições climáticas, secas, temporais e, a mais devastadora, a geada negra vinda dos Andes. Enfrentaram ainda os problemas da grilagem de terras, subsidiada por políticos corruptos, em um cenário socioeconômico desfavorável no país.

É uma narrativa sobre pessoas humildes e dedicadas ao trabalho da lavoura, permeada por memórias simbolicamente ressignificadas. Experiências subjetivas das famílias representadas: a alegria da colheita e os sonhos no período da florada do café; a desolação quando as desventuras os impediam de obter os frutos da terra. Do texto emergem evidências alegóricas do modo de vida desses grupos sociais, que designam traços da sua cultura.

O uso dos recursos estilísticos para a construção do jogo simbólico assinalado por Barthes (1978) se dá também para se referir à terra onde os trabalhadores do campo vivem, que é personificada em diversas passagens do texto, nas quais lhe são atribuídas características humanas, sentimentos, sensações: “[...] a terra é nossa mãe. Ela nos dá o sustento, desde que tratada com carinho” (GONÇALVES, 2017, p. 265).

Os personagens circundantes em *Pés-Vermelhos* são construções alegóricas de pessoas ligadas ao meio natural onde viviam. Santônio é a representação de um pequeno sítio que labuta arduamente na lavoura com sua família. As percepções subjetivas às falas do personagem Gabriel, filho de Santônio, indicam que “[...] observava o pai lavrando a terra. A vida inteira. [...] Entendia a terra. [...] O pai era um pé de café. Misturava-se com o cafezal verdejante” (GONÇALVES, 2017, p. 312). A metáfora que caracteriza o personagem Santônio assinala a sintonia dele com a terra, por meio da associação íntima desencadeada pelo uso dessa figura de linguagem. Para além da semelhança, Santônio se funde à terra e aos seres que ali viviam, designando a simbiose entre esses organismos vivos: “[...] O pai e os pássaros. O pai e a terra. Sim, eles se fundiam [...]”. Sabia como cuidar da terra, lavar, plantar, conhecia a lei da colheita: “[...] ele e a terra, a sabência das quatro estações” (GONÇALVES, 2017, p. 313).

Passagens que designam a relação de pertencimento que os personagens desenvolvem com o espaço onde vivem, onde colhem os alimentos, no qual projetam suas expectativas e seus sonhos: “A terra era seu berço e seu fim. Dela provinha a vida e tudo o que desejasse. Um pé-vermelho tinha as raízes fincadas na terra” (GONÇALVES, 2017, p. 397). Os cuidados com o espaço onde viviam faziam com que se sentissem como parte dele, descendentes daquele solo, um patrimônio vivido por aquele grupo social, o que remete aos estudos de Menezes (2009). Os sentidos construídos na narrativa suscitam reflexões sobre o que representa a terra para os trabalhadores do campo, que seriam afetados em seu modo de vida ao serem afastados do espaço natural. Cândido (2004) entende a literatura como um bem cultural que, pelas suas propriedades que promovem o movimento entre o texto e o contexto, desperta novos olhares sobre a realidade.

Reflexões desencadeadas na análise da construção dos personagens circundantes na narrativa *Pés-Vermelhos*. Gabriel, o último filho de Santônio, é a representação alegórica de um pé vermelho de rara sensibilidade, que se revela em experiências com o meio natural, nas situações impactantes que o personagem vivencia e no encontro com a arte como meio de expressar sentimentos. Sua infância e adolescência se passam no campo, em meio às paisagens naturais, onde desenvolve apego aos animais. Quando criança, presencia a morte de filhotes de cachorro, que foram amarrados dentro de um saco plástico e lançados ao rio pelo irmão, após decisão do pai. Essa situação era comum naquele contexto em que eram mantidos vivos somente os cães recém-nascidos mais fortes da ninhada. Por meio das ações desse personagem, configuram-se os impactos dessa experiência simbólica: “[...] chegaram a ele os chamados da mãe, mas ele não tinha vontade de voltar para casa. De tarde a febre o tomou. Por quê? Ninguém sabia. Delirava. Algo terrível acontecera em sua vida” (GONÇALVES, 2017, p. 190). Encantava-se com os pássaros e, ao descobrir um ninho, vigiava-o: “Voltou ao ninho nos três dias seguintes. Cada vez mais embevecido. Daqueles pequenos ovos, surgiram frágeis criaturas... A vida, que mistério!” (GONÇALVES, 2017, p. 191). Para salvá-los dos caçadores, apressou-se em espantá-los. Denota a identificação do personagem com os filhotes de animais que, como ele, tinham fragilidades físicas (ele havia nascido com problemas de saúde) e, portanto, não estavam entre os corpos fortes. A força de Gabriel está na sua percepção e sensibilidade, que o levavam a tecer indagações a partir das sensações que as artes lhe despertavam. Na fala do padre Salvino: “no meio dos camponeses, um criador” (GONÇALVES, 2017, p. 266). Observava a mata, preocupado com a derrubada das árvores e com a caça aos passarinhos, embevecia-se com a diversidade e a beleza da natureza. As figuras de linguagem indicam que a dinâmica da natureza o envolvia:

Pássaros voavam entre as árvores frutíferas, treinando, depois se escondiam na pequena mata. Sabiás, bem-te-vis, rolas do mato, anus brancos e pretos, corruíras, canários da terra e maitacas verde-amarelas esvoaçavam e saudavam o ar cristalino e adocicado da manhã, e o menino inchava o peito de felicidade e arregalava os olhos, encantado com tudo o que via e ouvia. E o sol – imensa bola de fogo com farta cabeleira avermelhada sobrepondo o arvoredo! Ah, que manhã! (GONÇALVES, 2017, p. 191).

Gabriel, como Santônio, tem raízes na terra, mas projeta sua força na arte, representando um contraponto ao pensamento do pai, que defendia o argumento de que não era necessário estudar e sim trabalhar na lavoura, sem preocupar-se com a situação do país. Gabriel saiu do ninho, planando como os pássaros, ao lançar-se na escrita, em meio à tomada de poder pelos militares, período no qual as pessoas que não compactuassem com o sistema

eram perseguidas e livros eram queimados: “[...] bastava ter ideias diferentes que já era delatado” (GONÇALVES, 2017, p. 246). Através do personagem Gabriel, fundam-se na narrativa novas percepções sobre os bens culturais. Suas ações indicam outras possibilidades de relações com as questões da sociedade, pelas experiências subjetivas que incitam novos olhares sobre o contexto sociopolítico.

A produção literária *Pés-Vermelhos* dá voz a personagens marginalizados, que se caracterizam pela alma pura e a integração com a natureza. Chiquinho Preto é um andarilho considerado idiota por algumas pessoas da sociedade por andar pelas ruas rindo, acompanhado pela cachorra Bisteca, uma vira-latas. Rodoão é um filho de fazendeiro abastado que não tolera os sorrisos de Chiquinho Preto e arma uma emboscada para matá-lo na floresta. Foi quando os macacos, reconhecendo aqueles homens que já haviam matado alguns do seu bando, lançam-se sobre eles e defenderam o andarilho. Significados construídos pela narrativa que indicam a sabedoria da natureza ao reconhecer quem se integra a ela.

O espaço em que circulam os personagens é habitado por brancos, negros, mestiços, paulistas, baianos, pernambucanos, cearenses, catarinenses, gaúchos, mineiros, baianos, portugueses, alemães, japoneses, italianos, espanhóis, dentre outros. O cultivo daquelas terras roxas sinalizava prosperidade: “[...] solos de extraordinária riqueza, cuja fertilidade jamais fora vista em outro lugar” (GONÇALVES, 2017, p. 35). Esse potencial atraía pessoas de todos os lugares do Brasil e de outras nações, de diversas raças que “[...] chegavam com os pés brancos, morenos ou negros, e logo ficavam com os pés vermelhos” (GONÇALVES, 2017, p. 26). Deriva dessa multiplicidade da origem populacional, a construção cultural múltipla da região. Certeau (2001) apontou a importância de que a pluralidade cultural seja reconhecida na identificação dos grupos sociais, a partir de um olhar aberto para o contexto da formação desses grupos e suas culturas.

A crítica sociopolítica em *Pés-Vermelhos* remete às desigualdades que se apresentam entre os personagens representativos de pequenos proprietários rurais, meeiros, empreiteiros e os grandes possuidores de terras, revelando situações que separavam negros e brancos “[...] na redondeza, só havia brancos – italianos, portugueses, alemães, espanhóis, sírios, turcos etc...etc...etc... Os negros ficavam na vila dos macacos. Lá ficavam os deserdados. Os negros eram colonos de aluguel” (GONÇALVES, 2017, p. 234).

A produção literária *Pés-Vermelhos* é permeada pelas experiências subjetivas desse grupo social, que desvelam traços de sua cultura e situações do contexto socioeconômico. Apresenta os trabalhadores do campo desde o início da colonização, em suas choupanas cobertas de palhas de coqueiro, erguidas nas clareiras em meio à mata, iluminadas à noite por

velas ou lamparinas a querosene, sob um clima de intenso calor no verão e frio no inverno. Indica a precariedade de acesso ao ensino formal, bem como aos meios de saúde. Como parte de seus costumes, desenvolveram o uso de ervas para a produção de remédios caseiros.

Dessas vivências, emergem os indícios de seu modo de vida e das suas manifestações culturais: os alimentos colhidos na lavoura e no quintal e cozidos no forno de barro improvisado ou fogão à lenha, as tradições como as festas e os bailes de terreiro, os ditos populares, a religiosidade. As histórias contadas fluem do contexto sociocultural, narrativas abstraídas das conversas do povo e ressignificadas pela subjetividade na literatura, como o caso da personagem Madalena, a moça que trabalhava na casa do padre Salvino, tornou-se amante dele, suicidou-se após os falatórios do povoado e virou assombração; o fazendeiro que morreu sem perdoar o seu filho por ter escolhido ser artista e não doutor; a mulher que tinha uma doença que a levou à morte de tanto comer; a comerciante que atentou contra a vida da rival, por vender pamonhas mais saborosas e obter maior prosperidade; o dono do bar da rodoviária que não cedia água aos que vinham pedi-la e, ao ser enterrado uma fonte de água brotou do seu túmulo. Narrativas disseminadas no povoado e que desvelam experiências guardadas no inconsciente coletivo, incitando reflexões sobre as virtudes e as fraquezas do ser humano a partir da premissa de que esse “[...] é alimentado por quatro gigantes da alma: o amor, o medo, o ciúme e o ódio” (GONÇALVES, 2017, p. 211).

Esses escritos literários evidenciam uma sociedade que reservava aos homens o papel de decisão na família e segregava às esposas a função de procriar. Mas Gabriel via nas mulheres a poesia, tecendo conjecturas sobre a condição submissa delas naquele modelo social, em que desenvolviam afazeres da casa e trabalhavam na lavoura, como era o caso da mãe dele, a personagem Isabel. Em muitas famílias, os casamentos eram arranjos com interesse financeiro. Passaram-se décadas na narrativa para que fossem apresentados indícios de acesso da mulher ao ensino sistematizado e de mudanças em alguns costumes, como a forma delas se vestirem.

A trama dessa relação entre o homem e o meio natural se insere em um contexto brasileiro de corrupção política e desigualdades socioeconômicas que, por sua vez, situa-se em mundo em guerra. A primeira parte da narrativa liga as ocorrências alegóricas do contexto representado ao cenário mundial: “naquele ano, em plena guerra, onde a fome campeava pelos ricos países europeus, e Hitler dizimava o povo judeu, ameaçando dominar o mundo, houve uma colheita excepcional de café, milho, feijão e frutas” (GONÇALVES, 2017, p. 38). Os escritos designam que, ainda que faltasse aos camponeses a compreensão sobre as influências desse fato na economia local, os reflexos da guerra lhes afetavam: “durante a Segunda Guerra

havia escassez. Nada de açúcar, querosene, farinha de trigo e, sobretudo, remédios”. Em decorrência, denota mudanças no modo de vida desse grupo social, influenciadas pelas necessidades: “na floresta havia muita caça e o açúcar era substituído por garapa, feita nos tachos, depois de horas de fervura. Os vizinhos - pequenos sitiantes, ainda perdidos no meio da floresta – procuravam ajuda, emprestando, doando” (GONÇALVES, 2017, p. 60).

Do universo apresentado pela narrativa *Pés-Vermelhos*, emergem denúncias sobre a atuação do ser humano nas disputas pela propriedade das terras e na ocupação dos espaços: “[...] aquelas terras roxas despertavam cobiça” (GONÇALVES, 2017, p. 16). O discurso simbólico é denunciador em relação às ações dos falsificadores de escrituras, que se apossavam de terras de sitiantes, por meios ilegais e violentos: “poderosos grileiros avançavam na floresta, fazendo os próprios títulos de propriedade” (GONÇALVES, 2017, p. 31). Aponta seus crimes contra os índios e caboclos que habitavam os lugares que os poderosos almejavam possuir: “no meio da rápida e tumultuada expansão da colonização, os grileiros tinham suas próprias leis, e cobertos por mandatários políticos, viviam no paraíso da impunidade” (GONÇALVES, 2017, p. 32). A crítica é dirigida a um sistema de corrupção, que envolve políticos e implica assassinatos cometidos pelo personagem Galo Cego, um pistoleiro contactado pelos madeireiros e grandes fazendeiros para se apropriarem das terras dos pequenos sitiantes da região, aos quais restavam as tentativas de resistência, conforme ilustra a passagem:

[...] o que se viu foi um pipocar de cartuchos, urros, gritos, xingamentos. [...] um a um, conforme iam saindo das cabanas, eram mortos. No terreiro, mais de dez corpos agonizavam e imploravam por clemência. Galo Cego, saindo detrás de um tronco de peroba, que fora esfaqueado por balas, caminhou no terreiro entre os agonizantes. Quem estava vivo recebia a queima-roupa o balaço na cabeça. De repente, entretanto, de uma das cabanas, um estampido soou e cravou em seu ombro, um pouco acima do coração. Enraivecido, junto com os demais, cercou a cabana e aprisionou o último dos resistentes e mais quatro mulheres e oito crianças seminuas e barrigudas, carcomidas de vermes (GONÇALVES, 2017, p. 35).

O discurso subjacente ao texto indica a figura do pistoleiro contratado dos mandatários como aquele que entregava a mensagem sobre a posição de poder que esses ocupavam naquela sociedade: “[...] eles dizem que têm escritura registrada, recibos, e tudo o resto, mas não têm nada. Será que essa gente não sabe que tudo tem dono? Acham que, quem chega primeiro é o dono do baile [...]” (GONÇALVES, 2017, p. 32). Esses escritos ensejam a problematização acerca da condição dos sitiantes, que mantinham um verdadeiro vínculo com a terra, desenvolvendo uma relação de pertencimento àquele meio, a partir de um enraizamento ao solo que significava seu meio de vida e do qual brotava sua cultura.

Ironicamente, pessoas das famílias ali moradoras caíram nos terreiros e seu sangue penetrou na terra roxa e fértil, indicando que “[...] para muitos, o sangue se misturou com a vermelhidão do solo” (GONÇALVES, 2017, p. 32). Aos homens que se colocavam no papel de defensores das propriedades, era reservado destino mais cruel: “[...] amarraram o homem [...] levaram-no até a margem do rio, numa pequena praia feito lodaçal e o jogaram nas águas caudalosas” (GONÇALVES, 2017, p. 36).

A crítica se estende aos agressores do ambiente natural, madeireiros e serralheiros e sua atuação ilegal no aniquilamento da mata nativa da região indicando que, “[...] da floresta não sobrara nada, nem nas beiradas de rios e córregos. Tudo veio abaixo. Primeiro com os machados afiados, em seguida com as motosserras” (GONÇALVES, 2017, p. 331). Diferentemente dos sitiantes, que utilizavam a madeira para a construção de seus casebres e faziam do roçado lugar de agricultura familiar, os madeireiros, assim como os grileiros e grandes proprietários de terras, eram movidos pela ambição desmedida pelo enriquecimento. Os significados construídos pela subjetividade denunciam a luta do ser humano contra o próprio ser humano, capaz de matar famílias inteiras para usurpar suas terras e de destruir o ambiente natural em proveito da própria cobiça pela fortuna, análise que remete aos estudos de Simas e Rufino (2020), ao indicarem as imposições do capital no processo colonizatório brasileiro.

A narrativa também traz indicativos de que, no sertão, no ciclo de cultivo do café, as fazendas progrediam consideravelmente e algumas propriedades de agricultura familiar apresentavam melhorias gradativas, com a construção de paiol, tulha e outras benfeitorias. Denota o crescimento dos vilarejos “[...] povoados que se tornavam cidades rapidamente” (GONÇALVES, 2017, p. 49). “prédios, avenidas, mansões, clubes sociais, faculdades – o progresso saltava aos olhos. Em poucos anos, a selva deu lugar à civilização” (GONÇALVES, 2017, p. 331).

Nesse contexto, a cidade-metáfora da narrativa, *Quadrínculo* “crescia a olhos vistos. Não era mais vilarejo com ruas tortas e casas mal alinhadas” (GONÇALVES, 2017, p. 128). Um símbolo desse progresso que se evidencia pela narrativa é um espaço criado na cidade: “[...] a nova rodoviária, com a praça circundante, jardins, bancos, coreto, fonte luminosa em forma de disco voador” (GONÇALVES, 2017, p. 278). Mostra um novo desenho para a paisagem urbana: “Com a cidade crescera! Do vilarejo-povoado, uma cidade progressista. Não havia nem sinal das velhas construções. As ruas tortuosas deram lugar a ruas e avenidas amplas, urbanizadas, com calçadas, asfalto, jardins” (GONÇALVES, 2017, p. 371). Com o progresso, a vida daquele grupo social foi sendo modificada e foram sendo construídas novas

relações com os bens culturais. As praças eram ocupadas por idosos que jogavam dominó à sombra das árvores, crianças brincavam nas ruas, comícios políticos e pregações religiosas reuniam grande número de pessoas em locais públicos; enfim, a cidade foi tomada por uma nova dinâmica social.

Em contrapartida, esses escritos trazem à tona dificuldades pelas quais os colonizadores passaram, como as grandes estiagens, os temporais com fortes ventos e granizo, que assolaram os casebres, os pomares, destruíram as plantações de café, mataram animais: “[...] o povoado assemelhava-se a um campo de guerra após a batalha” (GONÇALVES, 2017, p. 11). No ano de 1975, período em que a agricultura cafeeira prosperava, ocorreu a geada negra: “[...] o vento gelado, advindo dos Andes, torrava o que havia de verde”. A destruição das plantações de café causou interferências na configuração agrícola da região, sinalizando o fim do ciclo desse produto e comprometendo o progresso que esse período designou, que o tornou conhecido como o ciclo do ouro verde:

Aos poucos, antes das onze horas, os cafezais, as plantações, as pastarias, os arbustos iam perdendo a vitalidade e pretejando, como se durante a noite, alguém tivesse acendido uma tocha e ateado fogo no mundo. O verde robusto da vegetação dava lugar ao negro e os pássaros voavam baixo, perdidos e assustados. Campos empretecidos. Carvão. Folhas arcadas, sem vida. O vale enegrecera. Chegara o Apocalipse (GONÇALVES, 2017, p. 354).

A narrativa desvela a desolação dos sitianteiros que projetavam suas esperanças na colheita, dependiam dela para o sustento das famílias e para saldar suas dívidas bancárias. Em decorrências, precisariam dispensar os peões e meeiros.

Reunidos no terreirão do café, os homens estavam calados. Patrão e meeiros não sabiam o que dizer. A cabeça de cada um era uma caixa de marimbondos bravos. Ideias e problemas rodavam como circo de cavalinhos, sem controle. Nunca tinham visto coisa igual. As mulheres espiavam de longe, receosas, também aflitas (GONÇALVES, 2017, p. 353).

O contexto assinalado pela representação discursiva a partir do término do ciclo do ouro verde na região é caracterizado pelo agravamento dos problemas sociais. A situação econômica do país denota os altos índices de inflação e juros bancários elevados. Esses fatores, aliados à geada negra e à mecanização da lavoura, dizimaram as expectativas de parte dos pequenos agricultores e a maioria dos peões e meeiros que, expulsos do campo, somaram-se à população marginalizada das cidades.

## 2.2 As tecnologias e o êxodo rural

Os relatos subjetivos da narrativa remetem ao progresso econômico da região norte do Paraná impulsionado pelas tecnologias. Um dos aspectos que se revela é o avanço nos meios de transporte. Na primeira parte da narrativa, os escritos fazem referência aos carreiros de chão batido por onde passavam os cavalos e as carroças. O padre Salvino, quando jovem, utilizava esse meio para se locomover na arrecadação de donativos para a primeira festa do padroeiro: “[...] uma carroça saiu do povoado com um ruído estrondoso, acordando alguns moradores. Era uma carroça gasta, sem molas, com rodas de madeira circundada por uma lâmina grossa de ferro”. A descrição desse meio de transporte indica as condições precárias das quais as pessoas dispunham para se locomoverem no início do período de colonização pelas estradas no sertão: “[...] um veículo pobre, bastante usado por caixeiros viajantes, pequenos sitiantes e padres missionários que se afundavam sertão adentro salvando almas” (GONÇALVES, 2017, p. 19). O transporte utilizado pelo padre quando mais velho e de cabelos brancos para o almoço com a família de Santônio indica a melhoria no seu meio de circulação: “Padre Salvino chegou perto do meio dia. O jipe desceu o carreador como um foguete, deixando no ar o canudo de poeira vermelha” (GONÇALVES, 2017, p. 263). A rapidez do novo veículo em relação à carroça usada pelo padre quando jovem, revela-se pela figura de linguagem utilizada, a hipérbole, que redimensiona a velocidade do jipe, atribuindo-lhes proporções maiores que as reais. Em um período intermediário, no qual outros meios de transporte vão sendo inseridos na dinâmica de deslocamento de pessoas e produtos, as “[...] carroças, montarias e automóveis dividiam os espaços” (GONÇALVES, 2017, p. 217) e, finalmente, o mercado de veículos motorizados se sobressaiu e aumentou sua circulação pelas estradas de asfalto.

O deslocamento de pessoas e o escoamento da produção agrícola foi favorecido pela construção da ferrovia: “vinte e dois operários construíram a estrada de ferro [...] cortava uma beirada da propriedade de Santônio, serpenteando no meio do cafezal. Ia rompendo morros, tatu construindo toca, deslizando nas planícies” (GONÇALVES, 2017, p. 111). Estabelecia-se uma ligação, alternativa às rodovias, da região com diversos pontos do país e também com outros meios de transporte, como o marítimo. O trem “[...] vinha rompendo entre os cafezais, soltando fumaça, como dragão enfurecido, os vagões lotados de sacas de café, em direção ao porto de Paranaguá”. Na estação, “passageiros desciam e outros subiam” (GONÇALVES, 2017, p. 269). A fala do personagem alemão, responsável pela construção da estrada de ferro é indicativa da importância dessa para o desenvolvimento econômico regional: “[...] uma

bênção, Santônio. As ferrovias encurtam distância, fomentam o progresso, sertão deixa de ser atrasado. Este Nortão vai virar o paraíso. [...] Os pés vermelhos vão provar o gostinho do progresso” (GONÇALVES, 2017, p. 112).

No início do relato, o uso de velas e lamparinas é meio predominante para a iluminação, mas o progresso também traz em seu bojo a energia elétrica, que proporciona o uso de eletrodomésticos, designando mudanças no modo de vida da população, especialmente nas vilas que se transformaram em cidades. Os avanços se manifestam também na comunicação, com a evolução da mídia, o rádio, o jornal e a televisão, dentre outros meios de divulgação, havendo também o aumento de atuação de comerciantes, ecoando transformações nas sociedades pós-modernas que compuseram os estudos de Bauman (1998).

As tecnologias são apresentadas como impulsionadoras de nova dinâmica agrícola. A geada negra representou o início de um novo ciclo, com a permuta do cultivo do café por produtos alternativos, como a soja e a cana, que exigiam menor mão-de-obra manual. Para derrubada da mata, os madeireiros podiam contar com maquinários como os motosserras e a ampliação das pastagens para a criação de gado passou a ser feita com tratores especializados; as fazendas foram mecanizadas e as máquinas substituíram pessoas.

Em decorrência, grande massa trabalhadora da agricultura migrou para as cidades: “Então, houve o grande êxodo. Os trabalhadores foram expulsos dos campos. Pequenos proprietários, endividados, viram suas terras serem tomadas pelos bancos, vorazes. Incharam-se as cidades, as periferias engrossaram”. Um contexto em que a instrução passou a ser mais importante; aos que não a tinham, normalmente restavam os trabalhos informais, a grande maioria como boias-frias: “[...] e os caminhões de lona, carregados de boias-frias, levantaram poeira vermelha pelas estradas. Quem nunca havia conhecido a miséria, sentiu-a corroendo o estômago e as costelas” (GONÇALVES, 2017, p. 360).

A produção literária *Pés-Vermelhos* é a saga desses seres humanos que viviam na terra e com a terra. Para muitos daqueles que tiveram seus liames com a terra rompidos, restou a condição de exclusão e o aniquilamento das perspectivas de melhoria de vida. Nas cidades, a marginalidade impulsionou o crescimento das favelas, a prostituição, o uso de drogas e outros fatores que configuram um panorama de problemas sociais.

## CONSIDERAÇÕES

Em *Pés-vermelhos*, os escritos literários designam a relação simbiótica entre os personagens e a terra, da qual são arbitrariamente afastados a partir do processo de êxodo rural desencadeado pela mecanização da lavoura e a geada negra, apontando consequências dessa ruptura. A partir dessa relação, a análise discursiva da narrativa indica a tríade ser humano-terra-tecnologia, que constitui a força motriz dessa produção literária.

Escritura que re(cria) mundos pela ressignificação das experiências simbólicas dos trabalhadores do campo no processo de colonização do norte do Paraná. A partir da ressignificação desses escritos, são acionadas intenções reflexivas sobre o ser humano e a sua luta no labor agrícola, enfrentando adversidades climáticas, grilagem de terras, submetido a um cenário de corrupção política e problemas socioeconômicos.

A narrativa denota o progresso da região, com a construção da ferrovia para o deslocamento de passageiros e o escoamento da produção agrícola, bem como o desenvolvimento dos demais meios de transporte. Indica o advento da energia elétrica, as mudanças nos meios de comunicação, impulsionados pelo avanço tecnológico. Essas transformações contínuas representaram modificações no modo de vida desse grupo social.

A partir do fim do ciclo do ouro verde pela destruição dos cafezais pela geada negra e a mecanização da lavoura, o discurso simbólico situa-se no rompimento dos liames entre parte dos pequenos agricultores, peões e meeiros com a terra, período do êxodo rural. Não se trata de uma crítica ao progresso fomentado pelas tecnologias e sim ao desvinculamento abrupto do ser humano da terra como meio de vida, onde projetava suas expectativas e de onde emergia sua cultura.

Esses escritos desvelam o drama de pessoas que foram deslocadas do seu meio natural, onde viviam em contato com a terra e, ainda que houvesse problemas, construíam seu espaço. A grande maioria não tinha instrução e passou a exercer trabalhos informais, principalmente como boias-frias. Em decorrência, os povoados, que se transformaram em cidade ao longo do processo colonizatório, tiveram aumento significativo da população marginalizada.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Aula inaugural de semiologia literária do Colégio de França**. 7/01/1977. [Trad. Leyla Perrone-Moisés]. São Paulo Cultrix.1978.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CÂNDIDO, Antônio. **Vários escritos** 4 ed. São Paulo/Rio de Janeiro, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. 2 ed. Campinas – SP: Papyrus, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. [Trad. Izabel Magalhães (coord.)]. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

GONÇALVES, David. **Pés-vermelhos**. Joinville: Sucesso Pocket, 2017.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. In: **I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural, 2009, Ouro Preto. Anais**. Brasília: IPHAN, 2012. Disponível em:  
<[http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Anais2\\_vol1\\_ForumPatrimonio\\_m.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Anais2_vol1_ForumPatrimonio_m.pdf)>.  
Acesso em: mar. 2020.

SARLO, Beatriz. Crítica do testemunho: sujeito e experiência. In: SARLO, Beatriz. **Tempo Passado. Cultura da memória e guinada subjetiva**. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Cia das Letras, 2007.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. **Encantamento**: sobre política de vida. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

### 3 EXPERIÊNCIAS SIMBÓLICAS DE PRÁTICAS CULTURAIS DE TRABALHADORES ORIUNDOS DO ÊXODO RURAL EM SITUAÇÃO DE MARGINALIDADE NAS NARRATIVAS *O SOL DOS TRÓPICOS E PÓ E SOMBRA* DE DAVID GONÇALVES

#### RESUMO

Os escritos literários de David Gonçalves designam relações alegóricas e desvelam o modo de vida de trabalhadores do campo oriundos do êxodo rural que migraram para as periferias das cidades em condições de exclusão. O objetivo desta pesquisa é disseminar reflexões acerca das experiências simbólicas de práticas culturais dos personagens ficcionados nas narrativas *O Sol dos Trópicos* e *Pó e Sombra*, por meio da análise discursiva que aciona os fundamentos da análise do discurso de Fairclough (2001). A narrativa analisada aponta mecanismos políticos e econômicos que atuam na desconstrução dos vínculos dos personagens migrantes com a terra e na exclusão deles ao passarem a exercer trabalhos informais. Das vivências desses grupos marginalizados, ressignificadas pela literatura, emergem liames com a raiz cultural brasileira materializada na música caipira e nos traços culturais da tradição oral e indícios de organização coletiva, em um contexto de multiplicidade cultural, contradições socioeconômicas e desigualdade social, que caracteriza os centros urbanos a partir da migração. Denota a resiliência desses grupos diante das adversidades e a fixidez das estruturas sociais que (in)visibilizam aqueles que não estão inseridos no jogo social vigente.

**Palavras-chave:** literatura; cultura; êxodo rural; migração; exclusão social.

#### ABSTRACT

David Gonçalves' literary writings designate allegorical relationships and reveal the way of life of rural workers from the rural exodus who migrated to the outskirts of cities in conditions of exclusion. The objective of this research is to disseminate reflections on the symbolic experiences of cultural practices of the characters fictionalized in the narratives *The Sun of the Tropics* and *Dust and Shadow*, through discursive analysis that activates the foundations of Fairclough's (2001) discourse analysis. The analyzed narrative points to political and economic mechanisms that act in the deconstruction of the bonds of migrant characters with the land and in their exclusion when they start to perform informal work. From the experiences of these marginalized groups, ressignified by literature, links emerge with the Brazilian cultural root materialized in country music and in the cultural traits of oral tradition and evidence of collective organization, in a context of cultural multiplicity, socioeconomic contradictions and social inequality, which characterizes the urban centers from migration. It denotes the resilience of these groups in the face of adversity and the fixity of social structures that (in)visible those who are not included in the current social game.

**Keywords:** literature; culture; rural exodus; migration; social exclusion.

## INTRODUÇÃO

As produções literárias de David Gonçalves suscitam reflexões acerca do contexto sociopolítico brasileiro, em abordagens que remetem ao sistema agrícola do Brasil da segunda metade do século XX. Em *O Sol dos Trópicos e Pó e Sombra*, os personagens circundantes designam experiências simbólicas de trabalhadores inseridos em grupos sociais migrantes, que passam a habitar as periferias das cidades brasileiras, parte deles oriundos do êxodo rural. Esta pesquisa problematiza as representações discursivas acerca do modo de vida desses personagens, por meio de conjunturas alegóricas representativas da condição social que eles passam a ocupar após a ruptura dos vínculos com a terra.

As reflexões críticas analíticas sobre as práticas culturais e a situação de marginalização dos trabalhadores que figuram nesses escritos foram desenvolvidas com o propósito de compreender como o discurso subjacente ao texto se articula para representar a inserção deles no espaço urbano e ressignificar indícios das mudanças culturais que foram impulsionadas pela migração, tanto no modo de vida dos grupos sociais, quanto na composição da paisagem cultural das cidades.

Essa abordagem parte do pressuposto de que a arte literária propicia a circulação de manifestações humanas permeadas pela cultura dos grupos sociais que representa. A literatura, narrativamente e poeticamente (re)significa as relações entre o ser humano e mundo, por meio da problematização sobre os contextos históricos, sociais e culturais em que foi produzida. É nesse sentido que, conforme Barthes (1978, p. 19) a arte literária “[...] encena a linguagem, em vez de, simplesmente, utilizá-la, a literatura engrena o saber no rolamento da reflexividade infinita: através da escritura, o saber reflete incessantemente sobre o saber, segundo um discurso que não é mais epistemológico, mas dramático”. Assim, as produções literárias simbolicamente disseminam saberes sobre os homens, estabelecendo interfaces com outras áreas do conhecimento, constituindo-se em uma força capaz de problematizar a realidade pelo uso figurado da linguagem como representação discursiva.

A literatura, compreendida como dialógica e polifônica, como demonstrou Bakhtin (2010, p. 16), abre espaços discursivos de intertextualizações, assim: “Nenhum valor cultural, nenhum ponto de vista criador pode e deve permanecer ao nível da simples manifestação [...]. A autonomia da arte é garantida pela sua participação na unidade da cultura”. Nessa perspectiva, a narrativa literária é permeada pelas relações dialógicas, pois nela se insere o diálogo entre os significados que constituem o enunciado, compreendido como unidade da interação social. Esta abordagem sobre os estudos literários evidencia o seu imprescindível

vínculo com a história da cultura, tendo em vista que os gêneros (da literatura e do discurso) historicamente resguardam formas de percepção e assimilação de determinados aspectos do mundo.

Considerando essas acepções acerca da linguagem literária, cabe discutir como essa se constrói na pós-modernidade, que se configura pelo significativo avanço tecnológico, as inovações nos meios de produção, os conflitos sociais, delineando traços de um contexto de grande complexidade. No campo da cultura, Bauman (1998, p. 129) analisa o cenário pós-moderno como um ambiente de intermitências históricas, incertezas, tendo como linha mestra a ideia de liberdade. Nesse panorama, a arte “[...] é uma entre as muitas realidades alternativas [...] e cada realidade tem seu próprio conjunto de presunções tácitas, de procedimentos e mecanismos abertamente proclamados para sua autoafirmação e autenticação”.

Nesse contexto, a função sociopolítica da literatura, de acordo com Cândido (2000, p. 41) “[...] comporta o papel que o texto desempenha no estabelecimento de relações sociais, na satisfação de necessidades espirituais e materiais, na manutenção ou mudança de uma certa ordem na sociedade”. Sinaliza que a abordagem da produção literária requer a associação dos aspectos da realidade que ela exprime e as operações formais postas em jogo, que lhe atribuem singularidade, tornando-a independente de condicionamentos. É uma proposta de análise literária que considera o texto e o contexto, por meio de uma interpretação dialética dos fatores externos e da estrutura da narrativa, a partir do entendimento de que “o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno” (CÂNDIDO, 2000, p. 06). Entende que a literatura discute as questões que se apresentam na sociedade, dialogando com a história, a sociologia, a filosofia, dentre outras áreas do saber. Essa interpretação correlaciona os escritos literários e o ambiente e articula os elementos da estrutura narrativa ficcional a vários campos de produção do conhecimento.

As produções literárias de David Gonçalves *O Sol dos Trópicos e Pó e Sombra* problematizam as formas de organização social marcadas pela exclusão de determinados grupos que não têm acesso à riqueza e ao poder, indicando esse como um dos problemas que denotam a desconstrução dos vínculos humanos e sociais, como é o caso dos migrantes oriundos do êxodo rural. Na década de 1960, o denominado milagre brasileiro referente à economia nacional teve grande impacto no sistema agrário, conforme sinaliza S. Thiago (2001, p. 25): “A agricultura, no Brasil, torna-se, rapidamente, um conjunto de empreendimentos empresariais de vulto, cuja estrutura excluía - como ainda exclui - o camponês tradicional”.

Nesse contexto, a incessante procura pelo progresso material e a busca pelo poder dos grandes proprietários de terra tiveram como uma das consequências a concentração de fortuna material por parte de uma minoria, favorecendo a desigualdade social. Essa situação foi agravada pela mecanização da lavoura resultante dos avanços tecnológicos que, por sua vez, necessitou de altos investimentos, dificultando a permanência dos pequenos agricultores no campo e impulsionando a migração para as cidades. Em decorrência, delineou-se um cenário em que, para sobreviver, em diversas situações esses indivíduos necessitaram atender aos interesses do mercado de trabalho e, por vezes, submeteram-se a um processo de dessubjetivação, remetendo aos estudos de Mbembe (2018), designando circunstâncias que atuam na subjugação do sujeito, quando a existência humana é debelada a uma instrumentalização generalizada da exploração pelo trabalho a ponto de lhe ser tirada a dignidade que lhe possibilita ser um sujeito de direitos. Assinala que um efeito possível dessa condição de vida é a dissolução da humanidade da pessoa, o aniquilamento dos corpos e, conseqüentemente, a submissão da vida ao poder da morte, caracterizando a necropolítica.

Simas e Rufino (2020) analisam a condição social de grupos que não atendem aos padrões da cultura dominante e são excluídos como uma marca presente na sociedade brasileira desde o período colonial. Os ataques aos pluralismos e a não disposição ao diálogo investem na marginalização do outro, dos seres que não olham para o mundo a partir da classe que se considera elite. Uma dinâmica na qual são gerados os “[...] sobras viventes, seres descartáveis, que não se enquadram na lógica hipermercantilizada e normativa do sistema, onde o consumo e a escassez atuam como irmãos siameses; um depende do outro”. Dentre eles, alguns “[...] conseguem virar sobreviventes. Outros, nem isso. Os sobreviventes podem virar supraviventes” (SIMAS e RUFINO, 2020, p. 06). Esses últimos são os que conseguem superar a condição de exploração, os resilientes. A resistência, em proveito da valorização da cultura dos grupos marginalizados, converte-se em uma arma para dobrar a lógica dominante.

As evidências articuladas pela palavra literária na narrativa *O Sol dos Trópicos* problematizam as implicações na cultura causadas pelas rupturas das relações do homem do campo com a terra, como espaço onde vivia e colhia o sustento da família, ocasionadas pelo seu deslocamento para as periferias dos centros urbanos, espaço no qual muitas vezes passou a ser submetido à exploração pelos detentores do poder político e econômico. A análise é direcionada às implicações da imigração desses trabalhadores no aumento das populações marginalizadas nas cidades, situação essa que também é desvelada na narrativa *Pó e Sombra*, denotando contínuas mudanças nas paisagens culturais das cidades.

Este estudo remete às abordagens de Certeau (2001), que se voltam às minorias,

grupos anônimos, dando-lhes visibilidade por meio da atribuição de significados às suas práticas sociais. Para ele, o indivíduo não é um receptor cultural do outro, pois ressignifica aquilo que vem do meio social. Problematiza a cultura, a partir da proposição teórica de que essa não existe no singular, elitizada, impositiva ou fechada, pois há uma pluralidade de culturas, construída a partir de referências diferentes, que geram significados diversos, propondo “[...] uma desapropriação da cultura, simultaneamente a uma passagem a práticas de significação (a operações produtoras)” (CERTEAU, 2001, p. 17). Indica que a cultura se expressa nas atividades do cotidiano, com transformações pessoais e está em permanente reelaboração nas diversas dimensões da sociedade, conferindo a cada período histórico e a cada contexto social as suas especificidades. Em decorrência, os grupos sociais se movimentam e se (re)inventam culturalmente diante das condições que lhes são impostas pelas estruturas centralizadas de poder político e econômico que visam ao apagamento dos conflitos existentes nas relações entre os grupos e as classes e centram-se na eliminação do querer coletivo.

Já, nos estudos de Hall (2006, p. 51), a cultura ultrapassa a ideia de uma somatória de referências históricas e artísticas de determinado grupo social, sendo analisada a partir do conceito de culturas nacionais que “[...] são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações”. Neste sentido, a cultura é entendida como ponto crítico que impulsiona o ser humano na sua ação e intervenção na sociedade, espaço em que as relações de poder são constituídas e potencialmente desestabilizadas. A partir da visão de que as pessoas são produtoras e consumidores de cultura ao mesmo tempo, Hall (2006) aborda o discurso das políticas culturais e das políticas identitárias no contexto da pós-modernidade, buscando suporte nos estudos da linguagem e sua ligação com a construção da identidade cultural dos povos marginalizados, partindo do pressuposto de que a linguagem é o ponto estrutural para o entendimento da cultura. As culturas nacionais arquitetam sentidos sobre a nação, inseridos nas histórias que são contadas sobre ela; as memórias que fazem a ligação entre o presente e o passado e as ideias que decorrem destas percepções. Segundo Hall (2006, p. 74) “à medida em que as culturas nacionais se tornam mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural”.

A análise e as reflexões críticas são desencadeadas pelos elementos das narrativas que representam simbolicamente o contexto sociocultural nas tramas dos escritos analisados. São acionados os conceitos da análise crítica do discurso de Fairclough (2001), que considera o contexto discursivo de forma não limitada, incluindo a conjuntura sociopolítica e econômica

do uso da língua, ultrapassando o significado que ela tem dentro das estruturas gramaticais, pois se orienta pela dimensão da linguagem como um meio de prática social. O olhar analítico volta-se às especificidades que revelam influências das situações históricas e sociais, assinalando aspectos sociopolíticos que perpassam as misérias, lutas e esperanças desses trabalhadores diante das situações indignas de vida às quais foram submetidos. Circunstâncias alegóricas que denotam a desigualdade social decorrente de articulações políticas e jogos de poder que se articulam no meio social e que se convertem em representações discursivas no texto literário.

Inicialmente as reflexões são dirigidas ao romance *O Sol dos Trópicos*, por meio de conjunturas alegóricas representativas da condição social dos migrantes que perderam suas terras e passaram a trabalhar como boias-frias, submetidos à exploração. Em um segundo momento, as ponderações voltam-se ao migrante de Joinville e os embates culturais que perpassam a narrativa *Pó e Sombra*, relacionados ao acentuado processo migratório nessa cidade.

### **3.1 O Sol dos Trópicos: rupturas dos vínculos dos trabalhadores do campo com a terra como meio de vida**

A narrativa *O Sol dos Trópicos* aborda as lutas dos trabalhadores com a terra, suas vivências a partir dela, centrando-se na disputa para obtê-la e nas implicações que decorrem da sua perda. A primeira circunstância representada abrange os pequenos agricultores que, vivendo de forma simples no campo, dedicam-se à plantação e colhem da terra o sustento da família, interagindo com ela, como indica esta passagem da narrativa:

O lavrador é assim mesmo, pouco pensa, não é igual aos homens da cidade que vivem fazendo contas intermináveis. Moisés só consegue entender a terra, lê todos os almanaques, descobre os segredos da lua, é capaz de ensinar os segredos da terra sem esforço. Suas mãos calosas assemelham-se a um trator, mas delas, a semente cai no chão lavrado, nasce, cresce e presenteia-o com bons frutos. As mãos de Moisés sabem tudo sobre a terra. Ele fica de cócoras, pega um punhado de terra, acaricia-a entre os dedos grossos como se fosse uma conhecida antiga. Em suas mãos a terra sente-se amada, tem vida e se fortalece, é capaz até de soltar gemidos, como se fosse pessoa. Sai cedo de casa, antes do sol escabelar-se atrás do morro. Só volta quando o sol já se amoitou no horizonte (GONÇALVES, 2010a, p. 200).

Nesses escritos literários, a terra é personificada, tem sentimentos e o personagem a conhece, a compreende, sabe o que ela sente, tem intimidade com ela. Essas figuras de linguagem constroem representações discursivas sobre as interações entre o ser humano e a terra. Indicam vivências simbólicas dos trabalhadores do campo que cultivam expectativas e

sonhos ao planejarem o plantio e a colheita, mantimento da família em resposta ao seu trabalho: “[...] o que seria dele sem a terra, aquele pedaço de chão tão bonito? De onde tiraria o sustento? Nada sabe fazer além de trabalhar a terra, quem lhe deu a vida e sempre lhe dará o sustento. Ela é a terra, o mundo é a terra, Deus é a terra” (GONÇALVES, 2010a, p. 201).

Contudo, após contextualizar essas experiências simbólicas desses personagens trabalhadores, indicativas de que, para eles, a terra é tudo, o enredo é direcionado à representação da perda de suas terras para o banco que, por sua vez, a vendeu a um fazendeiro. A narrativa denota a desconstrução dos vínculos dos pequenos proprietários com o lugar onde viviam e trabalhavam nas propriedades de agricultura familiar:

[...] E Moisés entregou a terra ao banco, que a vendeu a preço de banana a Pasternak. A mudança dele subiu acima num caminhão velho. Moisés era um traste velho também, sequer quis se sentar à cabine. No meio do caminho pediu ao motorista que parasse. Então ele desceu, pegou duas ou três mãozadas de terra e despejou-as num saquinho. Montou de novo no caminhão velho e só parou de chorar quando chegou na Vila Rica, onde arranjava um rancho de meia-água quase caindo (GONÇALVES, 2010a, p. 201).

Essas representações suscitam questionamentos sobre a condição do ser humano que, ao perder a terra onde plantava e colhia, também é desprovido das suas expectativas de vida: “Gente simples. Em cada rosto o drama de ter perdido tudo, até mesmo a esperança. Expulsos da terra, perambulam por caminhos estranhos” (GONÇALVES, 2010a, p. 122). A narrativa volta-se ao migrante que chega à cidade quase sempre sem instrução ou preparo que lhe favoreça exercer uma profissão no meio urbano. Muitas vezes lhe resta ser boia-fria ou aceitar trabalhos informais, em condições desumanas.

### 3.1.1 As periferias dos centros urbanos, a marginalização do trabalhador e as implicações na cultura

A narrativa *O Sol dos Trópicos* assinala que a ruptura dos vínculos do ser humano com a terra, que lhe resguardava uma forma de vida, posto que nela ele não somente trabalhava, mas vivia nela e dela, muitas vezes desencadeia a fragmentação identitária desse trabalhador, antes agricultor, que necessita se submeter à exploração do seu labor, em um sistema que não lhe oferece condições para viver dignamente. As passagens narrativas da cidade-metáfora de *Quadrínculo* trazem indícios sobre as consequências do êxodo rural brasileiro das décadas de 1980 e 1990, simuladas nesses escritos pelo domínio dos grandes latifúndios que são

mecanizados; em decorrência, a sobrelotação das cidades onde aumenta a miséria e a violência:

[...] o progresso aqui caminha a passos largos, vem gente de todo lado, nova vida acenando fértil. Uns encontram acesso, outros perambulam perdidos, desenganados. Assim, *Quadrínculo* vai inchando como jiboia engolindo o bom e o mau. O prefeito chegou a dizer que não queria mais gente na cidade. Daí veio, de uma só leva, uma aluvião. Ruas superlotadas de esmoleiros. Está inchando, ninguém sabe onde irá parar. Boias-frias circulam, o êxodo rural se avoluma, os campos ficam desertos, as pequenas propriedades somem, os grandes latifúndios dominam. As cidades incham. A pobreza se multiplica veloz. Os crimes aumentam; os desocupados também. Mas a cidade continua parecendo, à primeira vista, muito calma e pacata. Só por fora. Por dentro os dramas crescem, tomam corpo e ameaçam explodir [...] (GONÇALVES, 2010a, p. 254).

Narrativa que traz à tona a percepção subjetiva da outra forma de vida do migrante em situação de êxodo rural na cidade. Do enredo enriquecido pelas vivências simbólicas dos personagens, emerge a pluralidade cultural que se configura nesses espaços onde circundam, além da população local, migrantes oriundos de diversas regiões brasileiras, personagens de distintas posições econômicas e sociais, como boias-frias, sem-terra, trabalhadores informais, violeiros, pequenos agricultores, arrendatários de pequenas extensões de terra, grandes fazendeiros, banqueiros, oficiais da lei, salteadores de bancos, assassinos, padres, beatas, dentre outros.

A trama é marcada pelas ações dos migrantes que expressam a sua ligação com traços culturais da região representada, tradução do sentimento do povo diante das adversidades que enfrenta em um cenário de desigualdades socioeconômicas e das investidas midiáticas de inserção dos estrangeirismos, que promovem a descaracterização da cultura originária desses grupos sociais. As festas populares são animadas pela moda de viola, da sanfona e da catira, batuque de origem indígena. A música caipira raiz, uma das expressões oriundas da cultura brasileira, tem seu expoente na caracterização do personagem Seresteiro, “uma pessoa tão boa, tão sublime [...]” que “não vivia simplesmente por viver” (GONÇALVES, 2010a, p. 256). Mesmo após alcançar a fama como violeiro, anseia por manter sua originalidade, sente-se infeliz com os apelos da gravadora para mudar seu modo de se vestir, prefere fazer suas canções brotarem das coisas simples, ao contrário do irmão Trovador, com quem forma uma dupla.

O personagem Zé Mauro é um “sujeito que usa chapéu grande de palha e cobre o corpo com uma capa rota, botas enlameadas” (GONÇALVES, 2010a, p. 06) quando era arrendatário, demonstrava sua alegria através da moda de viola: “sentia-se alegre, cantava velhas modas tiradas da vida. Quando se sentava na porta do rancho, de tardezinha dedilhava

a viola. Porque ele também tinha viola. E cantava [...]” (GONÇALVES, 2010a, p. 40). Posteriormente, como líder dos sem-terra e político, vê-se diante de outra realidade. Designa o conflito cultural que se revela pelas dificuldades de manutenção dos traços que ligam esses migrantes às suas origens e os apelos de adaptação às demandas delineadas por uma cultura que se impunha como dominante.

Os dizeres populares são constantemente mencionados, como em “[...] um dia faz chuva, outro faz sol. Alguns ficam nublados. Nada melhor do que um dia atrás do outro” (GONÇALVES, 2010a, p. 29); “água mole em pedra dura, tanto bate até que fura” (GONÇALVES, 2010a, p. 32); “o parafuso tem muitas roscas” (GONÇALVES, 2010a, p. 370), remetendo à raiz cultural dos grupos sociais representados, que recebem e transmitem as tradições basicamente pela oralidade. O enredo demonstra que, a qualquer novidade, há o falatório entre o povo: “os boatos corriam como notícia ruim em terreiro de pobre” (GONÇALVES, 2010a, p. 279). Esses escritos reatualizam os costumes e hábitos populares. Quando se sentiu mal do estômago, o padre Deuteronômio “[...] tomou todos os chás conhecidos, desceu a prateleira das farmácias, procurou uma benzedeira que curava gado” (GONÇALVES, 2010a, p. 53).

A narrativa é permeada por passagens que indicam as contradições entre as vivências simbólicas das famílias que permaneceram no campo e as que passaram a viver nas periferias das cidades. Retrata o modo de vida dos pequenos agricultores que ainda dispõem da sua propriedade familiar: o padre visita a família e, ao acordar, “[...] pai e irmãos já estavam na roça desde as seis. O gato dormia na taipa do fogão à lenha; no pomar, o chilreado dos pássaros formava um grande coral. Sua mãe, trazendo um feixe de lenha à cozinha, depositando junto ao fogão, quando o viu, sorriu feliz”. E a fala da mãe: “Aqui está o leite, o café, o pão, as bolachas” (GONÇALVES, 2010a, p. 169). Nas fazendas abastadas em alimentos e conforto há mesa farta, “[...] pão quentinho, feito em casa no forno à lenha” e no plantio “[...] tudo é moderno, nada obsoleto” (GONÇALVES, 2010a, p. 24). Os fazendeiros têm acesso às tecnologias, enquanto os pequenos agricultores realizam trabalhos de forma manual. A fartura das grandes propriedades contrasta com a vida miserável dos boias-frias, migrantes oriundos do êxodo rural, que moram em casebres nas zonas periféricas das cidades ou nos acampamentos dos sem-terras, em condições precárias e não têm boa alimentação: “e o boia-fria ficou trabalhando só pela boia, que é fria e mal cobre o estômago” (GONÇALVES, 2010a, p. 41). A personagem Ana Bela, ao chegar ao acampamento dos sem-terra, questiona-se: “O que farei para a janta? [...] verificando o estoque de alimentos na barraca, pouco encontrou, senão farinha em um saco plástico”. Na barraca vizinha: “[...] Ih, mulher, as latas

estão vazias, não há sequer um tiquinho de charque. Miséria, mulher, só vejo miséria”. Ao indagar o que os filhos da vizinha comeriam, apontando “meia dúzia de pirralhos sujos e barrigudos” ela obtém a resposta: “Sei lá! Ainda não sei. Quem sabe, uma farinha de mandioca com água...” (GONÇALVES, 2010a, p. 274). Essas passagens denotam que, ao serem rompidos os vínculos do trabalhador com a terra, ou seja, quando ele deixa de ser um pequeno agricultor e passa a ser um migrante boia-fria, as rupturas se manifestam em seu modo de vida.

A representação discursiva da narrativa *O Sol dos Trópicos* desvela a batalha do homem com o próprio homem. Retrata a saga do trabalhador que, em diversas situações, é explorado pelo sistema agrícola e denuncia a ganância dos proprietários de grandes fazendas, que se articulam com os detentores do poder político e econômico em prol dos próprios interesses, como indica a fala do deputado Toniquarto Vieira ao tramar junto ao fazendeiro Pasternak uma estratégia eleitoral supostamente em defesa da reforma agrária: “[...] desde que promova votos, aceito até injeção na testa. O povo é a minha vaca sagrada” (GONÇALVES, 2010a, p. 288). Esses escritos deixam transparecer que o discurso do direito de todas as pessoas a uma vida digna é encenado demagogicamente pelo poder político, sobrepondo-se às necessidades humanas fundamentais do povo. Nesse contexto, a reforma agrária aparece como uma tática eleitoreira, cuja efetivação continuaria a ser apenas um sonho para muitos boias-frias.

A representação simbólica inserida na trama incita a reflexão sobre a mediocridade e a hipocrisia circulantes na sociedade, em um cenário marcado pelas manobras políticas, que favorecem uma minoria concentradora de grande riqueza e manipula a massa popular, com o apoio da mídia, como indica esta passagem: “A rádio Cidade de Quadrângulo pediu calma, incentivou a ordem e o progresso, instigou a devoção, o respeito e a dignidade. As mais belas músicas sertanejas falando sobre a pátria, o amor e a devoção à Nossa Senhora Aparecida foram ouvidas” (GONÇALVES, 2010a, p. 90).

A narrativa também sinaliza que a classe dominante tem aliados entre os defensores da lei: “[...] pouco interesse tinha o delegado em achar o pároco [...] desejava apenas sensibilizar o deputado da região, pois, recentemente, havia cochichado aos ouvidos do nobre político o interesse numa transferência para a capital, num posto maior [...]” (GONÇALVES, 2010a, p. 276). A esse discurso simbólico, subjaz o uso da mídia, da religião e da polícia para manipular a população trabalhadora e induzi-la a permanecer em condições de subserviência, intervenções que se refletem no modo de vida desses trabalhadores. Denota, ainda, a

perseguição e retaliação àqueles que demonstram consciência de classe e se propõem a lutar pelos seus direitos a uma vida digna.

A trama narrativa, portanto, abre possibilidades de discussão sobre as ações do ser humano, sem fazer concessões. Em meio à corrupção política, há personagens representativos do poder dominante que enganam o povo para aumentar sua riqueza, ordenam o assassinato daqueles que representam empecilho para o alcance dos seus interesses. Na cidade e nos povoados circundam personagens de bandidos que cometem atrocidades como roubar, matar e estuprar. Contudo, as vozes que permeiam esses escritos não deixam de clamar que cada pessoa escolhe seu caminho, ainda que as opções sejam poucas e difíceis, o discurso subjacente ao texto reforça a importância do trabalho e da integridade como forma de vencer as adversidades.

A análise do discurso das experiências simbólicas dos grupos marginalizados representados no romance *O Sol dos Trópicos* remete aos estudos de Cândido (1982) sobre as mudanças na vida do caipira paulista diante da urbanização, identificando uma cultura mista, formada por traços caipiras e urbanos, pois mesmo para os agricultores que permaneceram na lavoura, há uma perda ou transferência de elementos culturais tradicionais do seu modo de vida, antes marcado pelo isolamento e a autonomia. Denota a crise vivida pelo caipira, que resiste ao máximo para preservar traços identitários, mas, diante da precariedade de sua vida, é compelido a aderir a um processo de modernização e passa a se incorporar ao sistema comercial das cidades, no qual se acentuam as diferenças entre as formas culturais antigas e as tradicionais. Configuram-se a aglutinação e a oposição entre a cultura rústica popular, com suas práticas identitárias perpassadas pela oralidade e a cultura urbana, que caracteriza a elite social. Uma forma encontrada pelo caipira para se inserir nos meios de produção é a formação de laços comunitários, a partir da vivência coletiva, que demonstra a consciência de classe da categoria de trabalhadores.

Algumas aproximações entre as pesquisas de Cândido (1982) e a narrativa *O Sol dos Trópicos* de David Gonçalves sinalizam que o modo de vida do caipira é afetado pela necessidade de adaptação aos mecanismos impostos pela conjuntura socioeconômica marcada pelos avanços das tecnologias, sistema esse que atua em detrimento da cultura tradicional e apontam a organização coletiva como uma possibilidade de resiliência dos grupos sociais marginalizados. Processo decorrente da organização sindical, idealizada pelo personagem Zé Mauro, que promove a união do grupo, convencendo os boias-frias a participarem de um sindicato e a montarem um acampamento na luta pela terra.

Ao retratar as condições de vida indigna desses grupos sociais e pela representação simbólica dos seus traços culturais e identitários, esses escritos literários indicam formas de resiliência dessas pessoas diante das adversidades. A arte, substancializada pela música caipira, é apontada como meio de expressão, realização e resistência. Como diz o personagem Seresteiro “a arte está acima de toda a mediocridade” (GONÇALVES, 2010a, p. 361). O homem do campo, mesmo quando passa a viver no espaço urbano, sente a necessidade de manter seu vínculo com a moda caipira, para contar suas histórias, cantar a sua dor, as suas saudades e as suas esperanças.

### **3.2 Os cenários da imigração e da desigualdade social em *Pó e Sombra***

Na narrativa *Pó e Sombra*, a denúncia também se volta aos migrantes que chegam aos centros urbanos, muitos em situação de êxodo rural, apontando para o aumento das populações marginalizadas nas periferias e para os impactos culturais decorrentes das mudanças no modo de vida dessas pessoas e na dinâmica das cidades: “[...] um rapaz do Morro do Meio chamado José, que mal completara quinze anos – filho de um casal de paranaenses expulsos da zona rural na ocasião do grande êxodo, no qual sítios ficaram vazios e os bairros das médias e grandes cidades incharam” (GONÇALVES, 2010b, p. 331). A intertextualidade entre *O Sol dos Trópicos* e *Pó e Sombra* indica o olhar voltado a personagens em condições de exclusão, denotando problemas socioculturais e desigualdade social. O desvinculamento entre o ser humano e a terra e o acesso restrito desses indivíduos e grupos aos avanços tecnológicos, que desencadeou o aumento de trabalhadores informais em condições miseráveis como os boias-frias de *Quadrínculo* em *O Sol dos Trópicos*, também motivou a vinda de imigrantes para Joinville, cenário de *Pó e Sombra*, onde parte deles ingressaram nas linhas de produção das empresas, outros passaram a desenvolver trabalhos informais. Evidencia-se, assim, a propriedade da arte literária de designar um olhar subjetivo para representar o contexto sociocultural, fazendo referência à identidade cultural dos indivíduos percebidos no presente da escrita de uma cidade que se caracteriza pela entrada de grande contingente de migrantes, principalmente a partir da segunda metade do século XX.

A compreensão dos traços culturais desse município remete às suas origens. De acordo com Thiago (2001), o território onde hoje Joinville se situa foi ocupado por indígenas antes da colonização e abrigou franceses, espanhóis e portugueses desde o século XVI. Por meio da fundação do então distrito, atual cidade de São Francisco do Sul, os luso-brasileiros colonizaram esse espaço de forma mais efetiva a partir do século XVII e os franceses

instalaram a Vila da Glória<sup>15</sup> no século XIX, no período entre 1841 e 1845. Joinville foi fundada em 1851, na condição de Colônia, por empresários alemães da Companhia Colonizadora de Hamburgo, que agenciou a vinda de emigrados europeus, provenientes principalmente de cidades germânicas que viviam a crise da Revolução Industrial e da consolidação do capitalismo. Nesse período, em São Francisco, distrito então habitado por luso-brasileiros e seus escravos africanos, além dos caboclos, chegaram germânicos vindos de diversos reinos e principados alemães, que formaram a Confederação Alemã, unificada, em 1871, como Império Alemão. Também vieram emigrados da Suíça, Áustria, Noruega, Suécia e Dinamarca por meio da Companhia Colonizadora. Nesse contexto, pessoas de origens diversas passaram a conviver nas oito léguas quadradas que pertenciam ao Príncipe de Joinville na região onde atualmente se situa o município de Joinville. Esse processo denota acentuada diversidade cultural entre os imigrantes e entre eles e os nativos, ainda que a maioria fosse de base cultural germânica.

No Brasil, segundo S. Thiago (2000), no final da década de 1930, período que corresponde à ditadura de Vargas, foi desenvolvida uma campanha de nacionalização com o propósito de implementar uma política nacionalista e intolerante. Em Joinville, mesmo não tendo sido apagadas as raízes germânicas, as produções culturais gradativamente adquiriram outro perfil. A partir dos anos sessenta, o denominado milagre econômico brasileiro repercutiu nessa cidade, trazendo grandes mudanças principalmente no mundo do trabalho. Em decorrência, a demanda por mão-de-obra no chão de fábrica das indústrias foi ampliada, ocasionando uma intensa migração, justamente quando chegavam à cidade muitas pessoas vindas do campo, do Norte do Paraná, Mato Grosso e, em maior número, do interior e do Sul de Santa Catarina. Essa migração em massa transformou a composição populacional urbana que se abasileirava, modificando o perfil cultural de Joinville.

*Pó e Sombra* foi escrito após observações registradas por David Gonçalves em locais representados na narrativa e de conversas com os moradores da Vila da Glória, nas quais coletou indícios sobre o modo de vida das pessoas da região (GONÇALVES, 2020). A trama se desenvolve em um dia e uma noite, em uma viagem em que o personagem principal, o professor Terêncio, rememora situações de vida e analisa as razões pelas quais chegou à condição de pobreza e desestruturação familiar na qual se encontrava. Esses escritos literários se caracterizam por um fluxo contínuo de memória, um lembrar constante do personagem

---

<sup>15</sup> A Vila da Glória (Barra do Saí) foi instaurada como uma sociedade alternativa, segundo os princípios do socialismo utópico de Fourier. A experiência não teve longa duração, mas se inseriu na construção da história da Vila e legou descendentes (S. THIAGO, 2000, p. 15).

Terêncio, que vive mais do passado do que do presente. As memórias simbólicas são articuladas de modo a despertar emoções no leitor e incitá-lo a pensar sobre as questões abordadas. As discussões narrativas trazem à tona a existência humana e fazem parte da memória coletiva, no caso de Joinville, problematizando o uso de drogas e indicando a violência como um dos dilemas vividos nas sociedades contemporâneas. Contextualiza as interculturalidades presentes na região e remete às memórias em disputa pelos espaços, em um cenário de desigualdade social, desconstruindo a ideia muitas vezes presente no imaginário coletivo de uma cidade ordeira. A narrativa literária, por meio do simbólico, tem o potencial de acionar as memórias de seus interlocutores, sensibilizando-os e incitando-os a lançar um novo olhar sobre as questões da vida passada, que se manifestam no presente, propondo novas percepções sobre a realidade.

No fragmento da narrativa *Pó e Sombra* podem ser percebidas impressões simbólicas subjacentes ao texto, a partir da fala do personagem confrontadas com as transformações observadas no contexto presente da escrita, indicando que nessa cidade “[...] tudo mudara. Pessoas de todas as partes se misturavam pelas ruas” (GONÇALVES, 2010b, p. 316).

Em algumas passagens de *Pó e Sombra*, as memórias do personagem Terêncio foram acionadas ao deparar-se com o Rio Cachoeira, na parte central de Joinville, a partir da percepção da poluição desse rio no presente da escrita, confrontada com a imagem guardada na lembrança de décadas anteriores: “[...] havia peixes ainda no rio Cachoeira. Mas tudo mudara. [...] E o rio Cachoeira tornara-se poluído, negro, e até as garças eram negras” (GONÇALVES, 2010b, p. 316). Mais adiante, ao situar o leitor no ambiente da Baía Babitonga, o personagem tece apreciações sobre a depredação da paisagem natural da região: “[...] Sim, ainda era bela. Mas não tão bela. A poluição a devorava. [...] A baía estava enegrecida. Até mesmo as poucas garças estavam negras. Vítima da ambição desmedida, o fundo da baía se tornara um lamaçal podre. Os peixes sumiram, a poluição os comera” (GONÇALVES, 2010, p. 325).

Esses escritos dialogam com os sentidos dos bens culturais, sinalizando como os grupos sociais se relacionam com o patrimônio natural, por meio da propriedade que a arte literária tem de designar um olhar subjetivo para representar o contexto guardado na memória coletiva. Faz referência a Joinville, construída como cidade industrial, levando a pensar sobre problemas socioambientais que se manifestam na região, decorrentes do crescimento desordenado. A narrativa denuncia a situação da Baía Babitonga. A percepção do narrador se atém às nuances da dinâmica de vida dos pescadores locais, revelando aspectos dos seus

traços culturais e sua relação com o ambiente, que se manifestam nas falas simples, nas trovas, como estes versos improvisados:

Babitonga, Babitonga, meu amor,  
Sobre tuas águas já pesquei,  
Sob teu céu já naveguei,  
Debaixo de tuas estrelas confessei  
Minha paixão e minha dor...  
Oh, Babitonga, Babitonga!  
(GONÇALVES, 2010b, p. 377)

Em outra passagem narrativa, surge a indagação sobre o motivo que teria desencadeado a escolha do nome Babitonga. É a deixa necessária para a inserção da história desse nome, que é disseminada em várias versões pelos moradores locais, quando contam sobre os índios que viviam na Baía e foram expulsos pelos portugueses no período da colonização da região.

Eles, para não serem dizimados, escondiam-se numa caverna onde havia muitos morcegos. Durante o dia, os morcegos se escondiam da luz e, de noite, saíam em voos rasantes sobre a baía. Quando os portugueses aportavam na entrada da baía, os índios levavam suas mulheres e crianças para dentro da caverna. Os morcegos ficavam desesperados, voando ao redor dos intrusos, e muitas mulheres preferiam outros esconderijos a suportar essas aves do demônio. [...] Babitonga significa caverna de morcegos (GONÇALVES, 2010b, p. 377).

Essas histórias que o povo conta foram transmitidas de geração a geração pelos moradores locais. A narrativa *Pó e Sombra* flui da experiência dos grupos representados, indicando os conflitos existentes entre os europeus e os indígenas da região de Joinville no período da colonização e sinalizam formas de resistência dos nativos diante dos ataques dos portugueses.

Dos escritos literários *Pó e Sombra* emerge a problemática da violência, o uso de drogas, a prostituição. O cenário traz à tona a desigualdade social e as contradições socioeconômicas da região, como é possível observar em diversas passagens do texto. Na praia da Vigorelli: “[...] crianças barrigudas e desnutridas brincavam na praia, correndo, como se fosse um ‘pega-pega’”. Mais distantes, um grupo de meninos esfomeados soltavam pandorgas feitas de jornal, taquara e cola caseira” (GONÇALVES, 2010b, p. 307); na Vila da Vila da Glória: “[...] Ele observou a copa frondosa das árvores e os telhados das casas pobres dos pescadores em contraste com as pequenas mansões dos novos ricos de Joinville e de Curitiba, que, aos poucos, quebravam a dormência de anos na vila” (GONÇALVES, 2010b, p. 307). Dessas imagens simbólicas, advém reflexões sobre as condições de vida de muitas

peessoas que vivem em situação de marginalidade no centro da cidade de Joinville: “Mendigos dormiam pelas ruas. Aquelas pessoas já tinham chegado ao fundo do poço e a lama já as cobria. Que mais poderiam esperar da vida? Pernas enfiadas, podres, inchadas, corpos sujos e cobertos de parasitas” (GONÇALVES, 2010b, p. 319).

No espaço urbano, alguns indícios acerca do modo de vida de trabalhadores: “[...] no terminal de ônibus contemplou as enormes filas de espera. Mães seguravam bebês nos colos enquanto na outra mão agarravam os pacotes” (GONÇALVES, 2010b, p. 316). Sinaliza para a luta diária, a rotina das famílias envolvendo a criação dos filhos e a necessidade do trabalho.

### 3.2.1 A migração e os conflitos culturais em *Pó e Sombra*

Do discurso simbólico de *Pó e Sombra* emergem os traços culturais que os migrantes trouxeram para a cidade. Algumas passagens discutem a questão dos grupos marginalizados, por meio da fala de um personagem adepto ao pensamento hegemônico, apresentada no sentido de problematizar a questão da primazia cultural de um grupo social em relação aos outros. O fragmento a seguir apresenta a controvérsia sobre a crença de que o comportamento ordeiro, o respeito e a segurança supostamente seriam traços culturais de um grupo que buscava estabelecer demarcações entre a sua cultura e as demais e se firmar como predominante.

Fábricas operavam a todo vapor. Nunca houve uma greve. Operários ordeiros. A palavra ‘respeito’ era pronunciada em todos os lares, em todas as festas. Operário não respondia ao chefe, filhos não respondiam aos pais, alunos não respondiam aos professores. Havia ordem. Havia segurança. As pessoas mantinham-se num emprego só até o final da vida. Eram felizes. Hoje, não (GONÇALVES, 2010b, p. 321).

A fala desse personagem suscita reflexões acerca da ideia de que os migrantes que chegaram à cidade a partir no período da industrialização seriam os responsáveis pela perturbação ao trabalho e à convivência presumidamente ordeira. Outras passagens do texto são apresentadas no mesmo sentido: “Todas as raças se perderam. Antigamente, não. Havia só brancos e de boa origem. Falava-se alemão abertamente. Na igreja, nos bares, nas domingueiras! Havia confiança em cada ser humano. Casas permaneciam sempre abertas”; “[...] a nossa cidade! Ouçam bem: a nossa cidade! Por onde anda a Joinville tranquila, amistosa, que eu e nossos pais tínhamos como a gloriosa cidade das bicicletas? Sumiu. Evaporou. Simplesmente não existe mais” [...] “A ‘grandiosa’ Joinville, a cidade dos príncipes, já era” (GONÇALVES, 2010b, p. 316). Nesse fragmento da narrativa, o pronome

possessivo “nossa” propositalmente repetido, é uma evidência representativa da fala daqueles que, de certa forma, consideram-se os verdadeiros proprietários da cidade e atribuem aos outros grupos um papel de marginalidade. Observa-se também o uso dos termos “gloriosa” na passagem anterior e, mais adiante “grandiosa”, que levantam questionamentos, pois estes adjetivos se referem a somente uma parte dos habitantes de Joinville e excluem os demais na construção da suposta grandeza e glória da cidade.

A análise discursiva denota evidências de que a primazia de uma só etnia, muitas vezes defendida como característica principal da cidade, não condiz com a realidade da sua construção sociocultural, marcada pela pluralidade. A partir do seu lugar de fala, o discurso da arte literária lança um olhar para os migrantes vindos a Joinville, provocando uma leitura que considere também o ponto de vista deles e revelando seus traços culturais que, em determinadas situações, são discriminados. As textualidades apresentam contrapontos entre o discurso do narrador e as falas dos personagens, trazendo as várias vozes presentes no texto, fazendo a mediação para que o interlocutor acesse diversos posicionamentos presentes no contexto social e representados na literatura. A fala a seguir é do personagem que defende a hegemonia como meio de manter a ordem na cidade:

Que saudades da nossa Joinville! Todos falavam a mesma língua. Todos viviam em paz. Fábricas contratavam só quem tinha boa origem. Contratava-se a dedo alguns poucos negros. Mas eles viviam em território separado. Sabiam ocupar o seu devido lugar. Esta escola, hoje, é obrigada a reservar cotas aos negros! Onde fomos parar? [...] (GONÇALVES, 2010b, p. 322).

A narrativa apresenta contrastes entre a fala da personagem e o discurso do narrador, propondo reflexões acerca da segregação racial, sugerindo que, em determinadas situações, há a crença de que os migrantes não deveriam ser integrados à sociedade joinvilense, porque supostamente, para muitos, eles não correspondem aos ideais que determinados grupos sociais projetaram para a cidade. Novamente a fala do personagem:

As autoridades deviam colocar vigias nas rodoviárias e nas entradas da cidade para proibir a migração. Pessoas estranhas e desocupadas deveriam ser barradas e mandadas de volta às origens. Não somos obrigados a receber a escória. Sim, essa gente que está destruindo nossa cidade é a escória. Bem fazem outras cidades que não dão emprego a estranhos. Pobreza é uma desgraça. Se acolhemos um pobre, em seguida ele convida outros tantos. Atrás de um sempre surgem dez (GONÇALVES, 2010b, p. 322).

Situações ficcionais que remetem à problematização de como se articula o pensamento hegemônico na sociedade. O diálogo entre a literatura e a realidade tece críticas acerca da defesa da hegemonia, que se torna improcedente diante do contexto multicultural de muitas

idades hoje. O discurso simbólico marcado pela subjetividade na narrativa *Pó e Sombra* retoma a questão das escolhas. Chico Doido, o grande vilão da história, é um migrante que teve oportunidades para trabalhar honestamente, mas suas opções o levaram ao mundo do crime, possibilitando-lhe uma rápida ascensão financeira. Contudo, tendo espalhado a destruição de muitas vidas, chegou a um final trágico.

## CONSIDERAÇÕES

Os escritos literários analisados (re)criam experiências simbólicas dos personagens e denotam modificações no modo de vida deles ao se tornarem migrantes e passarem a viver nas periferias das cidades. Em um cenário de corrupção política, contradições socioeconômicas e desigualdade social, as relações alegóricas traduzem a genuína relação do ser humano com a terra como fonte de vida e a ruptura desses laços ao perder sua propriedade familiar e passar a exercer trabalhos informais, em condições de miséria, confrontados com a ausência de circunstâncias dignas de vida nos espaços urbanos.

A grande contingência de imigrantes oriundos do êxodo rural desencadeado pelo sistema agrícola brasileiro da segunda metade do século XX é apontada, como fator de crescimento das populações marginalizadas nos centros urbanos, como é o caso dos personagens boias-frias em *O Sol dos Trópicos*. A narrativa *Pó e Sombra* indica que esses trabalhadores do campo não imigraram somente para as cidades próximas de *Quadrínculo*, mas se deslocaram também para Joinville, muitos deles em busca de trabalho nas indústrias ou atividades informais. Ambas as narrativas indicam mudanças no modo de vida dessas pessoas, em contextos nos quais não fazem parte do poder constituído pelo capital. Esses grupos sociais são discriminados, submetidos à exploração pelo capital nas cidades que os acolhem como força de trabalho e simultaneamente os segregam devido ao fato de não pertencerem à cultura dominante.

A saga dos boias-frias, dos lavradores, dos trabalhadores informais, enfim, dos grupos sociais marginalizados é ressignificada nos referidos escritos, por meio da representação alegórica das suas experiências e dos seus traços culturais e identitários. São trazidos à tona os mecanismos sociais opressores que atuam na disseminação dos valores culturais dessas minorias excluídas que, por sua vez, continuamente re(criam) sua cultura, em circunstâncias materializadas na música caipira, na fala cristalizada dos ditos populares, nos hábitos, costumes, tradições e na ação coletiva, denotando a resiliência desses grupos diante das adversidades impostas pelo sistema articulado sob o domínio do capital.

A representação discursiva nesses escritos literários indica que a intensa migração atribuiu novos significados aos espaços urbanos, interferindo na sua configuração, pluralizando-os, sinalizando o papel que esses migrantes têm na modificação das paisagens culturais das cidades. A palavra literária reconstrói mundos e propicia ao leitor novos olhares e percepções sobre o contexto sociocultural. A crítica sociopolítica é mediada pela literatura, por meio de conjunturas simbólicas que remetem a situações históricas e denotam engajamento às questões sociais.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. [Trad. Paulo Bezerra]. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 6 ed. [Trad. Aurora Fornoni Bernardini et. al]. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BARTHES, Roland. **Aula inaugural de semiologia literária do Colégio de França**. 7/01/1977. [Trad. Leyla Perrone-Moisés]. São Paulo: Cultrix, 1978.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- CÂNDIDO, Antônio. **Os Parceiros do Rio Bonito**. 64 ed São Paulo: Duas Cidades, 1982.
- CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 8 ed. São Paulo: Quatro, 2000.
- CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. 2 ed. Campinas – SP: Papirus, 2001.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. [Trad. Izabel Magalhães (coord.)]. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- GONÇALVES, David. **O sol dos trópicos**. Joinville: Sucesso Pocket, 2010a.
- GONÇALVES, David. **Pó e sombra**. In: GONÇALVES, David. **Paixão cega e outras histórias**. Joinville: Sucesso Pocket, 2010b.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. [tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro]. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte**. [tradu. Renata Santini]. São Paulo: N-1Edições, 2018.
- THIAGO, Raquel. Joinville: cultura e história. In: **Joinville 150 anos**. Joinville: Letradágua, 2001.
- SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. **Encantamento: sobre política de vida**. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

## 4 O DISCURSO SIMBÓLICO DA OCUPAÇÃO DOS ESPAÇOS DA AMAZÔNIA NA NARRATIVA SANGUE VERDE

### RESUMO

A Amazônia, envolta por mistérios, exuberância, rara beleza cercada de perigos é o cenário da narrativa *Sangue Verde* de David Gonçalves, que desvela um Brasil movido pela ambição humana desmedida na procura pela riqueza proporcionada pelo ouro nos garimpos, pelas grandes plantações agrícolas e a criação de gado nas fazendas. As reflexões críticas analíticas pautadas na análise do discurso de Fairclough (2001) propõem novos olhares sobre as articulações simbólicas desses escritos literários, com o objetivo de analisar as representações discursivas que ressignificam a ocupação desses espaços e o jogo político opressor à manutenção das populações tradicionais da região e suas culturas. A análise é dirigida às denúncias sobre a grilagem de terras, o desmatamento, a poluição do solo e dos rios e a consequente destruição da biodiversidade, que resultaram na marginalização dos grupos sociais nativos.

**Palavras-chave:** Discurso simbólico denunciador. Ocupação da Amazônia. Destruição de biodiversidade. Populações tradicionais.

### ABSTRACT

The Amazon, shrouded in mysteries, exuberance, rare beauty, surrounded by dangers is the setting for the *Green blood* narrative by David Gonçalves, which unveils a Brazil driven by excessive human ambition in the search for the wealth provided by gold in mining, large agricultural plantations and cattle raising on farms. Critical analytical reflections based on Fairclough's discourse analysis (2001) propose new views on the symbolic articulations of these literary writings, with the aim of reinterpreting the discursive representations of the occupation of these spaces and the oppressive political game to maintain the region's traditional populations and their cultures. The analysis is aimed at complaints about land grabbing, deforestation, soil and river pollution and the consequent destruction of biodiversity, which resulted in the marginalization of native social groups.

**Keywords:** Denouncing symbolic speech. Occupation of the Amazon. Destruction of biodiversity. Traditional populations.

### INTRODUÇÃO

Uma contextualização acerca do ambiente em que se projeta a narrativa *Sangue Verde* remete às características da selva amazônica, pontuadas pela linguagem de uma população vinculada ao espaço e à natureza, desvelando aspectos peculiares da vegetação densa da mata

nas descrições subjetivas que permeiam o enredo, como ocorre na passagem apresentada a seguir:

Por onde se mirava, a selva se estendia compacta. Tudo se resumia num aglomerado exuberante, arbitrário e confuso de troncos e hastes, entremeios de ramaria multiforme, serpenteando em curvas imprevistas, em laçadas largas, em anéis repetidos, fortes e fatais, toda uma vegetação de cipós e parasitas verdes, que deixava intransponível alguns trechos. Nenhum tronco de árvore subia limpo de tentáculos até a copada exposta ao sol. A luz vinha em flocos quebrados, esfarrapando-se entre as folhas, galhos e palmas. A multidão de arbustos menores ansiava por luminosidade. A folhagem seca cobria o chão de tal maneira que não se via a cor da terra, se era arenosa, esbranquiçada ou terra roxa. Dos troncos mortos e esfarelados ao rés do chão ou dependurados, brotavam parasitas petulantes, de folhas finas ou tipo orelha de coelho (GONÇALVES, 2014, p. 66).

Na referência alegórica à mata, *locus* no qual a vida palpita, a vegetação é personificada, ao clamar pela sua permanência em meio à disputa por espaço: “[...] no meio da floresta, às vezes uma palmeira esguia e reta subia sobre os enleios da cipoama e ia espiar a selva muito acima das árvores como se quisesse fugir do sufoco e da luta selvagem pela vida”. E complementa: “Ou talvez esse tipo de palmeira quisesse fugir dos homens, escondendo lá no alto, os cachos saborosos de açaí” (GONÇALVES, 2014, p. 67). As figuras de linguagem expressam o sentimento da palmeira na busca pela liberdade e pela vida proporcionada pela luz do sol, em um ambiente em que as ameaças circundam movidas pela cobiça humana na ocupação daqueles lugares: “Aproveitadores e sanguessugas enriqueciam abrindo as veias da Amazônia, o sangue verde correndo sem parar” (GONÇALVES, 2014, p. 144). A metáfora *Sangue Verde* que intitula a narrativa apresenta um sentido figurado que designa a morte desse ambiente natural, quando a vegetação onde a vida pulsa é eliminada.

Evidencia-se, assim, os atributos dos escritos literários de intermediar a conexão entre o contexto representado e a ficção, como jogo simbólico articulado na representação da realidade. Para Barthes (1978), a linguagem literária tem a força de otimizar e amplificar os recursos que os signos linguísticos oferecem, sem destruí-los e sem submeter-se ao poder que a língua impõe em seu uso não artístico, bem como carrega o potencial de dialogar com os conhecimentos veiculados pelas diversas áreas do saber, estabelecendo com elas interfaces que favorecem as discussões do contexto analisado.

As proposições teóricas de Cândido (2000) assinalam um movimento dialético entre a literatura e a sociedade, formado por um sistema de influências recíprocas que as vinculam. Na fusão entre o texto e o contexto na composição literária, os fatores internos da narrativa, como os personagens, o enredo, as referências a lugares e ao tempo, assim como as manifestações de indivíduos e grupos, atuam como elementos simbólicos na recriação de conjunturas sociais. Em decorrência, o texto literário é uma comunicação expressiva de

realidades, que ultrapassa a transmissão de noções e conceitos, ao designar a junção entre os sentidos construídos na mensagem e as suas implicações sociais implícitas.

Esta análise discursiva da narrativa *Sangue Verde* é direcionada aos pontos e contrapontos que subsidiam a abordagem de problemas que se interpõem na ocupação dos espaços da Amazônia e que designam intervenções agressivas do ser humano sobre o ambiente e sobre o próprio ser humano reveladas pelas textualidades. O olhar analítico da pesquisa volta-se às ressignificações dos traços da conjuntura social representada, por meio dos sentidos subjetivamente construídos e veiculados pela palavra literária. A pesquisa fundamenta-se na análise crítica do discurso, com base nos pressupostos teóricos de Fairclough (2001), que explora o contexto discursivo de forma não restrita e insere a dimensão sociopolítica do uso da linguagem como um meio de prática social, em proveito da relação entre o texto e o contexto da escrita.

A investigação se atém às representações discursivas que permeiam a narrativa *Sangue Verde* em proveito de interconexões com a história da Amazônia, ocupada por desbravadores, caracterizados em *Sangue Verde* como “novos bandeirantes”, a exemplo do que já havia acontecido com o Cerrado. A problemática é inserida pela voz do personagem Rodolfo, um juiz que investiga os problemas que contaminam o judiciário desde a década de 1970, quando foram oferecidos lotes na região Amazônica pelo governo federal sob o lema “levar terras sem homens para homens sem terras” (GONÇALVES, 1014, p. 160). Em decorrência, o enredo aponta que os especuladores avançaram sobre a fronteira da mata: primeiro os madeireiros como “gafanhotos famintos”, tombando árvores milenares e “afugentando os índios atônitos”. O que restava da vegetação era queimado, para semear capim e acomodar os bois. A vinda dos peões, vaqueiros e pistoleiros armados faz referência, no discurso simbólico, a um “faroeste verde”. Quando as pastagens enfraqueceram foi introduzida a cultura da soja, remetendo à agricultura extensiva e à grilagem de terras indígenas, que deslocou esses povos para outros territórios. O discurso simbólico denunciador assinala a corrupção pelo comércio ilegal de terras na ocupação da região amazônica, o assassinato das populações nativas, trabalhadores rurais em disputas pelas propriedades e ambientalistas, indicando que os perigos da floresta e as doenças como a lepra e a malária não eram os únicos problemas na região onde “[...] o pântano é grande e traiçoeiro” (GONÇALVES, 1014, p. 162).

São problematizadas as marcas discursivas que indicam modificações nas paisagens causadas pela procura do ouro nos garimpos e a transformação da vegetação natural em extensas plantações agrícolas e pastagens, buscando compreender como a literatura

ressignifica essas ações e a forma como essas afetaram a biodiversidade e o modo de vida das populações originárias da região e suas culturas. A análise se referencia nos pressupostos de Krenak (2019) de que os indígenas brasileiros ocupam um ambiente cobiçado pelos detentores do poder e historicamente essa condição os torna vulneráveis porque, em muitas situações, lhes tem sido negado o acesso às políticas de manutenção da vida, desestabilizando a perpetuação de saberes e tradições que carregam identidades locais. Questões que suscitam reflexões sobre a condição dos indígenas no Brasil introduzidas no Quinhentismo com o processo colonizatório, “[...] sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível” (KRENAK, 2019, p. 04). Argumenta que essa visão tem norteado as escolhas na ocupação dos espaços ao longo da história, a partir de uma única verdade, resultando na agressão ao ambiente natural e aos povos que ali habitam. Diante disso, questiona sobre o que é feito dos rios, das florestas, das paisagens, em um cenário marcado pelo desarranjo regional e a falta de perspectiva política, em que é dada pouca importância às comunidades nas suas ecologias. Decorre dessa estrutura social, um modelo de progresso que se apresenta como suposto promotor de bem-estar no mundo:

A modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos. Essas pessoas foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas nesse liquidificador chamado humanidade. Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos (KRENAK, 2019, p. 04).

Essa dinâmica de ocupação dos espaços que vem destruindo florestas, montanhas e rios, segundo Krenak (2019, p. 06), tem provocado a desvinculação da humanidade da sua essência que é a terra, causando o apagamento da percepção do ser humano como integrante da natureza: “a ideia de nós, os humanos, nos descolarmos da terra, vivendo numa abstração civilizatória, é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos”.

Simas e Rufino (2020) abordam a problemática da matriz colonial como uma das chaves para a compreensão da relação entre grupos sociais com diferentes percepções sobre a natureza, marcada por conflitos ao longo do processo histórico brasileiro. Criticam o modelo fundamentado em uma visão “produtivista” e “utilitarista” acerca do homem, prevalente no Brasil desde a colonização, que despreza conhecimentos humanos existentes nos lugares ocupados.

Se de um lado temos a integração dos sistemas vivos, a conexão entre as dimensões materiais e imateriais e a ética ancestral, do outro lado está a separação e a hierarquização Deus/Estado, humanos/herdeiros de Deus e natureza/recursos a serem transformados em prol do desenvolvimento humano (SIMAS, 2020, p. 07).

Modelo de colonização que se reproduz na ocupação dos espaços do Cerrado e da Amazônia. Esta pesquisa analisa as reflexões que o discurso simbólico da narrativa *Sangue Verde* propõe na ressignificação dessas circunstâncias: “Os desbravadores chegavam aos poucos, ávidos por riqueza fácil. [...] a floresta foi sendo devorada. Os garimpeiros fuçaram o rio e a terra, bamburrando” (GONÇALVES, 2014, p. 120). A análise é dirigida à condição dos grupos minoritários, considerando que essas populações não fazem parte do sistema dominante: “[...] Uns se apropriavam do pedaço de torta maior, outros mendigavam. Índios viviam maltrapilhos e bêbados pelas ruas, sem floresta, sem terras, pobres de Jó” (GONÇALVES, 2014, p. 144). O olhar da pesquisa volta-se às implicações da destruição da flora e da fauna da região no modo de vida dos povos nativos: “[...] a floresta tombava num só impacto, levantando uma poeira espessa que cheirava a resina – tudo o que não fugia era devorado” (GONÇALVES, 2014, p. 92). A abordagem se estende às populações ribeirinhas: “O vilarejo ribeirinho não era nada. Pescadores roíam as próprias unhas” (GONÇALVES, 2014, p. 120) e aos quilombolas, “[...] últimos vestígios de negros escravos foragidos de Minas Gerais há mais de cem anos” (GONÇALVES, 2014, p. 125).

A organização da sociedade moderna, centrada no lucro e na exclusão dos grupos marginalizados, requer a compreensão dos dispositivos de poder que se situam na base (solo) da modernidade, remetendo aos estudos de Foucault (1999), que problematiza as relações entre poder e conhecimento no projeto moderno. Para ele, o poder não está apenas no Estado ou na soberania, mas também nas estruturas sociais e se manifesta nas formas muitas vezes utilizadas para disciplinar os corpos visando sua sujeição, para que se tornem economicamente ativos e politicamente dóceis. Esse poder disciplinador se articula à discussão de biopolítica e dos mecanismos de controle da vida, que fazem a divisão entre o fazer viver e o deixar morrer. Mbembe (2018), ao explorar a soberania política, demarca que seu objetivo central é conferir ao soberano o direito de deixar morrer, tendo como efeitos a anulação da humanidade do sujeito, o aniquilamento dos corpos e, conseqüentemente de determinados grupos sociais vulneráveis, ou seja, a eliminação da própria vida. Assim, sinaliza que a biopolítica é a necropolítica pensada a partir do homem branco europeu. Essas ponderações remetem ao projeto colonial que foi colocado em prática no Brasil e que manteve suas premissas ao longo da história, em detrimento da vida e da cultura dos povos que aqui viviam, promovendo a dessubjetivação desses sujeitos.

Nesse contexto, Simas e Rufino (2020, p. 09) sinalizam a necessidade de que sejam ouvidas as vozes das “sabedorias ancestrais” e seus ensinamentos acerca do universo. Essas concebem o ser humano como sendo “ecológico e inacabado”, capaz de manter a harmonia entre as coisas, independentemente das “relações de grandeza”. Sugerem a prática do “encantamento” nas relações sociais, fundamentada no “[...] princípio da integração entre todas as formas que habitam a biosfera, a integração entre o visível e o invisível (materialidade e espiritualidade) e a conexão e relação responsiva/responsável entre diferentes espaços-tempos (ancestralidade)” (SIMAS; RUFINO, 2020, p. 07). Prática essa que faz parte da resistência de muitos grupos hoje marginalizados na sociedade brasileira:

Enquanto há quem ache que é bobagem e as florestas são derrubadas, os xamãs e pajés invocam os espíritos da natureza para recordarem que um dia fomos árvore, folha e poeira do universo. Virados no transe de medicinas que desconhecemos, eles miram a cura para esse adoecimento (SIMAS e RUFINO, 2020, p. 08).

*Sangue Verde* ecoa discursivamente os estudos de Certeau (2001) nas abordagens acerca das implicações dos processos colonizatórios na centralização das culturas dominantes, indicando que os países colonizadores demarcam espaços de poder pela negação da cultura dos colonizados. Estruturas centralizadoras que atuam sobre as minorias, mas não eliminam a possibilidade social delas se manifestarem se tiverem consciência de si mesmas e não se deixarem absorver pelas sociedades majoritárias: “[...] uma autonomia cultural, social ou étnica sempre se manifesta dizendo não” (CERTEAU, 2001, p. 145). O não apagamento das diferenças forma a cultura no plural, a partir do reconhecimento das especificidades dos grupos sociais e suas culturas que estão em permanente (re)construção.

A partir das proposições teóricas apresentadas, o objetivo é problematizar as representações discursivas da ocupação dos espaços da Amazônia e o jogo político opressor à manutenção das populações tradicionais da região e suas culturas na narrativa *Sangue Verde*.

#### **4.1 Ambição, destruição e marginalização das populações tradicionais da Amazônia**

“Garimpo – terra rica de gente pobre” (GONÇALVES, 2014, p. 13). Esse enunciado, repetido por várias vezes no romance *Sangue Verde*, denota as riquezas da Amazônia e as misérias humanas representadas no discurso simbólico que perpassa essa narrativa. A reiteração dessa ideia faz alusão ao anseio veemente na busca pelo ouro, em um cenário em que os espaços são invadidos pela exploração das riquezas da terra, que ficam nas mãos dos mandatários e mercadores, restando aos garimpeiros a pobreza. O lugar que guarda tesouros e

no qual a vida palpita na mata pulsante em sua biodiversidade é também um espaço onde a morte circunda pela desventura, destruição e violência.

Na trama figuram tipos humanos representativos de diversas partes do país, como indica esta passagem: “Ali encontra-se toda gente – cearense, piauiense, goiano, baiano, mineiro, paranaense, cuiabano... Quase todos sem sorte, à procura da fortuna. Todos, entretanto, com os corações pisados, mais calejados do que os pés” (GONÇALVES, 2014, p. 63). Personagens com suas histórias, seus dramas, alguns fugindo da improdutividade do sertão de terras áridas ou da violência das cidades grandes, ou ainda de crimes que cometeram, à procura de um cenário próspero. Em comum, cultivavam a sede pelo ouro, a cobiça: “Todos trazem a febre na íris” (GONÇALVES, 2014, p. 06). A busca pela fortuna fundamenta a trama e desencadeia situações de violência, denotando as misérias das pessoas que ali se alojaram precariamente. A representação discursiva dos personagens indica que as ilusões criadas pelo devaneio da fortuna se transformam em uma espécie de enfermidade mental, que acomete a mente de muitas pessoas, ocupando-a de forma insana: “Garimpeiro se conhece pelos olhos. Olhos de febre, que flamejam e reluzem. Há, em suas pupilas, o ouro. O brilho dourado tatua a íris. Trata-se apenas de um reflexo de sua alma e daquilo que corre em suas veias. É um vírus” (GONÇALVES, 2014, p. 5).

Contexto literário que se converte em uma alegoria da sociedade brasileira, indica a desigualdade social que nela predomina: “Ali, havia poucos ricos e muitos pobres. Os homens bafejados pela sorte eram poucos e dominavam o garimpo, dividido em pequenos sítios” (GONÇALVES, 2014, p. 31). Bem como, desvela a situação dos garimpeiros, que executam o trabalho árduo escavando o solo na procura pelo ouro, subsistindo a circunstâncias ameaçadoras como as doenças, perigos próprios de quem vive na mata, desmoraamentos e, se conseguissem encontrá-lo, tinham que vendê-lo a quantias ínfimas ao dono do garimpo, o Pastor, ou pagariam com suas vidas, pois ele sempre andava com seus comparsas: “[...] numa mão a bíblia ensebada. Na outra, o revólver” (GONÇALVES, 2014, p. 48). Há ainda a figura do comerciante que “compra os frutos da lama e, de avião, numa fazenda próxima, despacha para lugares distantes e desconhecidos” (GONÇALVES, 2014, p. 08). Ambiente hostil que institui a desilusão após o deslumbramento inicial e favorece a dessubjetivação daqueles que não têm poder de decidir sobre o destino da eventual riqueza que poderiam obter com seu trabalho.

Nessa terra sem lei que se constitui um cenário marcado pela ambição e pela brutalidade, os espaços da floresta sofrem mutações, as árvores centenárias são derrubadas, o solo é devastado pela escavação, os barrancos deslizam, os produtos químicos são lançados ao

solo e chegam ao rio, caracterizando a destruição do habitat natural dos animais, extinguindo muitas espécies e causando a desfiguração da paisagem local “[...] tratores e retroescavadeiras derrubam e limpam a floresta: as dragas chegam, os rios se contaminam rapidamente de mercúrio [...] na trilha do brilho dourado, nada se preserva” (GONÇALVES, 2014, p. 06).

Escritos desveladores de uma Amazônia onde o caos se instaura, em um espaço em que os madeireiros avançam sobre a floresta, sequiosos por extrair dela suas riquezas materializadas nas madeiras nobres como peroba, itaúba, cerejeira, angelim, cedro, que têm grande valor econômico. A ganância dos mandatários impera, seja nos garimpos, seja nas grandes fazendas. O desmatamento, em nome do progresso, manifesta-se sob o lema “A Amazônia é nossa” (GONÇALVES, 2014, p. 06). Resulta dessas ações um campo devastado, desprovido da vegetação nativa, denotando a mudança nas paisagens que recebem as sementes de capim e se transformam em pastagens para a criação de gado:

Longe, o nelore pastava e o branco do rebanho brilhava no sol da tarde. A selva brilhava verde-parda além das pastagens novas. Há dez anos, tudo era verde pardecendo e o homem branco por ali ainda não havia pisado. De repente, as motosserras começaram a uivar e os tombos das árvores espantaram os sobreviventes daquela mata intacta (GONÇALVES, 2014, p. 87).

A trama narrativa indica que os garimpos e as serralherias atuaram em reservas indígenas, assim como fazendeiros se instalaram e construíram sua fortuna por meio de escrituras forjadas em cartórios, oferecendo propinas, tornando-se proprietários de grandes extensões de terras antes ocupadas pelos índios, em esquemas de corrupção que envolveram políticos, comerciantes, integrantes do poder judiciário, dentre outros. O personagem Bambico, vindo do Sul é um fazendeiro que enriqueceu pela ocupação desses espaços: “Por aqui não há polícia alguma [...] A gente paga por fora [...] Coitados, até a farda é comprada com o dinheiro dos outros. Quem faz a lei, por aqui, acredite, é a gente mesmo” (GONÇALVES, 2014, p. 88). Explorador de trabalhadores braçais que chegavam de outras cidades como mercadorias em caminhões “[...] uma massa de pessoas empobrecidas, sedentas e famintas” (GONÇALVES, 2014, p. 104). Esses homens eram submetidos à construção de grandes cercas para dividir os campos, anteriormente floresta, evitando a aproximação dos indígenas que reivindicavam suas terras. Considerava os indígenas como animais, alegando que esses não sabiam trabalhar como ele, matou vários deles e ordenou chacinas: “Ora, aqueles idiotas achavam que eram donos de suas terras! Para que um índio queria tanta terra se não cultivava nada?” (GONÇALVES, 2014, p. 88). Quanto aos caboclos, tratava-os como gente sem importância: “A cabocladinha da região continuava esfarrapada. Mas ele fizera

fortuna” (GONÇALVES, 2014, p. 39). Eleito senador, percebeu que Brasília tinha muito ouro, detinha ainda mais poder para realizar seus projetos grandiosos e se aplicava na defesa dos interesses dos ruralistas, madeireiros e grandes comerciantes e na oposição aos ambientalistas que defendiam a reforma agrária e as reservas de terras para as populações tradicionais.

O discurso subjacente ao texto denuncia a ocupação indevida do solo, a destruição da floresta, a poluição dos rios e brejais e a conseqüente devastação da biodiversidade da região, desencadeada pela cobiça, a fúria cega em busca da riqueza e a conseqüente marginalização das populações tradicionais, bem como a redução da agricultura familiar da região. “Os caminhões de toras gemiam nas estradas esburacadas. Índios e caboclos eram afugentados à bala. A floresta se transformava num pó fino, que logo apodrecia” (GONÇALVES, 2014, p. 114). O clima quente, o ar abafado e a fiscalização precária facilitavam as queimadas, muitas vezes provocadas pelos fazendeiros.

Uma das conseqüências da ocupação do meio natural revelada na narrativa é o aniquilamento do habitat dos animais, versando sobre as diversas espécies de macacos que se divertiam nos cipós e a mata onde viviam, dentre vários animais, onças, leopardos, capivaras, porcos do mato, quatis, grilos, papagaios, caranguejos, jacarés, peixes, ratões peludos, aranhas, cobras d’água, cobras e serpentes gigantes. Outra implicação da destruição do solo, dos rios, da floresta e da biodiversidade apontada nesses escritos literários é a marginalização dos povos indígenas, que tentavam se manter nas poucas matas que sobravam e “[...] procuravam defender as suas terras dos invasores. Todos sabiam que estavam cavando em terras indígenas. Eles tinham boas armas e os índios apenas arcs e flechas” (GONÇALVES, 2014, p. 26). Dessas representações discursivas, emana a denúncia de que várias tribos foram dizimadas na região, pois além de estarem sujeitas às doenças trazidas pelo homem branco, também foram alvo de chacina pelos fazendeiros, donos de serralherias, madeireiros e caçadores.

A linguagem simbólica indica que os indígenas conheciam a mata: “[...] andam agrupados, atentos, ouvidos afinados” (GONÇALVES, 2014, p. 69). Sabiam utilizar as ervas para espantar os mosquitos, maruins, mutucas, borrachudos, muriçoca, mosca rajada, sanguessugas; tinham conhecimento sobre como preparar os chás para curar doenças e para os rituais festivos e retiravam da mata os alimentos necessários para sua subsistência, principalmente por meio da caça. Contudo, pela intervenção dos brancos, esses povos nativos estavam sendo dizimados, perdendo-se assim as suas vidas, além das suas tradições e dos seus conhecimentos milenares. O dilema é materializado na narrativa pelo personagem Maracanã,

um índio jovem que, ao estudar agronomia na escola de brancos, sofre agressões e percebe que a história do seu povo é contada do ponto de vista dos desbravadores. De volta à sua tribo, sente que os seus traços identitários estavam sendo aniquilados, junto com a destruição do meio natural. “Quem eram os índios?”. Questionava-se sobre o fato de não mais se vestirem como os antepassados ou falarem sua língua somente em momentos específicos; vendiam artesanatos na cidade, mendigavam maltrapilhos pelas ruas e passavam fome. Os traços essenciais da sua cultura estavam se perdendo e, os que queriam salvá-los, o faziam “[...] enfiando suas tradições e religiões goela abaixo. Em troca, davam migalhas” (GONÇALVES, 2014, p. 126). Decorrente dessa perda identitária, o texto denota a desolação nas aldeias: “Quantos índios se enforcavam! Quantos bebiam veneno extraído escondido das plantas!” (GONÇALVES, 2014, p. 126).

O discurso dessa produção literária indica que a interferência dos brancos na Amazônia teve graves implicações na ocupação das reservas indígenas: “Na selva, os mais fortes iam engolindo os mais fracos. A civilização, lentamente fora corroendo a tribo como soda” (GONÇALVES, 2014, p. 105). É o aniquilamento das culturas e a dessubjetivação dos sujeitos pelo fato de sua permanência não atender aos interesses dos mandatários:

A cada dia, as nações indígenas eram encurraladas por madeireiros, fazendeiros e garimpeiros. Caças e peixes sumiam e a tribo tinha que viver só com a mandioca e alguns frutos da época. Os valentes guerreiros do passado, agora não passavam de homens esfaimados, anêmicos e desiludidos (GONÇALVES, 2014, p. 310).

Questão apresentada na narrativa em relação aos negros de um Quilombo situado na floresta, uma comunidade que vivia em condições precárias em meio à mata, esquecida pelo poder público: “A pequena vila, à beira do rio, não passava de duas dúzias de ranchos de pau a pique e barro, entre barcos e troncos de árvores virados e redes de pesca estendidos sobre estacas para remendos” (GONÇALVES, 2014, p. 277).

*Sangue Verde* indica ainda que as lavouras das grandes fazendas passaram a se utilizar de tecnologias e insumos para facilitar o plantio e a colheita, incluindo o uso de agrotóxicos e substituindo as sementes originais pelas transgênicas. Em decorrência, foram reduzidas as possibilidades de sustentação da agricultura familiar, determinando mudanças no modo de vida dos pequenos agricultores da região. Os ribeirinhos que figuram nessa narrativa vivem em seus casebres altos do chão, com pernas longas cobertas por folhas de coqueiro e nenhuma mobília, onde moram com a mulher e uma “porção de crianças magras e barrigudas” (GONÇALVES, 2014, p. 71). Famílias que se alimentam da pesca e da caça na floresta, farinha e carne de queixada, feijão, leite da vaquinha, criam algumas galinhas no quintal e

cabritos para o sustento, cultivam horta caseira e cozinham em fogões de barro: “Há milhares de anos sua família se nutre do rio e da selva. Não é ave de rapina. Conhece palmo a palmo tudo o que o rodeia” (GONÇALVES, 2014, p. 76). Conhecimentos sobre a selva contribuem para a subsistência dos grupos tradicionais da região; contudo, suas condições de vida são dificultadas pela ação dos desbravadores e detentores do poder político e econômico, que os marginalizam, agravando a desigualdade social: “O lugarejo, com as choupanas iluminadas por velas e lamparinas se assemelhava a uma metade de cruz. Aos olhos de quem chegava, parecia mais uma cruz tortuosa e miserável, com ar de quilombo ou aldeia indígena aniquilada por brancos” (GONÇALVES, 2014, p. 108). A trama denuncia que, além das mortes por assassinato, a situação era agravada pelo difícil acesso ao atendimento em caso de doenças como a malária, pois os médicos e enfermeiros ficavam distantes: “[...] pessoas morrendo em meio a uma febre lancinante. Outras doenças como a lepra também assustavam. Numa pequena aldeia, só havia leprosos, que fediam a distância. Os mortos eram enterrados em redes trançadas com folhas de palmeira” (GONÇALVES, 2014, p. 225).

A articulação do discurso subjacente à narrativa *Sangue Verde* problematiza os impactos causados pela ocupação dos espaços da Amazônia, deixando transparecer uma realidade cruel, que é resignificada nesses escritos. O texto desilude, ao desvelar uma visão realista acerca da situação ficcionada. Mas também dele emergem contrapontos que indicam possibilidades de mudança, como ocorre na materialização dos personagens Maracanã, Rodolfo e Conrad Verdi. Em meio ao judiciário contaminado, há o juiz Rodolfo, homem corajoso, trabalhador e honesto, que queria uma justiça limpa. Ele recebe uma fita de vídeo enviada anonimamente pelo jovem índio Maracanã, gravada com uma filmadora que havia sido levada à tribo indígena por Conrad Verdi, um poeta ambientalista, considerado louco pela sociedade. O propósito era de que a fita fosse produzida para mostrar o índio na visão do índio, desencadeando uma retomada de antigas tradições na aldeia. Isso se deu porque os anciões lembraram de conhecimentos passados por seus ancestrais, o que propiciou que os indígenas daquela tribo refizessem suas vestes, pintassem o corpo e recriassem rituais que haviam sido esquecidos há mais de 20 anos. Configurou-se, assim, a resignificação das memórias da tribo, pelo saber-fazer que foi compartilhado pelos anciões sobre o seu patrimônio cultural. Esse recurso possibilitou ainda a articulação de formas de resistência ao poder instituído, pois Maracanã filmou chacinas de índios, derrubadas e queimadas ilegais na floresta, dentre outras situações, que serviram de material para as denúncias feitas pelo juiz Rodolfo que, por sua vez, encaminhou várias prisões de mandantes.

Discurso que emana a ideia das tecnologias como contribuintes para as ações dos personagens representativos dos desbravadores, bem como aliadas em defesa da manutenção da floresta e dos povos nativos. O uso de maquinários, produtos químicos nos garimpos, agrotóxicos e sementes transgênicas nas lavouras, além do armamento utilizado para matar os povos originários da região que defendiam suas terras, fazem alegoria a uma modernização fundamentada na ambição desenfreada, sempre em busca de um novo clímax. Em contrapartida, o uso de chip para rastrear árvores e preservá-las e a filmadora utilizada por Maracanã para registrar a recriação de tradições da tribo e para a denúncia de ataques que a aldeia sofria remetem à necessidade de as populações não permanecerem à margem do progresso, sob pena de serem massacradas. Há passagens que ilustram uma visão otimista para o futuro, considerando que o romance foi escrito antes da primeira metade da década de 2000: “Em pouco tempo, até os índios terão internet gratuita e estarão falando com o mundo, sem sair da aldeia. E as revoluções virão de pessoas comuns sem liderança alguma” (GONÇALVES, 2014, p. 362).

Evidencia-se, assim, no discurso subjacente ao texto de que as civilizações não são estanques, as populações tradicionais não devem submeter-se aos mandatários, nem aceitar o papel de vítimas do sistema e sim agregar seus conhecimentos e tradições à luta pela sua autonomia e pela construção de uma forma digna de vida, desenvolvendo meios de resiliência às agressões que lhes são impostas. Maracanã, que ao final se torna o cacique da tribo, é um índio indignado com a situação do seu povo, que reivindica meios para melhorar as condições da aldeia e preservar a sua cultura; juiz Rodolfo representa um contraponto à corrupção, atuando como uma exceção dentro do judiciário e enfrentando os problemas do sistema; Conrad Verdi representa a arte, como algo que está acima da ganância de determinadas pessoas da sociedade: “[...] parava no meio da rua, entre caboclos, madeireiros, índios e a pretensa nova burguesia que se formava, enfiado naquelas roupas esquisitas, feito um espantalho, e declamava versos” (GONÇALVES, 2014, p. 313). O enredo desvela que, quando determinados integrantes da sociedade, representados por esses personagens pertencentes a grupos distintos, têm interesse na redução da violência e da desigualdade social e desenvolvem ações como aliados, há possibilidades de êxito.

Outros personagens representativos de contrapontos à ganância predominante na selva, são Doca, Maria Sucuri e Zé das Trilhas. Doca teve sua família assassinada em São Paulo, sobreviveu à violência no garimpo Cascalho Rico, demonstrou a capacidade de esconder uma pedra de ouro que encontrou e fugiu do garimpo pela mata, livrando-se dos mandatários. Ao final, Doca reencontrou-se com Maria Sucuri, mulher que ele havia conhecido em um

prostíbulo como Matildes. Ela era a menina salva do ataque da cobra sucuri pelo mateiro Zé das Trilhas, um explorador das matas. Dentre as árvores centenárias da floresta, havia uma sapopema, com suas raízes frondosas que, na narrativa, serviam de abrigo noturno para Zé das Trilhas. Ele tirava da selva somente o que precisa para viver e sonhava encontrar o ouro, mas se sentiu mais gratificado quando salvou a menina da morte pela sucuri. Ao final da trama, ele se depara com uma bolsa de ouro que havia sido escondida na raiz da árvore onde costumava dormir por um fugitivo assassinado. Os personagens se encontram e os núcleos dramáticos da narrativa se conectam, por meio de um enredo articulado pelo discurso de que a luta por uma vida melhor é uma necessidade humana e a vitória é conquistada pela resistência à ambição desmedida que corrói a alma.

Um elemento emblemático inserido no enredo é a pedra negra, a metáfora dos enigmas da selva: “A Grande Pedra Negra, com a orquídea no alto, no meio do vale, mantinha-se imóvel há milhares de anos, sem se preocupar com a raça humana” (GONÇALVES, 2014, p. 234). A pedra simplesmente existia, soberana, a despeito da veneração que atraía e dos mistérios que a envolviam e, portanto, pode ser vista como um contraponto à cobiça que incita as ações dos destruidores da mata. Ao seu redor, uma seita de estrangeiros havia se instalado e a adorava como um ser que emanava a energia impregnada pelas forças dos rios, da floresta e do céu. Esses adoradores foram mortos por envenenamento com o uso de ervas preparadas por Pajeú, um velho índio de uma tribo dizimada, como vingança pelos invasores estarem usando em seus rituais um chá produzido a partir de um conhecimento indígena antigo. A construção metafísica da linguagem indica o contraponto pela representação tanto da vida em seu estado natural quanto da morte.

## **CONSIDERAÇÕES**

A análise discursiva do romance *Sangue Verde* denota ressignificações proporcionadas por esses escritos literários acerca da problemática desencadeada pelas ações agressivas ao ambiente natural da Amazônia em sua biodiversidade, trazendo à tona as condições de vida às quais foram submetidos os grupos sociais minoritários. Designa a (re)criação de um Brasil com inúmeros problemas sociais, como a ocupação dos espaços da Amazônia, marcados pelo desmatamento, pela poluição do solo e dos rios, impulsionada pela ambição desmedida em busca da riqueza.

A representação simbólica desse contexto sociocultural denota que as transformações das paisagens naturais, a partir da ocupação pelos garimpos, pelas plantações agrícolas e

campos de criação de gado, ocasionaram a marginalização das populações tradicionais, notadamente os índios, os ribeirinhos, os quilombolas e as famílias que subsistiam da agricultura familiar.

Caracteriza-se como uma narrativa aberta, composta por vários núcleos temáticos que se entrecruzam na abordagem de questões da sociedade. Não abre exceções a nenhum segmento, ao denunciar a corrupção presente nos poderes executivo, legislativo e judiciário e a insuficiência de políticas direcionadas às ações invasivas e impactantes na ocupação dos espaços da Amazônia. Em decorrência, desvela as ameaças à vida das populações tradicionais da região, bem como aponta formas de resistência dessas diante das agressões que lhes foram impostas, por meio do trabalho conjunto de pessoas pertencentes aos vários segmentos sociais.

## REFERÊNCIAS

CÂNDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 8 ed. São Paulo: T. A. Queirós, 2000.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. 2 ed. Campinas – SP: Papyrus, 1995.

GONÇALVES, David. **Sangue verde**. Joinville: Sucesso Pocket, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade** (1976). [tradução Maria Ermantina Galvão]. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte**. [trad. Renata Santini]. São Paulo: N-1Edições, 2018.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. **Encantamento: sobre política de vida**. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

David Gonçalves é um narrador ligado à tradição oral, que ressignifica as histórias contadas pelo povo e insere em seus escritos sentidos da cultura que perpassam o contexto social. Textualidades que fluem da memória coletiva e revelam expectativas e sonhos de indivíduos e grupos sociais em suas vivências com a terra, bem como seus dramas e dores ao serem afastados do espaço natural. Os escritos *Pés Vermelhos*, *Pó e Sombra*, *O Sol dos Trópicos* e *Sangue Verde* narram a trajetória desses personagens migrantes, que inicia com a chegada deles a *Quadrínculo*, segue contando sobre a expulsão de muitos deles do campo no processo do êxodo rural e denuncia a situação de exclusão a qual muitos deles foram submetidos a partir da dissolução dos seus vínculos com a terra, em contextos de corrupção política, contradições socioeconômicas e desigualdade social. Em decorrência, indica as intermitências que afetaram o seu modo de vida. A recriação dessas experiências é articulada de forma triangular, pela relação ser humano-terra-tecnologia, que se converte na força motriz desencadeadora da saga desses migrantes. As construções alegóricas dos personagens e dos cenários, o sertão, a floresta e as cidades, com seus encantos e problemas, propõem novas percepções acerca das circunstâncias representadas, em proveito da crítica sociopolítica.

Escritos literários que re(criam) painéis multiculturais, a partir da coexistência de migrantes vindos de diversas partes do país e do mundo, que trouxeram suas culturas e passaram a conviver com as demais. Nesse universo em constante movimento emerge o modo de vida simples desses indivíduos e grupos sociais, a música característica do seu local de origem materializada na moda caipira, que expressa seus sentimentos, seus costumes, bem como os ditos populares que traduzem formas de pensamentos cristalizados na memória desses grupos sociais.

*Pés Vermelhos* narra o início da saga dos colonizadores que chegaram ao norte do Paraná a partir da década de 40 e formaram o povoado metaforicamente denominado de *Quadrínculo*. Esse vilarejo, hoje cidade, como outras da região que se desenvolveram naquele período, constitui um laboratório étnico em ação. Espaços ocupados por paulistas, catarinenses, gaúchos, mineiros, baianos, cearenses, pernambucanos, portugueses, alemães, japoneses, italianos, espanhóis, dentre outros. A pluralidade cultural atravessa as obras analisadas; em *O Sol dos Trópicos*, *Pó e Sombra* e *Sangue Verde*, os imigrantes que se deslocaram para os centros urbanos e para os garimpos a partir das décadas de 1970 também são oriundos de culturas diversas e denotam traços culturais de suas regiões ou países em uma nova conjuntura.

Em *Pés-vermelhos*, a linguagem figurada dos escritos literários une personagens e terra, apontando para a simbiose entre eles. Indica a conexão dos trabalhadores do campo com a natureza, assinalando que dela emana a cultura desses grupos sociais; seu modo de vida e seus sonhos são intrinsecamente ligados ao espaço natural onde habitam. Os personagens dos sitiantes de *Quadrângulo em Pés Vermelhos e O Sol dos Trópicos* e da Amazônia em *Sangue Verde*, bem como as populações nativas, figuram em seus casebres de poucos cômodos e se caracterizam pela vida ligada às coisas da terra, com uma tradição alimentar de produção basicamente própria, subsistindo dos produtos colhidos nas pequenas propriedades ou agrupamentos sociais e desenvolvendo uma relação de pertencimento com o meio natural.

Em contrapartida, as narrativas contextualizam a destruição dos espaços naturais que interfere no modo de vida desses personagens. A poluição do solo, da floresta e dos rios, o avanço da agricultura intensiva e da criação de gado em grande escala que, em *Sangue Verde*, liga-se também à instalação dos garimpos. Denotam o desmatamento acelerado, as queimadas, a grilagem de terras pertencentes aos pequenos sitiantes e às reservas indígenas, a ganância que instaurou o caos em nome do progresso. A destruição do ambiente natural se converte em um contexto ressignificado na obra literária, que adverte sobre a perda da biodiversidade e os ataques aos povos da região, na disputa pelas riquezas dessas terras. Aciona intenções reflexivas acerca da busca pela fortuna gerada pela ambição desmedida, que cria uma constante necessidade de clímax e, para alcançá-lo, o ser humano é capaz de agir contra o próprio ser humano. Em *Pó e Sombra* os índices socioambientais estão associados à poluição do Rio Cachoeira e da Baía Babitonga, problemas causados por políticas que desconsideram um planejamento urbano em harmonia com o meio ambiente.

A narrativa *Pés-Vermelhos* indica as mudanças nos meios de transporte, a instalação da ferrovia que ligou regiões, a chegada da energia elétrica, os avanços na disseminação da informação veiculada pela mídia. A mecanização da lavoura, aliada à geada negra em meados da década de 1970 são fatores que impulsionam o êxodo rural e o aumento da população excluída nas cidades, os migrantes trabalhadores informais que figuram em *O Sol dos Trópicos* e *Pó e Sombra*, bem como aqueles que migram para a Amazônia para trabalharem nos garimpos ou nas fazendas em *Sangue Verde*.

A crítica sociopolítica é articulada pela representação da condição humana dos migrantes que vivem em situação miserável nas cidades e as populações agredidas por meio da atuação dos garimpos no Cerrado e na Amazônia. Essas textualidades suscitam apreciação quanto à exploração e à exclusão de indivíduos e grupos sociais deslocados do seu espaço natural em função do interesse dominante e tecem indagações sobre como essa ruptura atua

em sua formação cultural, bem como os embates culturais desencadeados pelos processos migratórios.

O contraponto é articulado pelas formas de resiliência deles diante das adversidades e a união de forças diante das investidas do poder; a busca pela manutenção ou (re)criação de traços culturais presentes nas festas, tradições, música caipira e a arte como meio de expressão. A literatura como um bem cultural suscita discussões acerca das relações entre a sociedade e o patrimônio cultural.

As tramas narrativas de David Gonçalves são perpassadas por indícios que favorecem a relação transversal entre escritor-escritura-leitor. No espaço da subjetividade, por meio das vivências alegóricas que (re)criam sentidos e mobilizam críticas, em sintonia com situações observadas em uma realidade regional, a literatura dialoga com as várias áreas do conhecimento na abordagem de questões que remetem ao contexto amplo da humanidade, pois estão presentes em práticas sociais variadas. O campo ativo da criatividade que se abre na literatura se converte em um espaço de discussão sobre o contexto sociopolítico. A articulação da linguagem nos escritos literários, utilizada em proveito da sensibilização do interlocutor, favorece outra forma de perceber a realidade, de lançar outros olhares para os cenários projetados. Resignificação que propõe ao interlocutor atribuir novos sentidos a essas experiências simbólicas, a partir das suas vivências. Ainda que as alegorias inseridas no texto não tenham sido construídas daquela forma, elas têm o potencial de conectar o leitor ao seu passado e abrem possibilidades para revê-lo, despertando um novo olhar e uma nova compreensão sobre o presente; em decorrência, atuam na construção de novas hipóteses para o futuro.

## REFERÊNCIAS GERAIS

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoievski**. [Trad. Paulo Bezerra]. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. [Trad. Paulo Bezerra]. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 6 ed. [Trad. Aurora Fornoni Bernardini et. al]. São Paulo: Hucitec, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13. ed. [Trad. M. Lahud; Y. F. Vieira]. São Paulo: Hucitec, 2012.

BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. [Trad. Izidoro Blikstein]. São Paulo: Cultrix, USP, 1971.

BARTHES, Roland. **Aula**. Aula inaugural de semiologia literária do Colégio de França. 7/01/1977. [Trad. Leyla Perrone-Moisés]. São Paulo: Cultrix, 1978.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. [Trad. Hortênsia dos Santos]. Rio de Janeiro: F. Alves, 1995.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. [Trad. J. Guinsburg]. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. 3. ed. [Trad. Mario Laranjeira]. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CÂNDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira**, v 1, 5 ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1975.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 8 ed. São Paulo: Queroz, 2000.

CÂNDIDO, Antônio. **Vários escritos** 4 ed. São Paulo/Rio de Janeiro, 2004.

CORALINA, Cora. **Textos e contextos: poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. São Paulo: Global, 1997.

COSTA LIMA, Luiz (org). **A literatura e o leitor**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

- CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. 2 ed. Campinas – SP: Papirus, 2001.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2013.
- FAUSTO, Boris. A revolução de 1930. In: MOTA, Carlos Guilherme (org.) **Brasil em perspectiva**. 19 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. [Trad. Izabel Magalhães (coord.)]. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade** (1976). [tradução Maria Ermantina Galvão]. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GONÇALVES, David. **O sol dos trópicos** [1961]. 3 ed. Joinville: Sucesso Pocket, 2010.
- GONÇALVES, David. Pó e sombra [2006]. 3 ed. In: GONÇALVES, David. **Paixão cega e outras histórias**. Joinville: Sucesso Pocket, 2010.
- GONÇALVES, David. **Sangue verde**. Joinville: Sucesso Pocket, 2014.
- GONÇALVES, David. **Pés-vermelhos**. Joinville: Sucesso Pocket, 2017.
- GONÇALVES, David. **Revisitando onde tudo começou 2020**. [Depoimento em vídeo gravado pelo escritor David Gonçalves]. Disponível em: <<https://youtube.com/watch?v=dFVaqrnmCXg>>. Acesso em set 2020.
- GONÇALVES, David. **Biografia, 2021**. Disponível em <<https://www.davidgoncalves-escritor.com>>. Acesso em maio 2021.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. [tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro]. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.
- KRENAK, Ailton. **Krenak: sobreviventes do vale**, 2017 [documentário]. Disponível em: <<https://canaisglobo.globo.com/c/futura/>>. Acesso em ago. 2021.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LÜCK, Heloisa. **Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. **Interdisciplinaridade aplicada**. São Paulo: Érica, 2008.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. In: **I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural, 2009, Ouro Preto. Anais**. Brasília: IPHAN, 2012. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Anais2\\_vol1\\_ForumPatrimonio\\_m.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Anais2_vol1_ForumPatrimonio_m.pdf)>. Acesso em: mar. 2020.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte. [tradu. Renata Santini]. São Paulo: N-1Edições, 2018.

MOTTA, Márcia Maria Menendes. A grilagem como legado. In: MOTTA, Márcia Maria Menendes; PIÑEIRO, Théo Lobarinhas. **Voluntariado e universo rural**. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2002.

MOTTA, Márcia. **Dicionário da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

PANOBIANCO, Daniel. 35 anos da geada de 1975. **Revista Cafeicultura**, edição especial de 18 de julho de 2010. Disponível em: <<https://revistacafeicultura.com.br/index.php?mat=34022>>. Acesso em jul 2021.

SARLO, Beatriz. Crítica do testemunho: sujeito e experiência. In: SARLO, Beatriz. **Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Cia das Letras, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. [Trad. Antônio Cheline, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein]. São Paulo: Cultrix, 1970.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. **Encantamento**: sobre política de vida. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

S. THIAGO, Raquel. Joinville: cultura e história. In: **Joinville 150 anos**. Joinville: Letradágua, 2001.

VENÁ, Viviane de Souza. **A (des)construção da paisagem nos itinerários Maringá Londrina**: ferrovia, BR 376 E BR 369 [Dissertação de Mestrado]. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2007. Disponível em: <[http://bdtd.ibict.br/vufind/Search/Results?sort=title&lookfor=%22Londrina%20FPR%22&type=Subject&filter%5B%5D=dc.subject.por.fl\\_str\\_mv%3A%22Brazil.%22](http://bdtd.ibict.br/vufind/Search/Results?sort=title&lookfor=%22Londrina%20FPR%22&type=Subject&filter%5B%5D=dc.subject.por.fl_str_mv%3A%22Brazil.%22)>. Acesso em out. 2021.

### Termo de Autorização para Publicação de Teses e Dissertações

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação, autorizo a Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE) a disponibilizar em ambiente digital institucional, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/IBICT) e/ou outras bases de dados científicas, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o texto integral da obra abaixo citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data 16/03/2022.

1. Identificação do material bibliográfico: ( ) Tese (x) Dissertação ( ) Trabalho de Conclusão

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

Autor: Cladir Gava

Orientador: Dra Taiza Mara Rauen Moraes

Data de Defesa: 16/02/2022

Título: A multiplicidade cultural e a crítica sociopolítica nas narrativas de David Gonçalves:

*Pés-Vermelhos, Pó e Sombra, O Sol dos Trópicos e Sangue Verde*

Instituição de Defesa: Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE

3. Informação de acesso ao documento:

Pode ser liberado para publicação integral (x) Sim

( ) Não

Havendo concordância com a publicação eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese, dissertação ou relatório técnico.



---

Assinatura do autor      Joinville, 16 de março de 2022